

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Uma sociedade para todas as idades:

Processos do habitar a casa e a cidade

Maria Moura de Abreu

M

2016



Maria Moura de Abreu

Orientador: Prof. Carlos Nuno Lacerda Lopes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

FAUP

2016

O corpo de texto da presente Dissertação foi escrito de acordo com o novo Acordo Ortográfico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão, a minha *casa* de sempre e para sempre

Ao 136 e ao 401, as duas casas destes anos

Aos amigos dessas casas e de outras

Ao orientador e professor Arq. Nuno Lacerda Lopes, pelo conhecimento e
disponibilidade

A todos os habitantes das *ilhas*, por me abrirem as portas das suas casas

RESUMO

A presente dissertação é composta por capítulos designados por *mundos* que, apesar de organizados, se cruzam e completam; mundos que representam um conjunto de ideias, reflexões e casos de estudo inspiradores e essenciais ao processo de pensamento sobre *uma sociedade para todas as idades*¹.

Os *mundos*, servindo-nos da definição de Karl Popper³ e reinterpretando-a neste contexto, representam diferentes tipos de análise aos temas escolhidos para a construção *dessa sociedade* e desta dissertação: o **envelhecimento da população mundial**, como o maior problema apontado pelo regulamento do concurso *A society for all ages*; **as ilhas da cidade do Porto**, como “tema” escolhido em resposta ao concurso; e o habitar a *casa* e a *cidade*, como *processos* intrinsecamente ligados aos temas anteriores.

Precisamente por, no âmbito desta reflexão, todos se influenciarem e não poderem estar dissociados, são os quatro temas que definem cada um dos mundos e que, ao mesmo tempo, os interligam.

Primeiro, apresentamos o *mundo* da problematização sobre os quatro temas e, consequência dessa problematização, o resultado da reflexão desenvolvida para o concurso, a primeira aproximação projetual. De seguida, uma visão mais subjetiva sobre os mesmos quatro temas, memórias individuais e coletivas, que acrescenta uma nova coordenada no processo do pensamento criativo - é o segundo *mundo*. O terceiro, uma outra proposta para outra *ilha* do Porto, tão concetual e desprestenciosa quanto a primeira, é o resultado de ambos e, portanto, também lhes pertence.

O *processo* começa assim no abstrato, com um conjunto de ideias para a Ilha do Lampião; passa pelo real, com o convite de reabilitação do Bairro da Travessa da Póvoa, e não tem como objetivo um fim ou conclusão, apenas um início - “Amo los inicios. Yo creo que el inicio es lo que garantiza la prosecución.”² – que tem tanto de certezas quanto incertezas, tanto de utópico quanto necessário.

1 Premissa lançada por um concurso internacional destinado a estudantes de arquitetura e que se estende, agora, como tema central desta dissertação

2 KAHN, Louis, *Amo los inicios*, in NORBERG-SCHULZ, Christian; DIGERUD, Jan, *Louis Kahn, Idea e Imagen*, Madrid: Xarait Ediciones, 1973, p.343

ABSTRACT

The present dissertation compounds chapters denominated as *worlds*. Despite being organized, these worlds cross and complete each other, they represent a set of ideas, considerations and inspiring case studies that are essential to the process of thought about *a society for all ages*¹.

The worlds, adopting Karl Popper's definition and applying it to this context, represent different types of analysis of the chosen subjects for the construction of that society and this dissertation: the **world population aging**, as the biggest problem presented by the *A society for all ages* contest regulation; the **"ilhas" of Porto**, as the "theme" chosen as a response to the contest; and the inhabit of the *house* and the *city*, as intrinsically linked actions to the previous subjects.

As a result of this consideration and all the worlds coexisting, they can not be dissociated. The four themes define each world and, at the same time, links them.

First we introduce the problematization *world* about the four themes and, as a consequence of that, the result of the study developed for the contest, the first approach of the project. Next, a more subjective view about the same four themes, as individual and collective memories that add a new counterpart in the developed creative thought process - this is the second *world*. The third, a proposal for a different "ilha" in Porto, as unpretentious and theoretical as the first one, acts like a result of the previous worlds, therefore, complementing them.

The development process starts in the abstract, with a group of ideas for the "Ilha do Lampião", in hand with reality, with an invite for the rehabilitation of the "Bairro da Travessa da Póvoa", not bearing in mind the end goal or conclusion of the project but just the beginning - "Amo los inicios. Yo creo que el inicio es lo que garantiza la prosecución."² - which has as much of certainties as uncertainties, as much of utopian, as necessary.

1 International competition for architecture students which theme is the main focus of this dissertation

2 KAHN, Louis, *Amo los inicios*, in NORBERG-SCHULZ, Christian; DIGERUD, Jan, *Louis Kahn, Idea e Imagen*, Madrid: Xarait Ediciones, 1973, p.343

“Temos pois o Mundo 1, o Mundo físico, que dividimos em corpos animados e inanimados e que compreende também estados e processos, como sejam tensões, movimentos, energia, campos de força. E temos o Mundo 2, o mundo de todas as emoções conscientes e, presumivelmente, de emoções inconscientes. Aquilo que eu designo por Mundo 3 é o mundo dos produtos objetivos do espírito humano, logo o mundo dos produtos da parte humana do Mundo 2. O Mundo 3, o mundo dos produtos do espírito humano, contém coisas como livros, sinfonais, esculturas, sapatos, aviões, computadores, assim como, certamente, objetos materiais que pertencem simultaneamente ao Mundo 1. (...) é importante que todos os produtos voluntários ou intencionais da atividade intelectual sejam classificados como Mundo 3.”³

3 POPPER, Karl, *Em busca de um mundo melhor*, Lisboa, Editorial Fragmentos, (2ªed.), (Trad. T. Curvelo), Junho 1989, p.21

ÍNDICE

Resumo / Abstract	
Nota Introdutória	8
MUNDO UM	
Estados	
1.1. sobre o envelhecimento populacional	13
1.2. sobre as <i>ilhas</i> do Porto, duas em particular	31
Processos	
1.3. do habitar a casa	55
1.4. do habitar a cidade	91
Campos de força	
1.5. concurso de ideias <i>A society for all ages</i>	111
MUNDO DOIS	
Registos	
2.1. da memória individual	129
2.1.1. a casa fechada	131
2.2.2. o fechar da casa	135
2.2. da memória coletiva	141
2.2.1. habitar na Ilha do Lampião	145
2.2.2. habitar no Bairro da Travessa da Póvoa	147
2.3. do esquecimento coletivo	149
MUNDO TRÊS	
Intenções	
3.1. para o Bairro da Travessa da Póvoa	159
Bibliografia	175
Créditos de imagens	181
Anexos	183

NOTA INTRODUTÓRIA

Numa sociedade envelhecida, é fundamental o incentivo à interação com outras gerações, à participação em atividades que estimulem o convívio e a produtividade e à melhoria da qualidade de vida e de condições de habitação. O concurso *A society for all ages*, promovido pela organização ICCC em parceria com a ONU e o seu programa *Human Settlements*, no âmbito da conferência internacional *Caring Communities for the 21th Century: Imagining the Possible*, foi o mote para o início desta reflexão, visto querer motivar estudantes de arquitetura de todo o mundo a projetar comunidades multi-geracionais e diversificadas, adaptadas e pensadas especialmente para a terceira idade e para o seu envolvimento social na comunidade.

A escolha do local de intervenção (país/cidade/região), bem como o programa proposto, ficava a cargo dos participantes, sendo valorizada a pertinência da decisão.

Pela mesma altura do lançamento desse desafio, um relatório de análise da população mundial pôs Portugal em quarto lugar na lista dos países que estão a envelhecer drasticamente e foi a partir daí que a escolha da cidade do Porto se definiu como muito pertinente. É, de facto, uma cidade envelhecida, principalmente na zona do centro histórico que, apesar do estímulo de recuperação que tem recebido⁴, continua fortemente caracterizada por zonas degradadas e obsoletas, maioritariamente habitadas por idosos isolados. Em específico e de acordo com os dados dos Censos de 2011, a União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, correspondente à área do centro histórico e centro da cidade, é onde reside a maior proporção de idosos no concelho do Porto.⁵

A proximidade de serviços e oportunidades aí existentes, faz do património construído uma valiosa herança urbana que deve ser mantida, não só para evitar a desertificação do centro da cidade como para garantir a qualidade de vida de quem ainda aí permanece, reconhecendo-lhes “(...) o direito de

4 MOREIRA, Rui; PIZARRO, Manuel in BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Município do Porto, 2015, pág. 3

5 Insitute Nacional de Estatística, *Censos 2011*. Disponível em <2011http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS> Consultado em Outubro de 2015

Cidade”⁶ - “Se gosto de viver aqui? Neste paraíso? É uma paz. Pomos a cabeça fora do portão e estamos na baixa.”⁷

No contexto do concurso era pretendido que, através da prática da arquitetura como agente social, se apresentassem soluções de combate a conflitos geracionais e condições de habitação precária, tendo como objetivos a cumprir cinco principais palavras-chave - *Dignity, Connectivity, Symbiosis, Location, Security* - dadas pelo regulamento [ver anexo 01].

Assim sendo, pondo de parte a criação de qualquer nova estrutura e, antes, valorizando património e a necessidade de levar conforto e os referidos pontos-chave para onde as pessoas necessitam, surgiu a ideia de concorrer com uma proposta de reabilitação. Sequencialmente, bastou a referência no regulamento do concurso ao fator replicabilidade como um ponto a favor de qualquer proposta, e a afirmação de moradores de *ilhas* como a acima citada, para que estes núcleos de habitação se definissem como caso de projeto. Para além de serem locais de habitação com condições menores, ainda nos dias de hoje, para mais de dez mil portuenses⁸, grande percentagem da população reside há muito tempo no local⁹ e é, por isso, constituída por idosos, em muitos casos sozinhos e sem capacidade financeira, nem vontade, de procurar outras soluções.

Por tudo isto, “o esforço de requalificação e regeneração urbana da cidade deve, evidentemente, chegar às *ilhas*”¹⁰ e, apesar da intervenção poder não ser adequada ou justificável em muitas delas, “(...) em muitas outras, será possível atuar, resolvendo problemas estruturais e criando condições de segurança e conforto adequadas aos nossos dias.”¹¹

Após a participação com uma proposta para a Ilha do Lampião, na Rua dos Bragas (Cedofeita, Porto), e a premiação com a Menção Honrosa [ver anexo 02], surge um novo desafio, agora em contexto real, para a reabilitação do Bairro da Travessa da Póvoa (Bonfim, Porto), associado à antiga Fábrica de

6 MOREIRA, Rui; PIZARRO, Manuel in BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Município do Porto, 2015, pág. 3

7 Porto 24, *Recuperar a ilha da Belavista é “um milhão de estrelas” para os moradores*. Disponível em <<http://www.porto24.pt/cidade/recuperar-ilha-da-belavista-e-um-milhao-de-estrelas-para-moradores/>> Consultado em Outubro de 2015

8 MOREIRA, Rui; PIZARRO, Manuel in BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Op. Cit.*

9 *ibidem*

10 *ibidem*

11 *ibidem*

Curtumes Gaspar Cardoso. Não há programa estipulado pelos proprietários, apenas uma grande vontade de dinamizar os 17 000 m² com um programa vantajoso para toda a comunidade e envolvente, e de melhorar a habitabilidade da *ilha*.

Em contexto de dissertação, o objetivo, muito mais que o desenvolvimento de um projeto, passa por aprofundar e entender a realidade das *ilhas* do Porto, relacionando-as com o tema do envelhecimento e isolamento da população e com a procura de possíveis soluções para novos *processos* de habitar nesses núcleos, planeando a sua integração na cidade e a criação, ou manutenção, de atmosferas de comunidade e bem-estar para todos.

O desafio é, com os mesmos temas, produzir ideias de renovação para ambas as *ilhas* que, apesar de morfologicamente se encaixarem no mesmo modelo, possuem várias, e importantes, diferenças na relação que estabelecem com a cidade – “cada *ilha*, apesar das parecenças formais, é uma circunstância.”¹²

Serão exploradas ideias de integração social e mistura de gerações, através da expansão dos espaços de comunidade, assim como de melhoria da habitabilidade, tentando nunca desvirtuar e, pelo contrário, evidenciar o que caracteriza ambas as *ilhas*.

Durante esta reflexão, para além do tema do envelhecimento populacional e das *ilhas* da cidade do Porto, considerar-se-à, num âmbito mais alargado, a análise aos *processos* de habitar a *casa* e a *cidade*, sempre acompanhada por estudos e obras inspiradoras para o *processo* de construção de um pensamento e que, acima de tudo, constituíram resposta (ou tentativa de) a um determinado problema ou situação do seu tempo que, direta ou indiretamente, influenciou a perceção das formas de habitar. Pois que “na arquitetura, na pintura, na escultura temos que atualizar-nos; devemos fazê-lo, porém, em face duma totalização da experiência dos outros, quer dizer, aproveitando dos outros aquilo que pode servir aos nossos conceitos. Fazendo assim teremos imenso a lucrar e pouco a perder.”¹³

12 Nuno Lacerda Lopes, durante uma reunião de trabalho

13 MENDES, Manuel, *Uma porta pode ser um romance in Fernando Távora: minha casa: da organização do espaço: da harmonia do nosso espaço contemporâneo: uma porta pode ser um romance*, coord. José Miguel Rodrigues, Manuel Mendes, Rui Ramos, Porto: FIAJMS, 2013, p. 45

MUNDO UM

“Antes de receitar / Diagnosticar a doença / E entender o que a provoca”¹⁴

¹⁴ PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, Vol.1 A cidade feita e refeita*, Guimarães: DAAUM, 2012, p.158

“The number of **older persons**, who are living in cities, towns, suburbs, and rural areas around the world, **is increasing**. Most communities are not prepared for a rapidly **aging population**. Therefore, it is useful for this competition to offer ideas, **novel approaches and innovative concepts**, which could inform the global search for solutions. The goal is to find many ways of **accommodating and integrating** older people as full and productive members of their respective communities.”¹⁵

A população mundial está a envelhecer, e de forma exponencial. Em 2050, o número de idosos será mais elevado que o número de jovens, pela primeira vez na história.¹⁶ Repensar num modelo de integração e bem-estar para essa população é um desafio global e iminente.

Em setembro de 2015, a Organização das Nações Unidas lança um relatório de análise da população mundial que coloca Portugal em quarto lugar, numa lista de seis países que estão a envelhecer muito rapidamente. Aí, prevê-se que em 2050 cerca de 40% da população portuguesa terá mais de 60 anos, percentagem que fica acima da média europeia. Antes de Portugal está o Japão, Coreia do Sul e Espanha, sendo que Grécia e Itália aparecem em quinto e sexto lugar, respetivamente. Em termos mundiais, a percentagem de idosos irá passar de 12,3% (2015) para 21,5%, nos próximos 35 anos.¹⁷

Simultaneamente, e acredita-se que em jeito de estímulo e alerta para os mais jovens, surge o desafio de criar soluções para *uma sociedade para todas as idades*¹⁸, um concurso de ideias dedicado a estudantes de arquitetura de todo o mundo, promovido pela organização ICCC - *International Council for Caring Communities* - em parceria com o programa *Human Settlements* da Organização das Nações Unidas. Dentro dos objetivos, pedem-se soluções que combatam a ideia de invalidez dos mais velhos, que possibilitem o contacto entre gerações e que reflitam acerca das condições e necessidades de

15 Excerto do regulamento do concurso *A society for all ages*, completo no anexo 01

16 Department of Economic and Social Affairs Population Division – United Nations, *World Population Aging: 1950 – 2050*, New York: United Nations Publications, 2002, p. xxviii in FEDDERSEN, Eckhard; LÜDTKE, Insa, *Living for the elderly: a design manual*, Berlim: Christel Kapitzk, 2012, p.8, disponível em < <https://books.google.pt/books?id=FA0sz2yF64Y-C&printsec=frontcover> > Consultado em Outubro de 2015

17 Economic and Social Affairs, *World Population Prospects*, New York, United States, 2015, p.27-3, disponível em < https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/Key_Findings_WPP_2015.pdf > Consultado em Outubro de 2015

18 *A society for all ages*- nome do concurso

habitação, como fator essencial de (viver com) dignidade. A participação no concurso é o ponto de partida para esta reflexão, que se serve dos próximos temas para chegar ao resultado proposto e apresentado no final deste capítulo.

São muitas as razões pelas quais a população vive mais tempo, e esse envelhecimento populacional, por si só, pode considerar-se, em vários aspetos, uma história de sucesso demográfico.¹⁹

De facto, os progressos alcançados na redução da mortalidade infantil, na melhoria de acesso à educação e a oportunidades de emprego, no avanço pela igualdade de género e na promoção do planeamento familiar e da saúde reprodutiva, foram todos fatores de redução da taxa de natalidade e de melhoria da qualidade de vida. Para além disso, avanços na saúde pública e na medicina, juntamente com as melhorias nas condições de habitação, significam que as pessoas estão a viver mais e melhor do que nunca.²⁰

Contudo, todos esses fatores estão a produzir, a par das vantagens referidas, muitas alterações substanciais na estrutura social. O envelhecimento populacional está rapidamente a tornar-se numa das mais significantes transformações sociais do século XXI, com implicações em quase todos os setores da sociedade, incluindo nos mercados financeiros e de trabalho, na necessidade por novos produtos e serviços, na habitação, transportes e proteção social, e nas estruturas familiares e nos laços inter-geracionais.²¹

São implicações que, apesar da qualidade de vida atual, não fazem esquecer que, na verdade, o envelhecimento significará sempre inevitáveis alterações no funcionamento do corpo humano, cognitivas, sensoriais, físicas, de mobilidade e destreza.

Tudo isso suscita muitas questões sobre a interação humana com o mundo físico e a sociedade. Chega a fazer lembrar o caos instalado no país, nas imaginárias palavras de Saramago, quando “no dia seguinte, ninguém morreu”

19 Highlights of the Economic and Social Affairs, World Population Prospects document, New York, United States, 2015, p.2 Disponível em < http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WPA2015_Highlights.pdf> Consultado em Outubro de 2015

20 *ibidem*

21 *ibidem*

e, assim, “(...) o maior sonho da humanidade desde o princípio dos tempos, isto é, o gozo feliz de uma vida eterna se havia tornado num bem para todos, como o sol que nasce todos os dias e o ar que respiramos.”²²

Pode soar como uma visão utópica, mesmo dadas as estatísticas demográficas globais, mas é certo que estas reflexões, com o objetivo de estimular o surgimento de comunidades multi-geracionais, bem integradas na cidade, e onde a habitação é cooperante com as necessidades de todos, são cruciais para responder à realidade da longevidade que, felizmente, a maioria dos países ocidentais enfrenta.²³

Os direitos dos idosos tornam-se, então, numa componente muito importante de sustentabilidade social da nossa cultura contemporânea, sendo isso algo que procure o desenvolvimento de programas, produtos e ideias que promovam a interação social e a participação cultural, a proteção e a segurança, o respeito pela diversidade e o bem-estar de uma comunidade global.

Sendo o objetivo primordial que todos beneficiem dessa estrutura social, numa perspectiva *win-win*, é inevitável admitir que o maior beneficiário deve ser esta porção de população envelhecida à qual nos referimos.

O ser-humano é, por excelência, alguém que se adapta facilmente às situações, ao espaço que o envolve e às dinâmicas que o constituem, mas quanto mais nos afastamos da flexibilidade, mobilidade e facilidade de integração que os tempos de juventude nos oferecem, mais necessitamos que o ambiente em redor nos dê possibilidades de permanecermos sem barreiras e dificuldades.

“Is there a new way of building old people’s homes? Should they even be just for old people?”²⁴

Esta é uma questão que, neste contexto, se coloca ao arquiteto e à arquitetura e que procuramos desenvolver no desenrolar do presente capítulo.

22 SARAMAGO, José, *As Intermittências da Morte*, Lisboa, Editorial Caminho, 2005, p. 13, 17

23 GROVE, Sophie, *Generation gaps in Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016, p.124

24 *ibidem*

A Assembleia Geral das Nações Unidas, durante a elaboração do programa *Principles for Older Persons*, reconheceu a importância de perceber onde e como a população idosa vive e desenvolveu uma lista de princípios-chave considerados essenciais à melhoria das condições de habitação e de vida em comunidade: viver em ambientes seguros e adaptáveis a preferências pessoais e a alterações de capacidades físicas; viver na própria casa o máximo de tempo possível, se ainda com capacidades de independência em qualquer atividade essencial ao quotidiano e se assim for o seu desejo; beneficiar de direitos humanos e liberdades fundamentais durante a sua estadia em qualquer serviço de cuidados, incluindo total respeito pela sua dignidade, crenças, necessidades e privacidade; ter acesso a programas educacionais e trabalho ou outras fontes de rendimento; permanecer integrado na sociedade, participar ativamente na formulação e implementação de políticas que afetam diretamente o seu bem-estar e partilhar o seu conhecimento e capacidades com gerações mais novas; entre outros²⁵, de modo a promover uma vida ativa e independente para os idosos, durante o período em que ainda for possível, e de estimular um novo pensamento acerca desta realidade.

Nas últimas décadas têm já surgido algumas ideias nesse âmbito que tentam responder tanto ao isolamento desta parte da população, como a modelos de habitação limitadores e pouco adequados às necessidades e às mudanças pelas quais todos nós, um dia, passaremos.

Fala-se em “*Universal Design*”²⁶, como possível resposta, mas logo se explica que “Universal design does not claim to accommodate everyone in every circumstance. Rather it continuously moves toward this goal of universal usability. Consequently, a more appropriate term may be “Universal Designing”, a verb rather than a noun.”²⁷

Efetivamente, tal como Juhani Pallasmaa também afirma, a arquitetura é melhor definida por verbos do que por nomes, por atos e não por objetos

25 Documento criado na sequência da Assembleia Geral *United Nations Principles for Older Persons* de 16 de Dezembro de 1991. Disponível em <<http://www.ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/OlderPersons.aspx>> Consultado em Julho de 2016

26 “Com raízes no Movimento dos Direitos Cívicos, o termo *Universal Design* refere-se a um desenho sem barreiras e acessível a todos”, criado pelo arquitecto Americano Ronald L. Mace in FEDDERSEN, Eckhard; LÜDTKE, Insa, *Living for the elderly: a design manual*, Berlim: Christel Kapitzk, 2012, p.10. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=FA0sz2yF64YC&printsec=frontcover>> Consultado em Julho de 2016

27 Dr. Edward Steinfeld citado em FEDDERSEN, Eckhard; LÜDTKE, Insa, *Living for the elderly: a design manual*, Berlim: Christel Kapitzk, 2012, p.10. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=FA0sz2yF64YC&printsec=frontcover>> Consultado em Julho de 2016

ou formas. Diz o autor, em *Los ojos de la piel* (1996), que já Alvar Aalto, num ensaio de 1926, reconhecia também essa essência verbal da experiência arquitetônica ao falar do ato de entrar na habitação e não do desenho formal do alpendre ou da porta.²⁸

Falando especificamente da habitação, mas essencialmente da ação habitar (que não só à casa se aplica como também à cidade, temas que à frente serão explorados mais profundamente) e tentando explicar como o termo “*Universal Designing*” é aqui interpretado e de que forma pode ser utilizado, apropriamo-nos das palavras de Eduardo Souto de Moura para constatar que “as tipologias que existem chegam. Já existiram na história, podem ser alteradas, manipuladas, podem sofrer inversões, do género casas antigas que se alteram. (...) mas a tipologia da casa está lá, há é mudanças de usos”²⁹

Mudanças de usos, esses atos, esses “verbos” a que nos referimos, que vêm das mudanças do tempo, da sociedade e de tantas outras coisas, que evoluem e se deixam influenciar consoante a evolução de outros variados fatores; a questão está em possibilitar essa flexibilidade de mudança e a adaptabilidade necessária a uma sociedade, felizmente, constituída por individualidades.

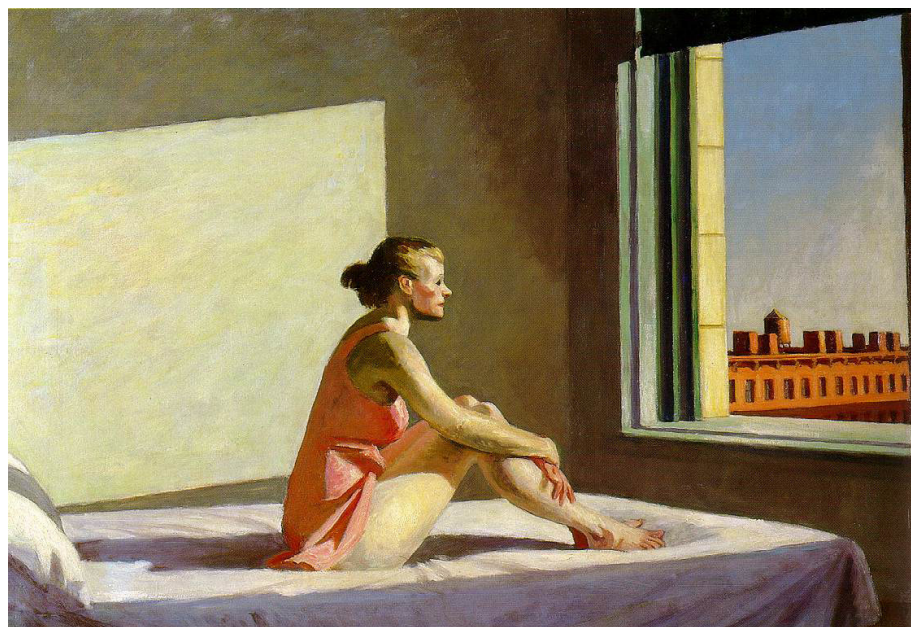
Assim, “*Universal Design(ing)*” torna-se um conceito baseado no senso comum e nas pessoas, em soluções práticas não só para os idosos, mas para todos.

É dessas soluções que a evolução, ou o processo evolutivo da sociedade, é constituída. É de notar que movimentos de inovação e mudança social, desde a alteração do papel da mulher, à legislação dos seus direitos, por exemplo, sempre tiveram repercussões em todos os sentidos do quotidiano e a forma de construir e viver a habitação é um deles.

“O papel da privacidade na organização do espaço doméstico irá sofrer uma progressiva transformação com a reconsideração do papel da mulher, do

28 PALLASMAA, Juhani, *Los ojos de la piel, La arquitectura y los sentidos*, (trad. Moisés Puente e Carles Muro), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, p.76

29 SOUTO DE MOURA, Eduardo in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar- Eduardo Souto de Moura*, V.01, Porto, Edições CIAMH, p. 38



[01]- Edward Hopper, *Morning Sun*, 1952

pudor, da intimidade, das relações entre adultos e crianças, assim como da relação entre patrão e empregados, através da distinção dos seus territórios, como espaços de segregação e integração funcional e dos seus mecanismos de controlo, no seio do espaço da habitação.”³⁰

Faz, pois, parte da evolução do pensamento do Homem que o uso do seu principal fator de conforto, dignidade e individualidade – o espaço da casa - também se altere de acordo com essa evolução. Daí utilizarmos o termo *processo* de habitar, em grande parte do corpo desta reflexão, pois é, de facto, um processo complexo, sem instruções de construção, que traduz outros tantos. Agora, com esta nova realidade demográfica, não deverá ser diferente, pois que a geometria do pensamento resulta, inevitavelmente, na geometria da habitação.³¹

Regressamos, assim, ao desafio colocado anteriormente de refletir sobre o modo como a habitação se pode adaptar ao envelhecimento e à necessária interação com outras gerações. Poder-se-à responder com infraestruturas dedicadas única e exclusivamente à terceira idade ou com ideias que mantenham as pessoas a viver onde sempre viveram, oferecendo-lhes melhores condições de habitabilidade e de integração na comunidade? Deve incluir-se, nessas infraestruturas, serviços de apoio à saúde e programas de “entretenimento” para quem, assim muitos julgam, nada tem mais para fazer, quase em jeito de edifício onde tudo se faz sem dele ter que sair; ou deve estimular-se a relação e a contínua utilização dos espaços públicos da cidade?

Foi na era pós II Guerra Mundial, e com o surgimento do conceito governamental de *bem-estar social*³², que o tipo de modelo de “habitação para a terceira idade” assim como centros de cuidados diurnos e noturnos se tornaram mais comuns, como opção de modo de vida e, até, como uma aspiração para muitos. Porém, a criação de espaços exclusivos à terceira idade, desprovidos de ideias

30 RAMOS, Rui, *A casa: Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX Português*, Porto: Publicações FAUP, p. 67

31 PALLASMAA, Juhani, *Los ojos de la piel, La arquitectura y los sentidos*, (trad. Moisés Puente e Carles Muro), Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2014, p. 52

32 Organização política e económica, de origens durante a Grande Depressão, que coloca o Estado como agente da promoção social e organizador da economia

de integração e de combate ao isolamento, pode ser um modo de segregação e exclusão, a que nem todos poderão ter acesso e que, de acordo com as necessidades de hoje, se começa a tornar questionável e pouco vantajoso.³³ No entanto, cada uma destas opções, dependerá sempre de várias circunstâncias e, acima de tudo, daquilo que a população mais procura e poderão, até, coexistir. Ainda assim, contrariar o conceito de algo como centros de dia ou lar e, em vez disso, criar soluções de apoio à permanência em casa própria, até que isso seja possível, e ao contacto com a cidade parece-nos mais acertado ou, pelo menos, será a solução mais interessante a ser desenvolvida. Principalmente tendo em conta o património esquecido onde, igualmente, esquecidos idosos (sobre)vivem e de onde não se querem afastar.

A verdade é que, quanto mais anos passamos na nossa casa e no nosso ambiente, onde já conhecemos os vizinhos e o dono do café mais próximo, mais queremos permanecer. Quanto mais avança a idade, mais se valoriza esse sentimento de pertença e de segurança face a algo que conhecemos como a palma da mão, e uma vez desistindo desse sentimento, deixando a casa e as memórias que aquelas paredes guardam, há uma perda material que, dado o desenvolvimento antropológico da humanidade, se traduzirá na perda irrefutável de um pouco de nós próprios.

É nesta linha de pensamento que falamos e consideramos como caso de estudo um projeto de Peter Zumthor, na Suíça que, apesar de destinado exclusivamente à habitação e lazer dos mais velhos, não deixa de ter presente uma série de princípios considerados essenciais à qualidade de vida desta parte da população. Pela nossa análise, é um edifício que tende a “fabricar” uma realidade o mais próxima possível da realidade anterior dos utentes, com elementos e ambientes familiares facilmente associados à *casa*. Ao mesmo tempo, um edifício onde, como dizíamos há pouco pelas palavras de Juhani Pallasmaa, a arquitetura se define, através dos desenhos formais que a

33 GROVE, Sophie, Generation gaps in *Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016, p.124

constroem, pelas ações que proporcionam aos habitantes.

“Quando estou a projetar, encontro-me frequentemente imerso em memórias antigas e meio esquecidas, e questiono-me: qual foi precisamente a natureza desta situação arquitetónica, o que significava na altura para mim e ao que é que poderei recorrer para ressuscitar esta atmosfera rica que parece saturada da presença natural das coisas, onde tudo tem o seu lugar e toma a sua forma certa? E nem era preciso detetar formas especiais. Mas sentia-se este ar de abundância e de riqueza que faz pensar: já vi isto, enquanto sei ao mesmo tempo que tudo é novo e diferente e que nenhuma citação direta de uma arquitetura passada trai o mistério de um ambiente cheio de memórias.”³⁴

[PETER ZUMTHOR, HOUSING FOR SENIORS, CHUR - SUIÇA, 1989-1993]

Um edifício onde parece “encontrar-se uma força especial nas coisas quotidianas (...)”³⁵, onde através delas, do espaço e dos detalhes, se pretende dar conforto e dignidade aos mais velhos. Localizado perto da cidade de Chur, na Suíça, é constituído por 21 unidades de habitação para seniores, ainda capazes de cuidarem do seu espaço e de si mesmos.

A entrada leva a um corredor de distribuição para cada célula que, pelas suas dimensões, deixa de ter como única função a circulação para se tornar, também, num longo espaço de sala-de-estar e convívio entre todos, decorado com a mobília dos próprios habitantes. Os volumes das células parecem, também eles, objetos de mobiliário, dado os avanços e recuos que proporcionam ao longo do “corredor” e o facto de parecer não tocarem no teto.

As células são todas individuais e constituídas por quarto e sala, em *open space*, uma varanda que partilham para oeste, e cozinha e casa-de-banho colocadas do lado do corredor de acesso, a este.

34 ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura*, (trad. Astrid Grabow), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009, p.8

35 *ibidem*, p.17



[02]- Peter Zumthor, *Homes for senior citizens*, 1989-1993

Apesar de cada um ter o seu espaço, assim como se assume o uso de objetos e mobiliário próprios como algo que carrega consigo um grande valor sentimental individual, o espírito é o de viver em comunidade, harmonia e diálogo.

“The apartments, although small, appear large, with bedroom doors which, when closed, seem to disappear into the built-in cupboards on either side. We want the inhabitants to feel at home, an impression enhanced by the use of elements which they recognize from their own lives in the surrounding villages; (...)”³⁶

Quanto aos detalhes, tudo parece funcionar em prol de uma maior sensação de controlo e pertença, contrariando a sensação crescente de dependência dos outros, de perda de dignidade e de capacidade de fazer coisas simples do dia-a-dia. Exemplo disso é que todos podem manipular a abertura das janelas e dos toldos incorporados na fachada oeste, correspondente aos espaços individuais. O arquiteto, sabendo quão especial e valiosa pode ser a experiência, para os mais velhos, de mover algo grande e aparentemente pesado, intensificou a escala da janela em relação ao corpo humano, o grau do seu peso e, ao mesmo tempo, o grau da facilidade do seu movimento e garantiu, assim, um sentimento de controlo e satisfação por parte dos habitantes em relação ao espaço e aos elementos que o constituem.³⁷

“I saw an elderly man open a floor to ceiling operable window with ease. The detailing of the window gave the man precise control over the flow of air through his home. The man adjusted the frame to allow a breeze to enter his living suite via a communal corridor. (...) It was surprising how such a simple intervention could directly influence a person’s state: their comfort, their dexterity, and their dignity. The elderly man was smiling as he opened

36 ZUMTHOR, Peter, in *Peter Zumthor works: buildings and projects 1979-1997*, Baden: Lars Müller, 1998, p. 80

37 WAT, T.W. (2014), *Moments of Spiritual Engagement in Architecture: A search for awareness of life and architecture*, Thesis for the degree of Master of Architecture, Canada: University of Waterloo, p.10



[03], [04]- Peter Zumthor,
Homes for senior citizens,
1989-1993

the door. It almost seemed like he only opened the door to demonstrate to us that he could open it.”³⁸

Outro detalhe é a inclusão, no desenho do arquiteto, de floreiras nas varandas das células individuais. Estas acrescentam a oportunidade de ver plantas e “vida” a crescer, de ter algo para cuidar e estimar, muito importante, para alguns, no *processo* da vivência da *casa*. Por outro lado, o pormenor de poderem ser retiradas também reconhece que nem todos os residentes sentem a mesma necessidade³⁹, numa atitude, por isso, tão cuidadosa quanto libertadora.

“True care results in architecture that is free of prejudice, and freeing.”⁴⁰

Esta atitude projetual tem tão de rudimentar quanto essencial. São pequenos pormenores que, sem recurso a artificios e a acessórios tecnológicos, intervêm positivamente no curso da vida das pessoas, na sua estabilidade emocional e na leveza do seu espírito. São elementos estéticos, construtivos e funcionais que, para além de providenciar sombra, ventilação, envolventes naturais e espaço físico, concedem controlo, conforto, dignidade e um espaço mental de refúgio e *casa*.

Na sociedade de hoje, diz o arquiteto Matthias Hollwich, num artigo da revista *Monocle* de julho/agosto de 2016, cofundador da firma de arquitetura HWKN, sediada em Nova Iorque, há a crença de que tudo pode ser resolvido através da tecnologia e de serviços inovadores⁴¹. O arquiteto acredita que existe uma necessidade urgente de reinventar a arquitetura para responder à longevidade, contudo, indo contra à premissa de que os avanços tecnológicos e a modernidade são a solução, defende que um pormenor bem mais simples e importante - o sentido de comunidade - tem sido esquecido.

38 WAT, T.W. (2014), *Moments of Spiritual Engagement in Architecture: A search for awareness of life and architecture*, Thesis for the degree of Master of Architecture, Canada: University of Waterloo, p.10

39 *ibidem*, p.19-20

40 *ibidem*, p.15

41 GROVE, Sophie, Generation gaps in *Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016, p.125

As relações humanas, entre gerações, costumavam ser baseadas na família. Hoje, talvez seja verdade que isso tenha vindo a desaparecer. A relação entre avós e netos, por exemplo, já não é tão intensa, pelo menos a partir do momento em que os netos ultrapassam a infância, como seria há umas décadas atrás, e isso tem tudo a ver com o modo de viver das famílias de hoje.

E, portanto, de novo pelas palavras do arquiteto Hollwich, terão que ser encontrados novos caminhos de criação dessas relações, numa sociedade ativa e moderna.

Ainda no mesmo artigo, sugere-se que algumas sociedades reparem em modelos antigos da sua cultura, como exemplos de arquitetura geradora de relações de comunidade, para lidarem com os problemas do envelhecimento e da demografia desequilibrada.

A Coreia do Sul é apontada como o país que, a meados do século, terá a população mais envelhecida do planeta. Com a rápida modernização e a construção de novas tipologias, as casas tradicionais – *Hanok* – foram sendo demolidas e substituídas por prédios de habitação. As *Hanok*, de apenas um piso, sempre funcionaram como um espaço multi-geracional para famílias e a tipologia do pátio atuava como um espaço extremamente adaptável para velhos, novos e todas as idades *in between*.⁴²

Do mesmo modo, a China tem vindo a sofrer com a sistemática demolição das tradicionais *Siheyuans*, aglomerados compostos por quatro edifícios e um pátio interno ocupados, geralmente, por uma extensa família. A junção de várias *Siheyuan* criava vizinhanças/bairros, ligados por ruas estreitas designadas por *Hutongs*.⁴³

Enquanto tudo isto acontece, arquitetos têm vindo a ocupar-se da análise aos conceitos encontrados nestas estruturas vernaculares e, dessa forma, percebendo importantes influências para a criação de espaços adaptáveis à família e ao seu diálogo.



[05]- Pátio de uma *Siheyuan*, Pequim, China



[06]- *Hutong*, Pequim, China

42 GROVE, Sophie, Generation gaps in *Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016, p.125

43 *ibidem*

O arquiteto Williamson Chong enfrentou um desafio, na Chinatown de Toronto – “It was the clientes that brought the multigenerational concept to the table. (...) A young couple with a baby were living in a single condominium and they wanted to live with their parents.”⁴⁴ – e projetou o *The Grange Triple Double*, uma (ou duas) habitação(ões), para um lote que faz a esquina do quarteirão, com duas entradas: uma principal para uma habitação de três pisos, e outra para um pequeno T1. A estrutura que divide, a nível do rés do chão, a cozinha e sala de estar da casa principal e do T1, pode ser removida a qualquer altura e proporcionar mais um espaço para a família. A ideia é que o casal comece por viver com os filhos na casa principal, enquanto os avós vivem no T1 do rés do chão, ligado às zonas comuns da cozinha e da sala de estar da família. Mais tarde, quando os filhos tiverem a sua independência, os pais passam para o T1 e arrendam a restante área da casa; até ao momento em que os filhos forem pais e passarem a viver na casa de novo.⁴⁵

Esta valorização da interação entre gerações, dentro do seio familiar, torna-se rara na atualidade, resultado, tal como já se referiu, das dinâmicas e exigências da vida contemporânea e das novas estruturas familiares.

As soluções têm, por isso, passado pela conceção de edifícios que procuram outro tipo de laços e relações, tal como sugere Hollwich, num conceito que começa a ser cada vez mais explorado (e inclusive muito adotado entre as propostas vencedoras do concurso *A society for all ages*) e que, no fundo, se caracteriza pela exploração e pela síntese, em termos programáticos, do conceito de lar e da necessidade de encontrar uma nova base de relação geracional que não a familiar.

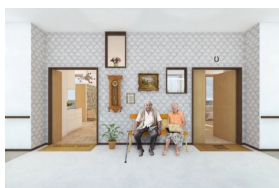
É, portanto, um conceito de lar que inclui programas públicos e habitação destinada a todas as gerações, de modo a que todos beneficiem do convívio e do contacto com as diferentes etapas e experiências de vida. Demonstrativo desse conceito é o recente edifício vencedor do concurso para o projeto do



[07]- Williamson Chong, *The Grange Triple Double*, 2014

44 GROVE, Sophie, Generation gaps in *Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016, p.125

45 SABMag, 2016 National Winner - Grange Triple Double - Toronto. Disponível em <<http://www.sabmagazine.com/blog/2016/06/09/2016-national-winner-grange-triple-double-toronto-on/>> Consultado em Agosto de 2016



[08], [09], [10], [11] - Maquete de apresentação - vista Sul; Espaço comum de convívio no terraço; Nichos de entrada para as habitações; Casa de estudantes; C.F. Møller Architects e Tredje Natur, 2016

Future Sølund, designado por “*House of Generations*”, que vem substituir o lar existente em Copenhaga. O novo projeto, da autoria dos ateliers C.F. Møller Architects e Tredje Natur, é descrito como uma comunidade multi-geracional e um novo lugar que se tornará num ponto central de atividade urbana. Intrega, no seu desenho, 360 habitações para idosos, com o apoio de espaços de enfermaria, 150 habitações para jovens e 20 para adultos, uma creche e vários programas públicos como lojas, cafês e espaços de *workshop*. O rés do chão abre-se para três grandes pátios, espaços de socialização e encontro dos residentes. O pátio principal, denominado como “*Generation’s Square*” pode ser utilizado pelos visitantes, relaciona-se com os programas públicos propostos e envolve-se com o restante espaço urbano.⁴⁶

Esta é, assim, uma proposta que procura a relação multi-geracional não baseada na família, mas sim em novos conceitos de uma sociedade inclusiva, de uma comunidade diversificada e de “pequenas cidades”, dentro da cidade, capazes de responder às atividades e aos padrões de vida de várias faixas etárias. Aí, o “avô” pode ser o vizinho, o “neto” pode ser o jovem universitário que faz daquela a sua nova *casa*, a creche pode ligar-se ao lar de idosos, e o pátio pode ser o recreio e, em simultâneo, o lugar de encontros. É um edifício que é palco para todo o tipo de vivências e que, ao mesmo tempo, as junta numa só peça. É, sem dúvida, uma abordagem exemplo do que se tem vindo a desenvolver em resposta às novas demandas sociais e daí a pertinência em referi-la.

Enquanto isso, o projeto de Peter Zumthor, inserido num contexto social completamente diferente e que, portanto, não se relaciona diretamente com os “problemas” de hoje, ensina pela imensidão de experiências sensoriais⁴⁷ que oferece aos idosos através da arquitetura e de um pensamento sensível acerca do envelhecimento.

Em resumo, são duas abordagens assentes em diferentes princípios, consequência dos diferentes contextos, que, juntos, consideramos

⁴⁶ Kaley Overstreet, C.F. Møller Architects and Tredje Natur Win Competition to Design Future Sølund. Disponível em <<http://www.archdaily.com/784090/cf-moller-architects-and-tredje-natur-win-competition-to-design-future-solund>> Consultado em Março de 2016

⁴⁷ [Sobre a obra de Peter Zumthor] PALLASMAA, Juhani, *Los ojos de la piel, La arquitectura y los sentidos*, (trad. Moisés Puente e Carles Muro), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, p.81

poderem ser fundamentais na resposta ao desafio de uma *sociedade para todas as idades* atual: por um lado, um edifício impulsionador de sentido de comunidade, de contacto multi-geracional e de diversidade (de idades, de atividades e de habitação); por outro, um edifício apenas destinado à habitação dos mais velhos e que, apesar disso e acima de tudo, compreende que *a permanência ao lado das coisas é o traço essencial do ser humano*⁴⁸, não desvalorizando a dificuldade que será deixar a própria casa e permitindo, por isso, o uso de objetos, mobiliário e espaços íntimos individuais em memória da *casa*.

Pois assim é o habitar dos homens - permanecer, “de-morar-se”, e apropriar-se das coisas até ao ponto em que deixam de ser só coisas e passam a carregar, nelas, a essência do próprio habitar.⁴⁹

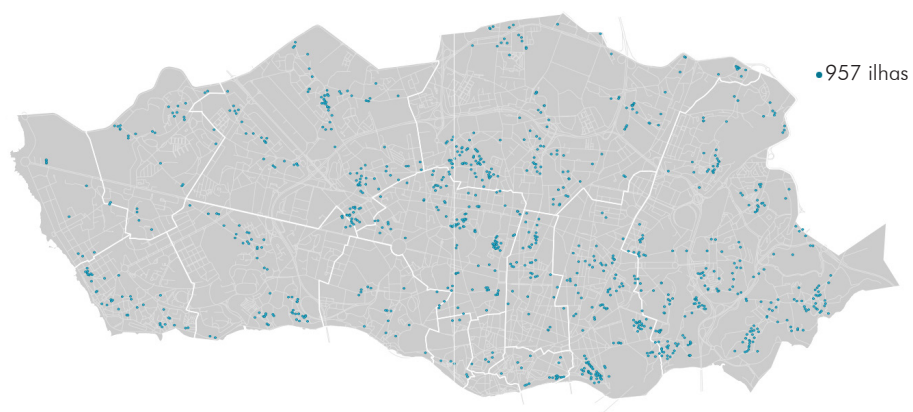
Tendo estas premissas em mente e regressando à sugestão do arquiteto Hollwich em reparar em modelos da nossa cultura, chegamos às *ilhas* do Porto com a certeza que, na sua análise, encontramos um verdadeiro exemplo, primeiro, do que pode ser viver em comunidade; segundo, da importância dos laços familiares também presente no projeto de Williamson Chong; e terceiro, do valor que a casa própria, juntamente com as *coisas*, tem para a vida do Homem.



[12] - Bernardo Rodrigues, *S/ título*, 2003

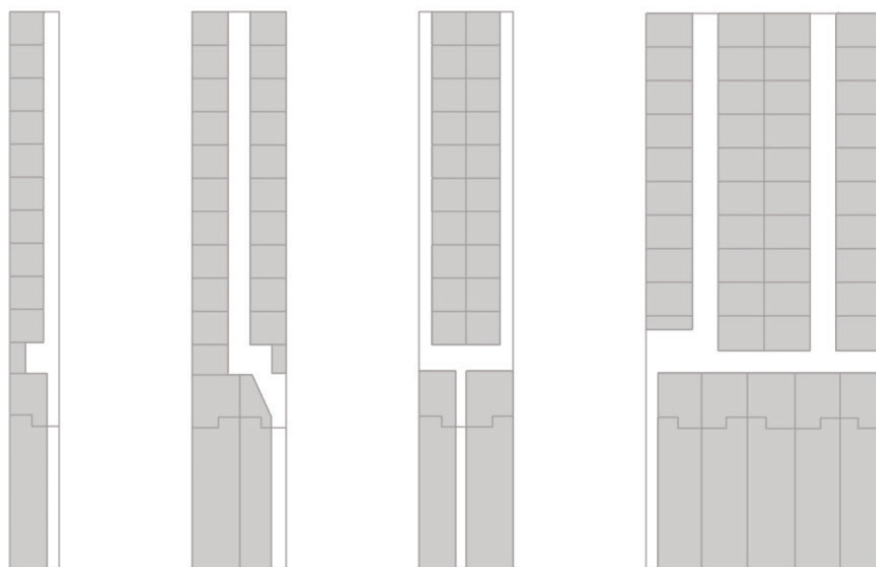
48 HEIDEGGER, Martin, (1951), *Construir; Habitar; Pensar*; p.4. Disponível em <<http://www.geoacademia.cl/docente/mats/construir-habitar-pensar.pdf>> Consultado em Agosto de 2016

49 *ibidem*



[13]- Distribuição das Ilhas na Cidade do Porto

[14] - Principais tipos de Ilhas
 1- construída num único lote
 2- construída em dois lotes, com corredor central
 3- construída em dois lotes, com as casas dispostas costas-com-costas e dois corredores laterais
 4- construída em terrenos de traseiras correspondendo a vários lotes. Filas sucessivas de casas construídas costas-com-costas



De facto, a permanência de famílias nas habitações das *ilhas* da cidade do Porto “(...) fez-(nos) colocar a questão sobre o significado destes espaços não só para as pessoas que aí residem, mas também para a cidade.”⁵⁰

Como já é conhecimento geral, na segunda metade do séc. XIX, a cidade do Porto passava pela euforia do desenvolvimento industrial, tendo, por volta de 1890, um terço da população a trabalhar nas indústrias em expansão. Essa população era composta por pessoas vindas de meios rurais, humildes e que, embora procurando melhores condições de vida, viviam com baixos salários e poucos recursos, tendo acesso apenas a habitações baratas e pouco, ou nada, dignas. É neste contexto que pequenos industriais e comerciantes investiram, também com poucos recursos, na construção de habitação para os trabalhadores e impulsionaram o surgimento das chamadas *ilhas* - núcleos habitacionais de condições precárias, com casas de, aproximadamente, 16m² (com espaço mínimo para cozinha, uma sala e um quarto), geralmente com apenas um piso e uma frente. Eram construídas ao longo de um comprido e estreito corredor que lhes dá acesso e a latrinas comuns, geralmente colocadas ao fundo do corredor no qual se entra através de uma das portas da casa burguesa (casa típica do Porto), essa sim, com frente para a rua. “Estes conjuntos habitacionais designam-se por *ilhas* por estarem segregados da cidade, com a qual apenas comunicam através de uma única porta que, vista do lado da rua, não se distingue de qualquer outra”⁵¹, sendo a não participação na dinâmica urbana da rua um dos fatores para a promiscuidade e insalubridade em que os trabalhadores se alojavam.

Essas características formais das *ilhas*, assim como a localização, têm em tudo a ver com o movimento de expansão da cidade que se começou a sentir já em 1760 com os planos dos Almadás. No entanto, houve estagnação nas primeiras décadas do séc. XIX devido às invasões francesas e, mais tarde, à guerra civil,

50 PACHECO, Luís Paulo N.P., *As Ilhas do Porto: reabilitar os seus (pre)conceitos*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p. 37

51 FERNANDES, Manuel Correia, *As Ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p.31

sendo que só na segunda metade do século é que a cidade do Porto se assumiu como uma cidade em verdadeira expansão, em termos económicos e industriais.

As freguesias de Sto Ildefonso, Cedofeita, Massarelos e a zona mais central do Bonfim constituíram o primeiro anel de expansão da cidade, motivando a construção de novas áreas residenciais para a classe média e o consequente abandono dos bairros mais antigos do centro da cidade, por parte da burguesia, e a sua (re)ocupação por parte dos grupos sociais mais pobres - “As *ilhas* foram o tipo de alojamento operário construído nestas antigas áreas residenciais da classe média.”⁵², nos quintais e jardins das traseiras, tornando-se “(...) os protótipos formais da maior parte das *ilhas* construídas subsequentemente.”⁵³ O modo como se parcelavam essas propriedades, numa subdivisão do terreno em tiras perpendiculares à rua, de modo igualitário para cada herdeiro, formou os lotes típicos do Porto que não ultrapassavam, por norma, os seis metros de largura mas que podiam chegar aos cinquenta ou cem metros de profundidade o que, por consequência, ditou a morfologia das *ilhas*, embora com variações. O abandono dessas propriedades do centro justifica, assim, a localização da maioria das *ilhas* construídas nos primeiros decénios do séc. XIX, ao mesmo tempo que desencadeia uma “(...) transformação do sistema de posse da terra”⁵⁴ durante a segunda metade do século - “(...) o contrato pelo qual o proprietário de qualquer prédio transferia o seu domínio útil para outra pessoa, obrigando-se esta a pagar-lhe anualmente uma certa renda, a que se chamava foro”⁵⁵. Isto resultou, por sua vez, no progressivo desinteresse dos senhorios diretos nos seus lotes, e no valor dos mesmos, e cedeu mais controlo aos foreiros que foram “(...) muitas vezes os primeiros a empreender a construção de *ilhas*”⁵⁶ nesses espaços.

Com a chegada de novas indústrias às freguesias do Bonfim, Campanhã e Paranhos, e o aumento da população aí concentrada entre 1864 e 1890, foi

52 TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p.21

53 *ibidem*

54 *ibidem*, p.51

55 *ibidem*

56 *ibidem*

necessária a construção de um número cada vez maior de habitações operárias. Aí as determinantes espaciais não eram tão condicionantes⁵⁷ como nos lotes estreitos acima referidos, no entanto a tipologia base das *ilhas* foi, quase sempre, adotada.

Outras cidades europeias passaram pelo *boom* que se seguiu à Revolução Industrial e desenvolveram, igualmente, modelos de habitação operária, como resposta ao processo de gentrificação, em áreas internas da cidade. Porém, a dimensão e as características sociais, culturais e económicas do Porto no século XIX “(...) tornam-no numa realidade urbana radicalmente diferente da das cidades de maior tamanho e complexidade (...)”⁵⁸ É de notar “(...) como processos sociais e económicos de desenvolvimento industrial aparentemente similares dão origem a formas muito diferentes de habitação da classe trabalhadora.”⁵⁹ Embora razões comuns a todas as cidades - como a necessidade de fácil acesso aos locais de trabalho por parte dos operários, já que o preço das deslocações seria demasiado elevado para essas famílias - justifiquem a localização e até a forma desse tipo de habitação, produziu-se uma grande diversidade de tipos, “(...) determinados pelas condições económicas, históricas, espaciais e outras circunstâncias especiais de cada cidade. (...) na maior parte das cidades da Europa continental- a subdivisão e a ocupação coletiva de edifícios de habitação existentes nas zonas mais antigas e a construção de blocos de apartamentos expressamente destinados a habitação coletiva; na maior parte das cidades inglesas- a sublocação, a partilha de casas, a construção de casas costas-com-costas (*back-to-back houses*) em pátios interiores; no Porto- as *ilhas*.”⁶⁰

Com as *back-to-back houses*, comuns em áreas internas da cidade, especialmente em Birmingham, Bradford, Leeds, Liverpool, Manchester, Nottingham e York, as *ilhas* apresentavam certas afinidades. Especialmente com as primeiras formas de habitação operária construída em Leeds “tal como

57 TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p.21

58 *ibidem*, p.12

59 *ibidem*, p.17

60 *ibidem*



[15]- Pátio das *back-to-back* houses

elas nos são descritas por Beresford: *um tipo de pequena casa que ocupava qualquer espaço vago ainda existente em pátios interiores, jardins ou quintais nas traseiras das casas que ladeavam as ruas do núcleo antigo da cidade. (...) habitualmente, não havia espaço para mais do que uma fila ao longo de cada muro, pelo que a porta da frente – a única – dava para dentro, para o pequeno pátio que restava do pátio.*⁶¹ As restantes três paredes poderiam ser partilhadas com outras casas, outros edifícios ou com a própria fábrica. O interior das casas, para além de possuírem espaços notoriamente mal iluminados e ventilados, eram habitadas por um grande número de pessoas, o saneamento ou era precário ou inexistente e o pátio interior servia para a instalação de latrinas comuns.

Estas eram, tal como acontecia nas *ilhas*, condições que favoreciam o aparecimento e proliferação de doenças epidémicas, em particular a cólera que atingiu a Inglaterra em meados do século XIX.⁶² Hoje em dia, existem muito poucos exemplos de *back-to-back houses* nestas cidades, tendo sido, a grande maioria, demolida durante programas de salubridade - primeiro em 1920, num programa de desenvolvimento Pós Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, a partir de 1950 até 1970. Apenas em Leeds e Bradford se podem ver alguns exemplos, ainda habitados. Em Birmingham, um dos poucos exemplos existentes é, agora, um Museu, aberto a visitas, com casas que, interiormente, demonstram as diferentes eras em que foram habitadas.⁶³

No Porto, “(...) apesar da apreciável redução da população das *ilhas* (...) a cidade continua marcada por este modo tão peculiar de fazer e sentir a cidade.”⁶⁴

E apesar dessa morfologia carregar consigo graves problemas sanitários, de falta de salubridade e higiene⁶⁵, a verdade é que, ao mesmo tempo, desenvolveu um espírito de vizinhança e um sentido comunitário, entre gerações de moradores tanto da própria *ilha* como entre as envolventes, muito particular

61 M.W. Beresford citado em TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 55

62 J.R. Ashton, *Back to back housing, courts, and privies: the slums of 19th century England*. Disponível em <<http://jech.bmj.com/content/60/8/654.full>> Consultado em Janeiro de 2016

63 BBC inside out, *Back-to-Back Terraces*. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/insideout/westmidlands/series1/back-to-back-houses.shtml>> Consultado em Janeiro de 2016

64 FERNANDES, Manuel C., *As Ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, p. 29

65 As infra-estruturas eram precárias ou inexistentes, sendo que a maioria das ilhas não possuía esgotos nem abastecimento de água. in TEIXEIRA, Manuel Correia. in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, p.17

destes núcleos - “(...) que, ainda hoje, animam e tomam conta da cidade em datas e momentos de festejo e comemoração coletiva. Mas também, e por isso mesmo, nasceram relações fortes com o sítio e com o local da cidade em que as *ilhas* se implantam. Isso caracteriza fundamentalmente essas populações que acabam mesmo por exprimir muito do caráter da cidade. Cada cidade é sempre muitas *idades* e as *ilhas* são uma dessas muitas *idades* que o Porto tem dentro de si.”⁶⁶

Apesar dos esforços de erradicação destas formas de alojamento precárias, já iniciados, por exemplo, na década de 50 com o Plano de Melhoramentos e, mais tarde, com o projeto SAAL pós 25 de abril, o Porto tem ainda 957 núcleos habitacionais integrados no conceito de *ilha*, onde moram quase 10 500 pessoas.⁶⁷

No entanto, uma *ilha* não é, nem nunca foi, apenas “construção”, pelo contrário, e como se compreende nas palavras de Jorge Pinto “a *ilha* foi construtora de uma identidade comum, espaço de residência e socialização dos mais pobres, elo de familiaridade e acolhimento para com conhecidos e amigos. Mas, ao mesmo tempo, era marginalizada e temida pela polícia, pela administração e pelas elites industriais e comerciais, e tomada como um risco sanitário, sede de imoralidade que urgia erradicar. (...) a *ilha* era um lugar fechado sobre si mesmo como uma concha. Espaço com unidade interna mas, muitas vezes, em fratura com o resto da cidade (...). Desenvolvia-se assim um intenso espírito de comunidade e solidariedade (...).”⁶⁸

Ouvindo os testemunhos de quem lá mora, na sua maioria desde sempre, é notório o sentimento de pertença e vontade de permanecer, apesar da degradação e da falta de condições. E mesmo tendo em conta as consequentes tentativas de mudança e projetos, continua a ser fundamental refletir sobre soluções que possam ir de encontro às necessidades destes habitantes e destes núcleos que fazem a cidade do Porto, pois “só assim, as *ilhas* deixarão de

66 FERNANDES, Manuel Correia, *As Ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, p. 32

67 BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Município do Porto, 2015, pág. 145.

68 PINTO, Jorge R. in BREDÁ VÁSQUEZ, Isabel; CONCEIÇÃO, Paulo ; *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Porto, U.P., 2015, p.7

estar escondidas da cidade e de ser a herança pesada e ciclicamente revisitada. As *ilhas* do Porto vão mostrar-se a todos e fazer parte por inteiro do conceito de reabilitação urbana.”⁶⁹ As novas soluções propostas podem passar, “pela saída dos residentes - nos casos em que estes o pretendem fazer - ou pelo desenvolvimento de novos tipos de ocupação.”⁷⁰

[A ILHA DO LAMPIÃO, RUA DOS BRAGAS, CEDOFEITA, PORTO]

A Ilha do Lampião, situada na Rua dos Bragas, na freguesia de Cedofeita [16], é uma das muitas que se escondem do tecido urbano da cidade do Porto. A porta nº 130 [17], que tanto a esconde como a expõe, é só mais uma que constrói o ritmo da rua, o ritmo tão característico da cidade. Para quem passa distraído, é só mais uma porta de madeira, com pintura verde envelhecida, ao lado de tantas outras. Para quem se aproxima, é uma porta que deixa ver outro ambiente, completamente alheio ao do espaço público exterior, onde vivem pessoas em condições menores. [18] [19] De facto, “há um fascínio particular em cada porta. Uma porta revela a eventual possibilidade de entrar em ambiente reservado e ao mesmo tempo o propósito de garantir um território de intimidade. A mesma face exprime o convite e a recusa. Charneira entre a convivência - ou exposição - e a reserva, a porta é o pormenor comunicante e protetor da casa.”⁷¹

Morfologicamente, apresenta-se como um exemplo do modelo-base destes núcleos: entrada através de uma das portas da *casa-mãe*, a casa burguesa, estreito e, inicialmente, escuro corredor que dá acesso a duas fileiras de casas, uma de cada lado; e casas de uma só frente, originalmente de um piso e com não mais que 20m² cada. O espaço interior é, portanto, mínimo, contemplando apenas áreas mínimas para a cozinha, uma sala e um quarto. As latrinas, são espaços comuns situados quase no final do corredor, ainda utilizadas por

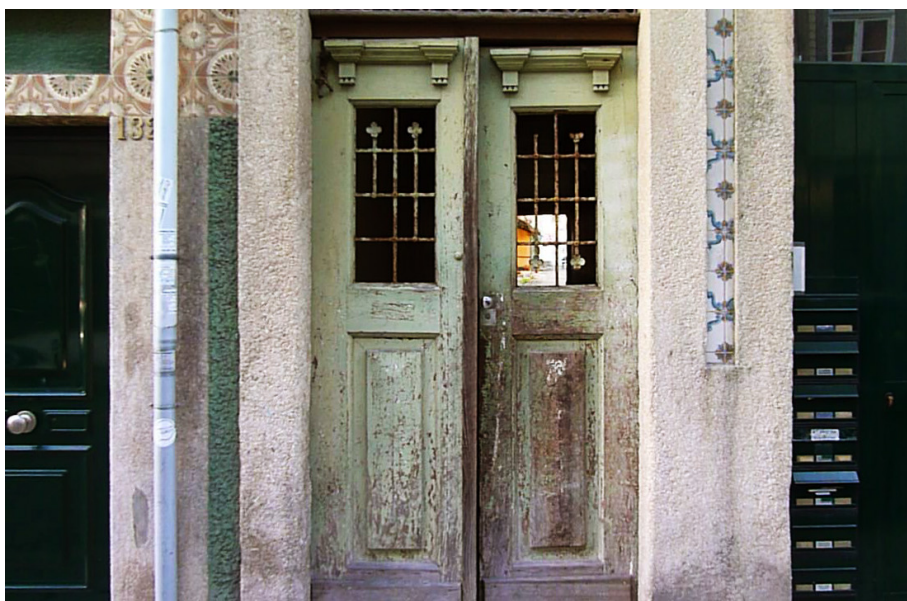
69 GUIMARÃES, Carlos in Público, *Porto vai tratar das suas “ilhas” mas nem todas terão o mesmo fim*. Disponível em <<http://www.publico.pt/local/noticia/ja-ha-ideias-para-as-ilhas-do-porto-que-vao-da-recuperacao-a-destruicao-1693056>> Consultado em Novembro de 2015

70 Público, *Porto vai tratar das suas “ilhas” mas nem todas terão o mesmo fim*. Disponível em <<http://www.publico.pt/local/noticia/ja-ha-ideias-para-as-ilhas-do-porto-que-vao-da-recuperacao-a-destruicao-1693056>> Consultado em Novembro de 2015

71 SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto, ed. Civilização, p.305



[16]- Planta de localização da Ilha do Lampião, Rua dos Bragas, Porto



[17]- Porta nº 130, Entrada da Ilha do Lampião, Porto, 2015



[18], [19]- Aproximação à Ilha do Lampião, Porto, 2015



[20]- Corredor de entrada da
Ilha do Lampião, Porto, 2016



[21], [22]- Vista geral da Ilha do Lampião, Latrinas comuns, 2015



[23]- Vista geral da Ilha do Lampião, Porto, 2015

alguns dos habitantes. [22]

A *ilha* é constituída por 18 habitações, quatro delas já com segundo piso, e sabemos que pelo menos duas estão desocupadas. Os habitantes são, na sua maioria, idosos a viver sozinhos ou jovens casais da família de outros idosos que, por falta de capacidade financeira e por companhia aos familiares, se mantêm por perto. Todos falam da falta de condições e da necessidade que tiveram, por consequência do aumento do agregado familiar ou, simplesmente, pelo desejo de ter instalações sanitárias e de banho dentro da habitação, de construir mais um piso. No entanto, há quem viva nesta *ilha* há 60 anos e que, conformando-se com a situação, não pede grandes obras, *até porque a casa chega para um*, apenas anseia por um chuveiro. [ver Mundo dois, Registos do habitar na Ilha do Lampião]

Quase sempre de porta entreaberta, de gentes simpáticas e ambiente acolhedor, situa-se privilegiadamente no centro da cidade, perto de vários serviços como restaurantes, cafês, um supermercado, farmácias, escolas e outros pequenos comércios muito diversos. Na mesma rua existe a Igreja de Nossa Sra. dos Anjos, os Serviços de Ação Social da Universidade do Porto, finanças e um banco. Encontra-se a dez minutos a pé do Hospital da Ordem da Lapa, e da Igreja e cemitério da Lapa, do Hospital da Ordem do Carmo, e da Igreja do Carmo, e a, sensivelmente, quinze minutos a pé do Hospital de Santo António. Está igualmente próxima de espaços urbanos de interesse como a Praça da República, a Rua de Cedofeita, a Praça Carlos Alberto, a Praça da Cordoaria, e a Praça dos Leões e de importantes instituições como o edifício da Reitoria da Universidade do Porto, a Faculdade de Direito (na mesma rua) e o polo de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

Para além disso, é uma zona bem servida no que diz respeito à rede de transportes públicos – a oito minutos a pé encontra-se a estação de metro da Trindade, a estação onde se efetuam todas as ligações entre linhas e, por isso,



[24]- Planta de Localização do
Bairro da Travessa da Póvoa,
Bonfim, Porto

a mais importante. Na Praça da República, na Trindade, na Rua de Cedofeita e na Rua dos Mártires da Liberdade (acima da Rua dos Bragas), encontram-se bastantes paragens de autocarros que possibilitam a deslocação para outras zonas do Porto.

Classificada como zona de Interesse Público encontra-se, também na Rua dos Bragas, muito perto da *ilha* do Lampião, a área da Companhia Aurifícia do Porto, sociedade constituída em 1864. “Diz um relatório industrial que esta fábrica foi uma das unidades de choque da Revolução Industrial Portuguesa, [sendo] a pioneira no ramo da ourivesaria, laminagem e estampagem de metais preciosos.”⁷² Da Rua dos Bragas vê-se pouco mas, para além do portão, existe o equivalente a 1,6 campos de futebol de terrenos e oficinas desativadas que ocupam todo o quarteirão até à Rua Álvares Cabral.⁷³

Esta seria a fábrica onde, podemos pôr a hipótese, alguns dos moradores da *ilha* do Lampião trabalhavam. Hoje, esta é uma das 957 *ilhas* ainda existentes na cidade do Porto⁷⁴, quase totalmente ocupada e sem perspectivas de abandono.

[O BAIRRO DA TRAVESSA DA PÓVOA]

O Bairro da Travessa da Póvoa é outra dessas *ilhas* e situa-se na Travessa da Póvoa, na freguesia do Bonfim [24], num contexto um tanto ou quanto diferente da anterior. Ao contrário da primeira, e enquadrando-se no modelo de *ilhas* construídas no primeiro anel de expansão da cidade, durante a segunda metade do século XIX, não possui porta de entrada associada a uma casa burguesa.

A comunicação com o restante espaço público é, portanto, muito mais direta; embora não se possa comparar a calmaria da Travessa da Póvoa, onde não passa mais do que um carro por hora, com o movimento da Rua dos Bragas. De qualquer modo, pode dizer-se que o mesmo modelo-base da *ilha* do

72 SILVA, Germano, *Guias das Freguesias do Porto -Cedofeita*, Porto: Edições Afrontamento, 1984, p. 35

73 Jornal de Notícias, “*Tesouro*” de 10 milhões está à venda na baixa do Porto. Disponível em <<http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/tesouro-de-10-milhoes-esta-a-venda-na-baixa-do-porto-3138571.html>> Consultado em Dezembro de 2015

74 Nessas 957 *ilhas* residem cerca de 10500 pessoas, num total de 4900 alojamentos. in BREDA VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Porto: U.P., 2015, pág. 145.



[25]- Bairro da Travessa da Póvoa, Bonfim, Porto, 2016



[26]- Bairro da Travessa da Póvoa, Latrinas comuns, 2016

Lampião também é aqui identificado: corredor que divide e dá acesso a duas fileiras de casas, uma de cada lado, e com latrinas comuns ao fundo.

Sendo uma *ilha* construída em terreno não caracterizado pelos lotes estreitos do centro histórico, esta apresenta como variante um corredor extra, perpendicular ao da entrada, que dá acesso a outras casas e a outras latrinas comuns. De facto, estes terrenos com menos condicionantes, tal como já foi referido, deram origem a *ilhas* de maiores dimensões e que, apesar de adotando o modelo das *ilhas* encontradas no centro histórico, possuem certas particularidades e variações ao modelo.

Outra particularidade desta *ilha* é que as “costas” das casas, de um dos lados do corredor, partilham uma parede com a antiga fábrica de Curtumes, onde provavelmente alguns dos moradores da *ilha* trabalhavam. Esta funcionou até ao fim dos anos 60 e, a partir daí, foi sendo armazém de diversas atividades, a maior parte do tempo e até cerca de 2008, de produtos químicos. Em instalações contíguas, em terrenos comprados por volta de 1945 com o objetivo de ampliação da fábrica, alojaram-se outras atividades como oficina de automóveis, fábrica de fechaduras e armazém de tecidos.⁷⁵

Hoje, todos esses terrenos e espaços industriais e de armazém encontram-se fechados, sem uso e vão degradando-se com o tempo. Sobram, também como recordação do passado industrial, um enorme depósito de água e uma chaminé em ruína.

A *ilha* conta com 31 habitações no total e, atualmente, 26 estão ocupadas.

Relativamente perto, mas em clara desvantagem relativamente à Ilha do Lampião quanto à diversidade de serviços necessários ao quotidiano, existem farmácias, pequenos comércios, finanças, alguns cafés e restaurantes. A seis minutos a pé encontra-se a Escola Artística Soares dos Reis, e a dez minutos a Escola Secundária Aurélia de Sousa e a Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo. Também perto está o Hospital Joaquim Urbano e a Igreja do

⁷⁵ Informação dada por um dos proprietários do Bairro da Tv. da Póvoa e da antiga fábrica



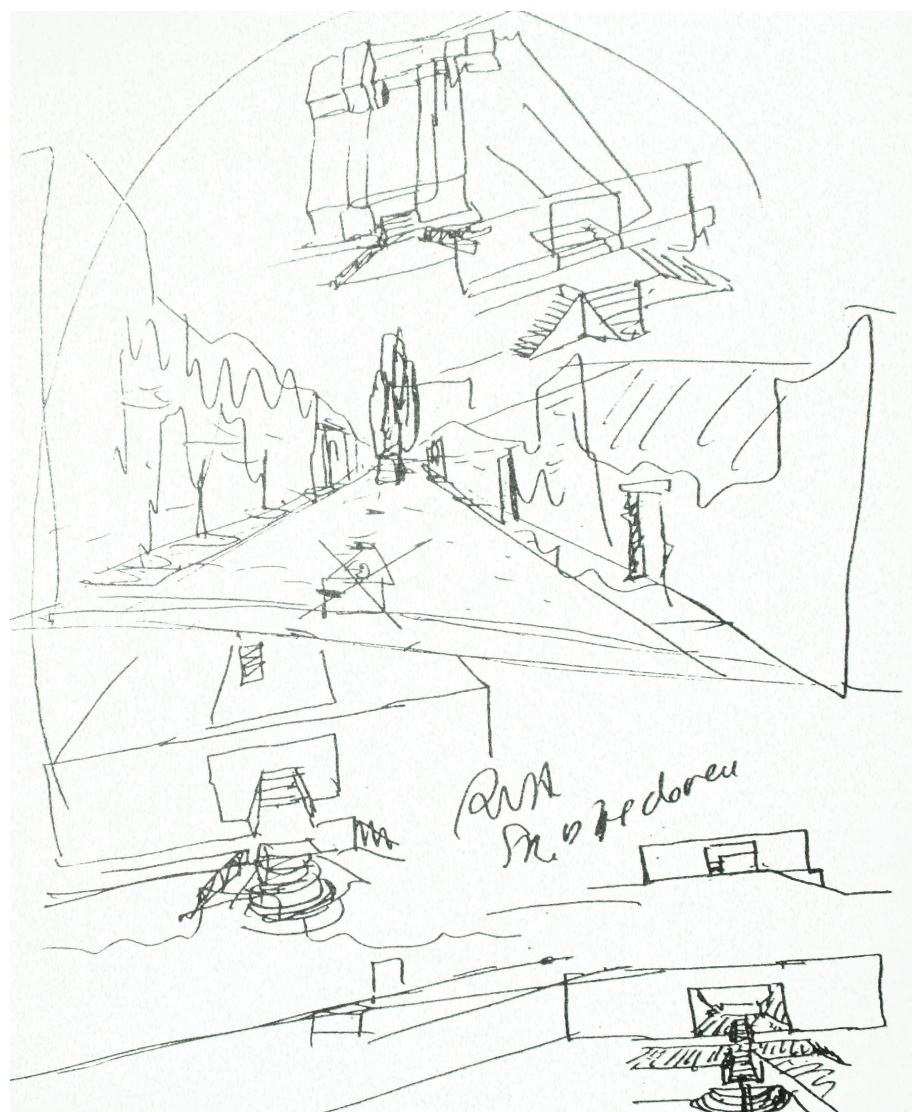
[27], [28]- Panorâmicas, Bairro
da Travessa da Póvoa, Bonfim,
Porto, 2016



[29], [30], [31]- Bairro da Travessa da Póvoa e ruínas da Fábrica de Curtumes, Bonfim, Porto, 2016



[32]- Antiga Fábrica de Curtumes, Bonfim, Porto, 2016



[33]- Esquços de Álvaro Siza
para a ilha de S.Vitor

Bonfim. O supermercado mais próximo fica a quinze minutos da *ilha*.

Como espaços públicos de interesse próximos podemos considerar o Jardim Paulo Vallada e o Jardim Campo 24 de Agosto, onde é de destacar a existência da estação de metro 24 de Agosto, situada a sensivelmente quinze minutos de distância, a pé, relativamente à *ilha*.

Por isso, e ao contrário da realidade da Ilha do Lampião, grande parte do descontentamento da população passa pela dificuldade de acesso a serviços básicos e essenciais ao dia a dia.

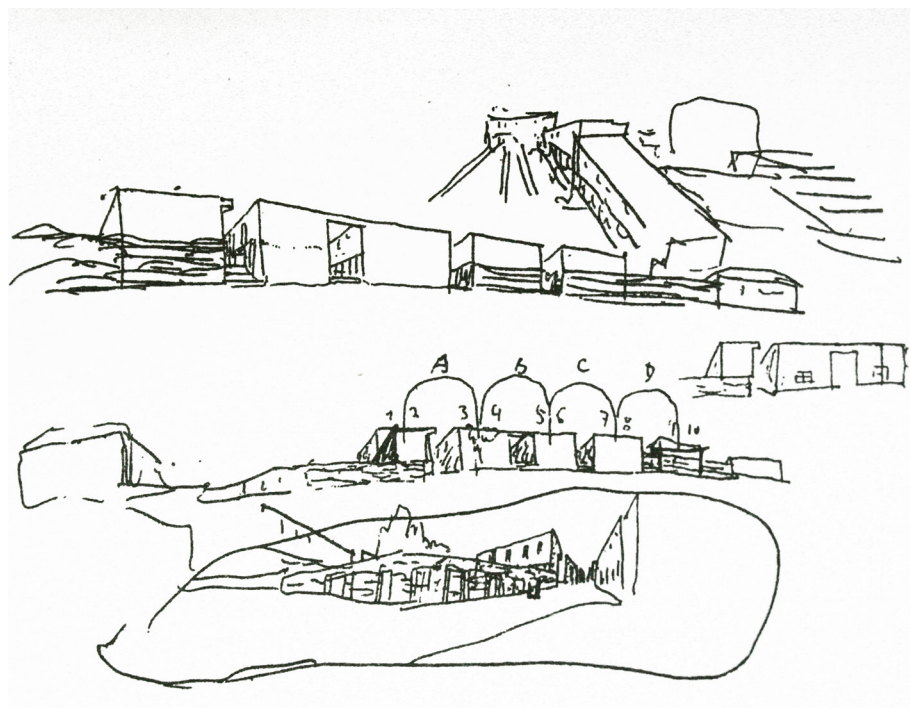
Por outro lado, no Bairro da Travessa da Póvoa o espírito é, e sente-se, mais comunitário e solidário. Enquanto que na Ilha do Lampião pouco movimento existe fora do espaço interior das casas, pelo menos nos dias das visitas, no Bairro da Travessa da Póvoa as pessoas ainda se encontram, falam, vivem e convivem no lugar comum do corredor. A dinâmica das ruas envolventes, a sua relação com a *ilha* e vice-versa, serão, com certeza, motivos dessas diferenças.

[A ILHA PROLETÁRIA]

“A imagem das *ilhas* é, pelo que foi dito, qualquer coisa que a população repudia em bloco. Mas repudiar esta imagem que tem implícita a segregação e a miséria, não significava recusar a sua centralidade ou o que tem de positivo a sua vida comunitária. E depois, tudo é melhor do que os Bairros Camarários: a cidade e a liberdade.

O direito à cidade e até o direito ao lugar, como se dizia no 25 de abril, tiveram este significado, construído por gerações de sofrimento e de memórias.

Quando se chama *ilha proletária* às *ilhas*, estamos a conferir-lhes um novo sentido e uma nova dignidade. O singular dá-lhe a globalidade: é o conjunto de todas as *ilhas*, é a cidade a construir ou a reconstruir. Proletária porque a



[34]- Esquícios de Álvaro Siza
para a ilha de S. Vitor

nova cidade será operária, antes de cidade sem classes.

Assim, as *ilhas*, primeira habitação operária, ganham um fortíssimo valor simbólico que inclui todas as qualidades da vivência coletiva que tiveram, arredados os aspetos negativos que a nova situação política e social não permitirá, certamente, que se repitam.

Os arquitetos vão redesenhar as velhas e as novas *ilhas* e vão considerá-las elemento base do tecido urbano, por aquelas razões ideológicas, mas também por razões de desenho.

O título da *Lotus International* que comentamos, condensa, assim, toda esta história, toda esta esperança, e constitui o tema e o programa de um projeto urbano para a cidade do futuro.

Muitos arquitetos se comprometeram, entre eles, Sergio Fernandez no Leal, o Pedro Ramalho nas Antas, o Álvaro Siza em S.Vítor. Este último escreve na *Lotus*:

Atualmente estamos a examinar a possibilidade de aumentar as superfícies dos fogos mediante a agregação de células ou pela sobreposição de um novo piso. Estamos também a estudar as possibilidades de comunicação entre as várias ilhas, com percursos internos ao quarteirão, considerando a ilha como possível estrutura de desenvolvimento da cidade. Nesta linha, as atuais preocupações dizem respeito, mais a repensar os espaços abertos do que os interiores dos alojamentos, onde parece mais simples encontrar uma tipologia adequada.

E Siza cresce para a cidade:

Estudamos, também, um alargamento da metodologia de intervenção que toma em consideração, não só os problemas internos de cada associação e zona, mas aqueles que convergem e são comuns a todas as associações.

A recente formação de uma estrutura operativa que abarque várias zonas não é mais do que um reflexo e uma adequação do precedente passo decisivo

que constituiu a organização dos moradores, agora conscientes de que os problemas locais refletem sobretudo as contradições da cidade e do território nos seus aspetos mais gerais.

(...) São os conjuntos de *ilhas* que vão ser objeto da proposta de recuperação que hoje nos interessam. Mais nos interessam as novas *ilhas* que inventa. (...) Aqui se publicam alguns desenhos da “Ilha Proletária” como se fossem ilustrações da utopia. Foram ideias para S.Vítor e para o Porto: práticas, económicas, racionais, de bom senso. Na Malagueira ou em Berlim, Siza continuou, adaptou e aprofundou o nunca realizado “sonho possível”, como lhe chamou Távora.”⁷⁶



[35]- Frame do documentário de Miguel Gonçalves Mendes, *José e Pilar*, 2010

⁷⁶ COSTA, Alexandre Alves, *A ilha proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas considerações sobre um Título Enigmático*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro, 2002, p.12-14

Uma sociedade para todas as idades pressupõe um ambiente de harmonia, conforto, vizinhança e dignidade que terá que ter as suas raízes no individual. Uma sociedade feliz sem indivíduos felizes não existe e se o objetivo é a criação de comunidades inclusivas e de condições favoráveis a uma boa vivência, quer enquanto jovem, adulto ou idoso, há que começar pelo local mais particular, a casa, e depois, resolver a sua relação com o geral, a cidade⁷⁷. A casa é o espaço do íntimo e da família, da introspeção mas do convívio e da partilha, do sonho, das memórias, e de tudo aquilo que nos pertence. “A casa é o abrigo. (...) A casa é o eu de cada um. (...) A casa é eu e nós, conforme se queira.”⁷⁸ *A casa constrói-nos*.

Depois constrói o bairro, a vizinhança, o lugar, a cidade. E é essa cidade que, num movimento cíclico, se torna a casa maior, a casa de todos, onde o bem-estar se quer comum - “A pessoa dentro da cidade tem que se sentir em casa, a cidade é a casa para todo o cidadão.”⁷⁹

Tendo em conta o envelhecimento da população e a precariedade da habitação a que, ainda, muitos idosos e situações de desintegração e isolamento da população são associados, apresenta-se uma reflexão acerca dos *processos* de habitar, a casa e a cidade, - durante os quais se materializa a relação mais íntima entre arquitetura e Homem - assim como a formulação dos problemas do habitar atual, de modo a entender-se o que é essencial a esse *processo* e como deve evoluir em prol de uma sociedade não estanque, com novas necessidades e, que se deseje, inclusiva.

“A vida busca problemas, e a existência de problemas é importante para o êxito; a inexistência de problemas pode originar uma estagnação.”⁸⁰

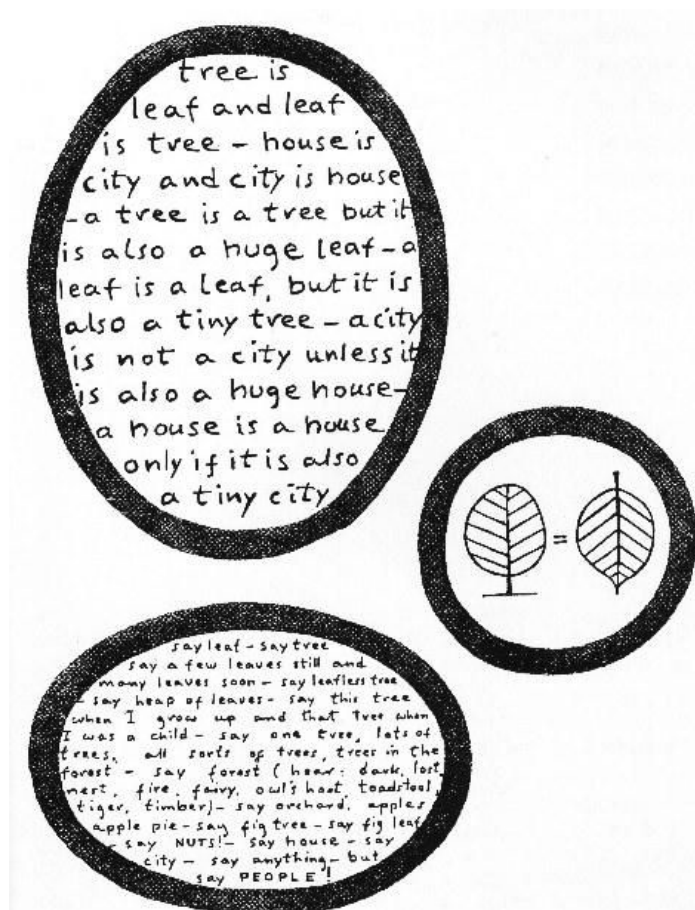
Depois da investigação e da problematização, num método que varia entre o subjetivo e objetivo, seguir-se-á a experimentação de um possível processo

77 “O principal objectivo da estruturação da cidade é o de conseguir uma maior ligação entre os cidadãos como um elemento essencial da melhoria da qualidade de vida. Mas, se é importante a análise do ambiente urbano, não nos podemos esquecer de outras questões que determinam o comportamento de um cidadão como são as da habitação (...)” in PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, Vol. I A cidade feita e refeita*, Guimarães: DAAUM, 2012, p.156

78 SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto, ed. Civilização, p.349,350

79 *idem*, in documentário *Vizinhos, Bairro da Bouça*, SIC, 2016

80 POPPER, Karl; LORENZ, Konrad, *O Futuro está aberto*, (2ª ed.), (Trad. Teresa Curvelo), Editorial Fragmentos: Lisboa, p.24



[36]-Aldo van Eyck, *House/
City, Leaf/Tree diagram*, 1962

de integração e novo modo de habitar, não pretensioso quanto a uma conclusão⁸¹, para as *ilhas* do Porto- escolhidas como tema de projeto pelas suas características tão exclusivas mas, ao mesmo tempo, escondidas, da cidade do Porto e, acima de tudo, pela pertinência em levantar o diálogo sobre o seu futuro e dos seus esquecidos habitantes que, apesar de tudo, vivem entre eles num forte espírito de comunidade. “Tentámos neste livro mostrar que praticamente tudo o que o homem faz e é está ligado à experiência do espaço. O nosso sentimento do espaço resulta da síntese de numerosos dados sensoriais.”⁸²

Se “A cidade é uma casa [e] A casa é uma cidade”⁸³, se “cada cidade é sempre muitas cidades”⁸⁴, muitas casas podem ser uma só, mas de muitos: uma vizinhança, um quarteirão, uma *ilha*. [36]

Dizia Fernando Távora, no seu ensaio *O problema da casa portuguesa*, que “as casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo. Sendo assim, o problema exige soluções reais e presentes, soluções que certamente nos levarão a resultados bem diferentes dos conseguidos até agora na Arquitetura Portuguesa.”⁸⁵ Referia-se aos resultados e consequentes problemas que, “enquanto lá fora se lançavam as bases da chamada Arquitetura Moderna (...)”⁸⁶, a *Casa à Antiga Portuguesa*⁸⁷ fomentou ao “(...) atrasar todo o desenvolvimento possível da

81 Não se pretende encontrar nenhum modelo definitivo que se possa interpretar como “a solução” para os problemas apresentados e para todas as *ilhas*. Fala-se, sempre, por isso, em *processos* de habitação, nunca modelos. “Acho absolutamente dramático, estar a projectar segundo modelos e querer impô-los”, RAMALHO, Pedro in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitectura e modos de habitar- Pedro Ramalho*, V.05, Porto, Edições CIAMH, p.48

82 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d’Água, 1986, p.205

83 *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade : exposição Vilanova Artigas arquitecto : Desenho - sessenta e sete desenhos à margem da arquitectura*, (coord.) Rogério Ribeiro, Ana Isabel Ribeiro, Almada: CMA, 2000

84 CORREIA FERNANDES, Manuel, *As ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p.32

85 TÁVORA, Fernando, *O problema da Casa Portuguesa*, Lisboa: João Manuel Leal, 1947, p. 9

86 *ibidem*, p.6

87 Nota do próprio autor: “Cremos que não é necessário definir o que entendemos por *Casa à Antiga Portuguesa* pois, infelizmente, qualquer dos leitores liga a estas palavras um tipo de casa, com certas características próprias, certo amaneiramento e doçura de formas, grande quantidade de pormenores inúteis de que resulta um excessivo pitoresco, uma completa ausência de dignidade e nenhuma noção das realidades do nosso mundo.” in TÁVORA, Fernando, *Op.Cit...*

nossa Arquitetura.”⁸⁸

Parece-nos que, apesar dos anos passados desde a edição deste ensaio, o que o torna ainda atual, os problemas assim continuam, com muitas formas - desde a casa à cidade, e desde o que é volume ao que é vazio⁸⁹ - que continuam a não resultar das necessidades, condições e circunstâncias da sociedade de hoje. Falamos, portanto, de tudo aquilo que é “ (...) o nosso meio físico usual.”⁹⁰

E, para já, falamos de casas, da forma como as construímos e, mais importante, da forma como habitamos as suas formas.

Falamos, para isso, das componentes físicas da casa, como evoluíram e como se estabeleceram, das suas estruturas *fixas* e *semi-fixas*⁹¹ e do modo como, mesmo dentro da diversidade de perceções e experiências, todos reconhecemos nessas estruturas e componentes um espaço de intimidade, essencial à vida.

Ao analisar a génese da casa, estamos, quase indubitavelmente, a analisar a origem da arquitetura. Antes de qualquer outra necessidade, o Homem quis abrigar-se. Abrigar-se para dormir, para pensar e para se proteger.

“Estudar a casa para o homem corrente, qualquer um, é reencontrar as bases humanas, a escala humana, a necessidade-tipo, a função-tipo, a *emoção-tipo*. Eis aí. Isso é capital. Isso é tudo.”⁹²

Por sua vez, analisar a origem da arquitetura, é analisar o próprio Homem, o seu passado extraordinário, e um dos *prolongamentos* do seu organismo.⁹³

“O ordenador é um prolongamento de uma parte do cérebro, como o telefone é um prolongamento da voz e a roda um prolongamento das pernas e dos pés. A linguagem prolonga a experiência no tempo e no espaço, enquanto a escrita prolonga a linguagem humana.”⁹⁴ A casa, talvez se possa dizer, é um prolongamento da pele e da essência. Como Frederick Kiesler que interpretava a arquitetura como um corpo, com órgãos, uma extensão do infinito corpo

88 TÁVORA, Fernando, *O problema da Casa Portuguesa*, Lisboa: João Manuel Leal, 1947, p. 6

89 “(...) o espaço que separa - e liga - as formas é também forma (...)” in TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, (4ª ed.), Porto: FAUP, 1999 p.12

90 Karl Popper, Konrad Lorenz, *O Futuro está aberto*, (2ª ed.), (Trad. Teresa Curvelo), Lisboa: Editorial Fragmentos, p.83

91 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p.130

92 LE CORBUSIER, *Por uma arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1998, p. XXV

93 HALL, Edward T., *Op.Cit.*, p. 14

94 *ibidem*

humano.⁹⁵

O uso da palavra “fachada” como pele da casa e uma segunda pele para nós que a habitamos e que, por detrás dela, nos escondemos, é, como Goffman observa na sua obra *The Presentation of Self in Everyday Life*, revelador: ao mesmo tempo que assinala o carácter protetor da casa face ao mundo exterior, interpreta aquilo que as pessoas mostram de si ao mundo, um Eu que “essa fachada serve para dissimular”⁹⁶. Só atrás da fachada da casa, podemos retirar a nossa, e ser o que sentimos ser.⁹⁷

Quantas vezes não é a casa o nosso *refúgio*? O único espaço onde tudo é nosso e só o que queremos entra. Quantas vezes o simples facto de mudar o lugar dos móveis, da cama, das cadeiras da sala, ou dos quadros de decoração é motivo de ânimo e conforto pela sensação de novidade, num espaço que, apesar disso, continua a ser familiar? O único espaço onde tudo se move como desejamos. E onde, também nós, nos movemos livremente, como em mais nenhum sítio. Talvez seja o único espaço onde a liberdade conhece poucos limites, e a imaginação, nenhuns. Um espaço organizado que, para além das duas e três dimensões, precisa de uma quarta - o tempo⁹⁸ - e, sem dúvida de uma quinta acrescentada por quem vive nesse espaço. Gente que se movimenta, cria hábitos e, assim, usa e cria espaço, pois que a “(...) organização do espaço como atividade pertence a todos os homens e não apenas a alguns.”⁹⁹

“Não bastaria o seu corpo, forma em movimento, para tornar cada homem elemento organizador do espaço? E quantas há, das suas mil atividades, quer físicas, quer intelectuais ou emocionais, que não se revestem de forma? Olhemos qualquer parcela de espaço que nos rodeia e pensemos em quantos homens, numa dada época ou ao longo do tempo, participaram na sua organização; e nós próprios que olhamos, que nos situamos em tal parcela, não participamos igualmente?”¹⁰⁰

95 MOORE, Carly, *Endless house*, Frederick Kiesler, 2010. Disponível em <<https://carlymmoore.files.wordpress.com/2010/12/endless-house-final.pdf>> Consultado em Julho de 2016

96 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d’Água, 1986, p. 123

97 *ibidem*

98 “Ao referirmos acima a organização do espaço a duas e três dimensões utilizamos o termo “convencionalmente”, visto ser sabido que a quarta dimensão, tempo, não pode por-se à margem em qualquer dos casos, verdade hoje corrente mercê da teoria da relatividade com a sua noção de “espaço-tempo”.” in TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, (4ª ed.), Porto: FAUP, 1999, p.12

99 TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, (4ª ed.), Porto: FAUP, 1999, p.19

100 *ibidem*, p.19, 20



[37]- Amadeo de Souza-Cardoso, *Sítulo*, 1910. Aguarela sobre papel sobre cartão.

Efetivamente, somos todos agentes, a tempo inteiro, da organização do espaço, e não só nos adaptamos como também deve o espaço adaptar-se às nossas necessidades e convicções. E quando essa sintonia de “moldagem” e de apropriação, entre espaço e utilizador, não existe, então também não existirá espaço. “A relação que liga o homem à dimensão cultural caracteriza-se por uma *moldagem recíproca*”¹⁰¹, pois que mais é a cultura senão o reflexo da formação do pensamento do Homem. A casa é cultura, em reflexo dos tempos e do pensamento, e em vida de quem habita. Sem isso, é apenas estrutura física.

“(…)

The house, the house where
Nobody lives

Once it held laughter
Once it held dreams
Did they throw it away
Did they know what it means
Did someone's heart break
Or did someone do somebody
wrong?
So if you find someone
Someone to have, someone to hold
Don't trade it for silver
Don't trade it for gold
I have all of life's treasures
And they are fine and they are good

They remind me that houses
Are just made of wood
What makes a house grand
Ain't the roof or the doors
If there's love in a house
It's a palace for sure
Without love
It ain't nothin but a house
A house where nobody lives
Without love it ain't nothin
But a house, A house where
Nobody lives”¹⁰²

101 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 14

102 Tom Waits, *The House Where Nobody Lives*

A cultura determina o modo de agrupamento e organização interna de toda a construção humana. As aldeias, as cidades e os pequenos lugares são todos resultado de um plano, às vezes bem estruturado, outras não, ao longo do tempo e pelo tempo alterado, que varia com a história e a cultura. E essa é considerada, pelo antropólogo Edward Hall, a organização *fixa*.¹⁰³ Algo que foi, e é, organizado para assim permanecer, embora o tempo e o movimento, quarta e quinta dimensões, invariavelmente, lhe acrescentem novas dinâmicas. Apropriamo-nos do termo *fixo*, apenas tendo em conta o seu sentido lato, ou seja, a característica estrutural de algo que foi construído para permanecer no mesmo lugar ou a de algo criado e estabelecido como regra. Não queremos que por *fixo* se entenda uma organização intolerante a novos usos, até porque isso seria o oposto do que se procura com esta reflexão.

De facto, a organização interior da casa ocidental, também ela é fixa, pelo menos na Europa e na América.¹⁰⁴ Talvez tenhamos herdado a conceção do espaço doméstico e essa organização fixa da antiguidade, por exemplo da civilização egípcia, onde já era reconhecido um certo zoneamento: uma entrada, uma sala, um dormitório, uma cozinha, um jardim e um terraço¹⁰⁵ - divisões particulares que hoje simbolizam, tão naturalmente, funções como a receção, as atividades sociais, o sono, a preparação de alimentos, o consumo de refeições.

Contudo, até ao século XVIII, nada disto existia nas casas europeias, ao ponto dos membros da família não terem sequer o seu próprio espaço de isolamento. Por esse motivo, os conceitos de infância e de célula familiar só apareceram a partir do momento em que casa se começou também a definir com espaços privados. “Esta perspetiva é sublinhada por Boaventura Sousa Santos, que considera que a consolidação dos interesses da vida privada, *os interesses pessoais de que é feita a intimidade e o espaço doméstico*, revela o surgimento do contrato social da modernidade.”¹⁰⁶

103 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d’Água, 1986, p. 121

104 *ibidem*, p. 122

105 PINTO, Ana Lúcia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas, *Cadernos de História da Arte*, Porto: Porto Editora, v. 2, p. 38

106 SANTOS, Boaventura Sousa, *Reinventar a Democracia*, Gradiva, 1998, p.7 citado em RAMOS, Rui, *A casa: Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX Português*, Porto: FAUP, 2010, p. 63

Foi no século XVIII que a *casa* se começou a modificar e a adquirir uma organização e hierarquização espacial *fixada* de acordo com sua função. Surgiram, assim, os termos, em francês, *chambre* (quarto) e *salle* (sala) para se distinguir os dois espaços; e em inglês, os termos *bedroom*, *living room*, *dining room* que designavam a função de cada divisão diretamente.¹⁰⁷

De facto, “(...) a linguagem é muito mais do que um simples meio de expressão do pensamento; constitui *um elemento maior na formação do pensamento*”¹⁰⁸ e da evolução.

Esta evolução do espaço privado dentro do espaço doméstico nunca foi contínua, pelo contrário, dependeu das famílias, do seu estatuto social e do território onde se localizava a habitação, sendo caracterizada por alguns recuos, estagnações e fases de experimentação.¹⁰⁹

Porém, a partir do momento em que essa organização do espaço doméstico, associada a funções específicas, se enraíza progressivamente e é interpretada, mesmo que de formas e por influências diferentes por todas as culturas, torna-se *fixa* - é usada ao longo do tempo, e é isso que as pessoas consideram como norma e, acima de tudo, como ideal.

“É essencial compreender que o espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano. Era a esse papel fundamental que Winston Churchill fazia alusão, quando dizia: “Damos forma às nossas construções, as quais, por sua vez, nos dão forma a nós.”¹¹⁰

Mas é interessante perceber que nem tudo o que é considerado *fixo* ou *semi-fixo* numa cultura, será considerado também por outra.¹¹¹ Isto prova que a forma como vemos o mundo, e tudo o que se constrói à nossa volta, tem em tudo a ver com uma análise sensorial individual, e uma interpretação própria da nossa cultura, a mesma que construiu esse *mundo*.

107 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 122

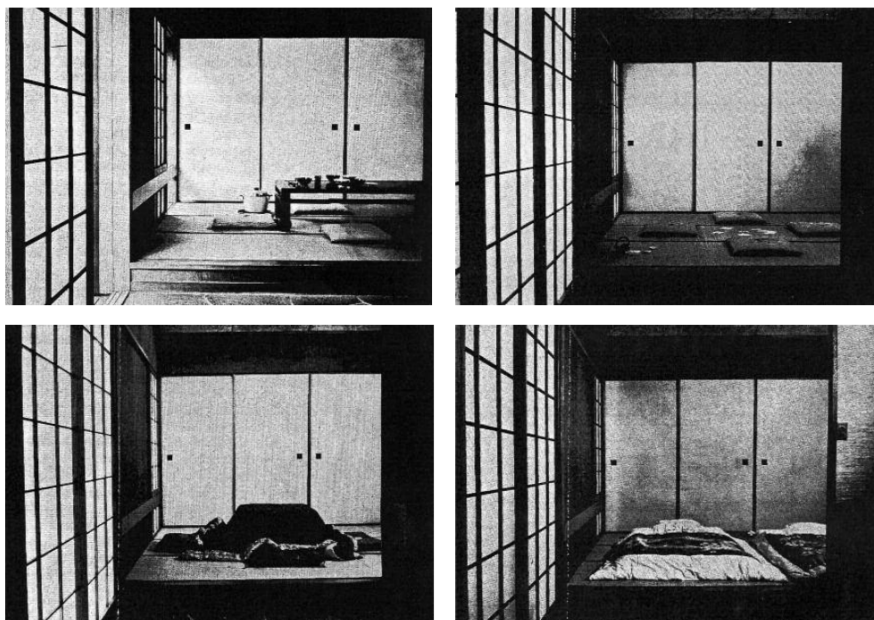
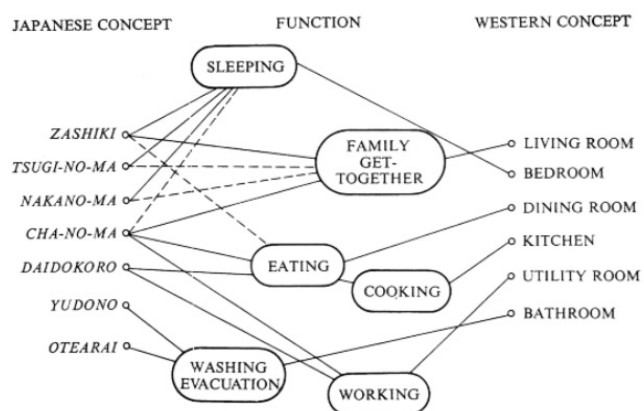
108 *ibidem*, p. 12

109 RAMOS, Rui, *A casa: Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX Português*, Porto: FAUP, 2010, p. 67

110 HALL, Edward T., *Op.Cit.*, p. 125

111 *ibidem*, p. 130

[38]- Comparação entre a ocupação funcional dos espaços no Japão e no mundo Ocidental.



[39]- Diferentes usos do mesmo espaço, no Japão, durante um dia de Inverno: pequeno-almoço, uso diurno, convívio com a família ao final do dia, uso noturno

Em páginas anteriores, falávamos da satisfação que pode ser alterar o lugar dos móveis, da cama, das cadeiras da sala. São esses elementos que Edward Hall refere como possuidores de caráter *semi-fixo*, enquanto que as paredes que dividem espaços se consideram *fixas*.

No Japão, as paredes definem igualmente espaços, mas, quase como biombos, são móveis e desdobráveis e permitem, desse modo, uma grande diversidade de ambientes para também diversas atividades domésticas no mesmo espaço. São, por isso, paredes *semi-fixas*. Aqui, ou nos Estados Unidos, como refere o autor, quem se move para a realização das diferentes atividades é o habitante. Passa de uma divisão para outra se a atividade se alterar entre comer, dormir, trabalhar e socializar, enquanto que no Japão é usual permanecer na mesma divisão independentemente da tarefa.¹¹²

Também os chineses se “(...) comportam de uma maneira diferente, atribuindo caracteres *fixos* a elementos que os americanos consideram *semi-fixos*. Espera-se que um convidado, na China, não desloque a sua cadeira, a menos que a isso o convide o seu anfitrião. Mexer a cadeira equivale a, entre nós, o convidado deslocar um biombo ou uma divisória numa casa estranha.”¹¹³

Assim, ao mesmo tempo que os elementos se podem distinguir entre caráter *fixo* ou *semi-fixo*, também a função associada a um espaço pode ser *fixa* - o habitante desloca-se entre os vários espaços para realizar as diferentes atividades domésticas- ou *mutável* - o habitante pode permanecer e o espaço é que se altera de acordo com a atividade em curso.

As experiências do Modernismo, referindo-nos à sua revisão e não à essência, evocam alguma rutura com a excessiva compartimentação dos espaços domésticos, não deixando, no entanto, de serem definidos de acordo com a sua função. Ainda assim, foram várias as propostas e experimentos de maior permeabilidade entre os espaços da casa, diminuindo-se os seus elementos *fixos*.

112 HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 130

113 *ibidem*

De facto, grande parte da arquitetura produzida durante o séc. XX, especialmente no início até meados, tanto nos Estados Unidos como em alguns países da Europa, começava a romper com paradigmas anteriores e a implementar uma renovação de pensamento que, em Portugal, tardava em chegar.

“O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airoso e produtivamente.”¹¹⁴

Entre 1910 e 1945 grande parte da investigação feita, na Europa, no âmbito da arquitetura, corresponde exatamente à problemática da residência, “(...) el tema de la vivienda del hombre y de su relación con los demás elementos del espacio habitable”¹¹⁵, com debates, propostas, textos e organizações como o CIAM¹¹⁶ que procuram refletir sobre o modo como a disciplina da arquitetura e, em específico, as formas residenciais se devem adaptar “(...) a un mundo sujeto a tan profundas transformaciones.”¹¹⁷ Essa reflexão, de assumida rejeição ao ornamento, a elementos supérfluos, ao passado como exemplo e de visão inovadora e funcionalista pós Revolução Industrial, foi o que, em grande parte, caracterizou as ideias e bases da arquitetura do Movimento Moderno refletidas em slogans como *Less is More* de Mies van der Rohe, *A house is a machine for living in* de Le Corbusier e *Form follows function* de Louis Sullivan. Foi um tempo de estímulo e procura de soluções, de produção, que também fomentou controvérsia, mas, acima de tudo, de ânimo face ao futuro e de abertura a novos pensamentos. Enquanto isso, lê-se em *O problema da casa Portuguesa*, “(...) os arquitetos portugueses orientavam as suas atividades no desejo inglório de criar uma Arquitetura de caráter local e independente, mas de todo incompatível com o pensar, sentir e viver do mundo que a rodeava.”¹¹⁸

“(...) olhemos, por agora, algumas (entre muitas) casas míticas [e conceitos]

114 TÁVORA, Fernando, *O problema da Casa Portuguesa*, Lisboa: João Manuel Leal, 1947, p. 11

115 ARÍS, Carles Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, (2º ed)., Barcelona: Ed. UPC, 2000, p.13

116 CIAM - Congresso Internacional da Arquitetura Moderna, organização fundada em 1928, na Suíça, e responsável pela definição do *International Style* na arquitetura

117 ARÍS, Carles Martí, *Op.Cit.*

118 TÁVORA, Fernando, *op. Cit.*, p. 6

que o século XX nos legou, esquecendo por momentos o que os seus programas podem conter de antiurbano¹¹⁹, para nos concentrarmos só na densidade poética das soluções (...)”¹²⁰ e no que podemos aprender com elas.

[A CASA MÁQUINA]

Em 1921, pela altura da criação da revista *L’Espirit Nouveau*¹²¹, a “arquitetura, por toda a parte, era nutrida ainda pelo espírito escolástico e negava-se aos novos acontecimentos modernos, às consequências inquietantes das novas técnicas.”¹²²

Foi o tempo do estudo da casa, de criar novos paradigmas e protótipos habitacionais que respondessem às necessidades das massas, simples e eficazes, como uma máquina.

“Uma grande época começa.

Um espírito novo existe.

Existe uma multidão de obras de espírito novo; são encontradas particularmente na produção industrial.

Os hábitos sufocam a arquitetura.

Os “estilos” são uma mentira.

O estilo é uma unidade de princípios que anima todas as obras de uma época e que resulta de um estado de espírito caracterizado.

Nossa época fixa cada dia seu estilo.

Nossos olhos, infelizmente, não sabem discerni-lo ainda.”¹²³

A materialização deste pensamento vem contra a ornamentação do período anterior e surge austera, como um objeto singular que rompe com as conceções tradicionais e que segue os *Cinco pontos da Nova Arquitetura*: planta livre, de modo a que o interior não fique submisso à estrutura, utilização de pilotis que não só cria espaço para o estacionamento do automóvel como garante um

119 Nota do próprio autor: “Repare-se que nenhuma “constrói cidade” com a envolvente, antes pelo contrário, a maioria dialoga com fortes paisagens “naturais” sobreviventes ou remete-se à tipologia “pátio”, desresponsabilizando-se assim da cidade através desse estatuto quase “autista” in DIAS, Manuel Graça. in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002, p.3

120 DIAS, Manuel Graça. in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002, p.3

121 Revista Francesa criada por Le Corbusier e Amédée Ozenfant, com o objetivo de estimular uma renovação da arte e da arquitectura pós- guerra e Revolução Industrial.

122 LE CORBUSIER, *Por uma arquitetura*, São Paulo: Perspectiva, 1998, p. XXV

123 *ibidem*, p. 57



[40], [41], [42]- Le Corbusier,
Le petit maison, 1923-1924



diálogo particular e inovador com o exterior, fachada livre e janelas horizontais e utilização da cobertura como espaço exterior útil.¹²⁴

Em 1928, 7 anos depois, Le Corbusier questiona-se se a casa moderna, a casa da época para o homem moderno, já foi absorvida em toda a parte. “Será verdade? A casa-instrumento, a “máquina de morar” tornou-se moeda corrente?”¹²⁵

[A CASA PEQUENA]

Construída entre 1923 e 1924, a *La petit-maison* ou *Villa Le Lac*, destinada aos pais de Le Corbusier, é um manifesto arquitetónico onde se pode encontrar os pensamentos-chave do arquitecto durante a década de 1920. É, de facto, um laboratório de ideias do modernismo, traduzidas no engenho e no funcionalismo da organização da pequena casa, e, talvez, a obra mais pessoal e inventiva de Le Corbusier - “(...) um marco significativo na sua reflexão sobre o espaço doméstico e a paisagem.”¹²⁶

Possui três dos *Cinco pontos para uma nova Arquitetura*: uso da cobertura como terraço, planta livre e janela horizontal.¹²⁷ Janela de onze metros de comprimento, do lado do lago Léman, que “ilumina e faz entrar na casa a grandeza de um local magnífico.”¹²⁸ A janela grande que ilumina a casa pequena, concede-lhe uma claridade homogénea e esbate os cantos sombrios. Um muro de sustentação é a única barreira, física, entre a casa e o lago. Torna-se barreira visual, ganhando altura, quando já não tem que proporcionar a vista para a casa. Num gesto de arquitetura, tanto racional quanto poético, Le Corbusier controla a relação humana com a paisagem. Abre, estrategicamente, um vão quadrangular nesse muro e coloca uma mesa e cadeiras nesse enquadramento, chamando à contemplação e à valorização do lago e dos montes.

124 MONTEYS, Xavier, *Le Corbusier. Obras y proyectos*, (Trad. Luiz M.G. Ribeiro e Maria Luiza Tristão de Araújo), Barcelona: Gustavo Gili, 2005, p. 60

125 LE CORBUSIER, *Por uma arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1998, p. XXV

126 COHEN, Jean Louis, *Le Corbusier, 1887-1965 : lirismo da arquitectura da era da máquina*, (Trad. Francisco Paiva Boléo), Koln: Taschen, 2005, p. 26

127 Fondation Le Corbusier, *Villa Le Lac*. Disponível em <<http://www.villalelac.ch/en/>> Consultado em Junho de 2016

128 COHEN, Jean Louis, *Op.Cit.*



[43]- Salvador Dalí, *Niño Geopolítico mirando el nacimiento del nuevo hombre*, 1943



[44]- Frederick Kiesler, *Inside the endless house*, New York, 1966

“Have you noticed that under such conditions one no longer “sees”? To lend significance to the scenery one has to restrict it and give it proportion ; the view must be blocked by walls which are only pierced at certain strategic points and there permit an unhindered view.”¹²⁹

O projeto foi desenvolvido sem terreno, desenhou-se a planta e depois procurou-se o terreno perfeito.

[A CASA INFINITA]

Neste experimento, o último antes da morte do “(...) único arquitecto surrealista cuja legitimidade formal no podia ser cuestionada”¹³⁰, procura-se o limite, se é que existe, entre o homem e a arquitetura, e a relação entre o sonho e o espaço íntimo da casa. Espaço regido pela “conectividade” e multiplicidade de percursos, ao longo de uma superfície que se define consoante os espaços que crescem e se subtraem da forma *sem fim*.

Esta forma “infinita” de Kiesler constituiu uma reação ao funcionalismo do modernismo e uma demonstração do seu interesse pelo corpo humano. Para ele, a sua definição de funcionalismo era como o corpo da mulher, mais sensual que o esqueleto do *International Style*.¹³¹

O processo criativo, para Kiesler, dura toda a vida. Não via “a casa sem fim”, e a definição do limite entre corpo e ambiente, como um problema, mas o problema em que sempre trabalhou.¹³²

“(…) encontrar um problema, ver a sua beleza e apaixonar-se por ele; casar e viver feliz com ele até que a morte nos separe - a não ser que encontrem um outro problema ainda mais fascinante, ou, evidentemente, a não ser que obtenhamos uma solução. Mas, mesmo que obtenhamos uma solução, poderemos então descobrir, para nosso deleite, a existência de toda uma família de problemas-filhos, encantadores ainda que talvez difíceis, para cujo

129 Fondation Le Corbusier, *Villa Le Lac*. Disponível em <<http://www.villalelac.ch/en/>> Consultado em Junho de 2016

130 VESELY, Dalibor in Revista Replicante, *La casa sin fin, Frederick Kiesler y la arquitectura surrealista*, 10 de Fevereiro de 2012. Disponível em < <http://revistareplicante.com/la-casa-sin-fin/>> Consultado em Julho de 2016

131 ZEINSTRA, Jurjen, *House of the Future*, Department of Architecture, TU Delft. Disponível em <http://www.tudelft-architecture.nl/uploaded/files/2008_Houses%20of%20the%20Future.pdf>

132 *ibidem*

bem-estar poderemos trabalhar, com um sentido, até ao final dos vossos dias.”¹³³

Definia que a arquitetura devia adaptar-se à elasticidade da vida e que, tendo em conta o processo de relação entre homem e mundo, homem e natureza, a casa devia converter-se numa entidade flexível e de genuína harmonia com o habitante.¹³⁴ O objetivo último desta casa seria permitir ao homem, na sua mais íntima e privada esfera espacial, alimentar-se, carregar-se de energia, prosperar e criar o seu próprio cosmos.¹³⁵

Se Le Corbusier criou uma “máquina para viver”, Kiesler procurou criar uma “máquina viva”, que se altera, evolui e se adapta em função do seu usuário.¹³⁶

[A CASA SEM QUARTOS]

Construída para dois casais (Schindler e Chace), a casa localizada em Kings Road, Los Angeles, é um exemplo de rutura com quaisquer conceitos de organização funcional da casa e, por isso, de uma nova conceção da habitação e da hierarquização e zoneamento espaciais.

“For Schindler, the genuine task of modern architecture was the shapping of space.”¹³⁷

Num pensamento indubitavelmente contra o funcionalismo do *International Style*, a casa possui quatro amplos compartimentos onde a arquitetura não impõe qualquer uso e a individualidade de cada membro encontra o seu espaço. Dois a dois, esses compartimentos partilham a entrada, uma casa de banho, um pequeno hall e um pátio para cada casal. Já a cozinha, uma zona para hóspedes e a garagem são espaços comuns aos dois casais, numa perspetiva de partilha de tarefas domésticas - “The couples were conceived as a group of individuals with a common purpose, and the goal was that each member would be an artist who would contribute to the household’s shared

133 POPPER, Karl; LORENZ, Konrad Lorenz. *O Futuro está aberto*, (2ª ed.), (Trad. Teresa Curvelo), Lisboa: Editorial Fragmentos, p.3

134 ZEINSTRA, Jurjen, House of the Future, Department of Architecture, TU Delft. Disponível em < http://www.tudelft-architecture.nl/uploaded/files/2008_Houses%20of%20the%20Future.pdf >

135 BURKE, Juan Luis, Revista Replicante, *La casa sin fin*, Frederick Kiesler y la arquitectura surrealista, 10 de Fevereiro de 2012. Disponível em < <http://revistareplicante.com/la-casa-sin-fin/> > Consultado em Julho de 2016

136 *ibidem*

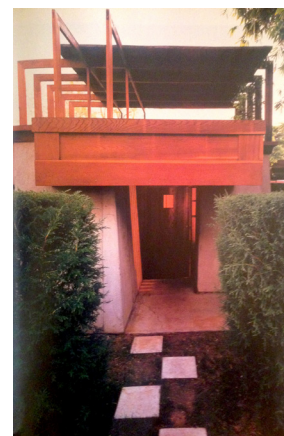
137 BAHR, Ehrhard, *Weimar on the Pacific: German exile culture in Los Angeles and the crisis of modernism*, Univ of California Press, 2007, p.154. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=rf-vLZJ2YwkC> >. Consultado em Agosto de 2016

ambitions and goals.”¹³⁸

Dormir é no exterior, em duas estruturas de madeira, uma para cada casal, na cobertura, imediatamente por cima de cada entrada.

Todos os espaços possuem a sua própria lareira, incluindo os espaços exteriores que, delimitados por vegetação, se querem assumir como salas de estar, de reunião e de introspeção. O objetivo é desvanecer o limite entre o que é interior e exterior e adotar uma relação romântica com a natureza e o mundo.

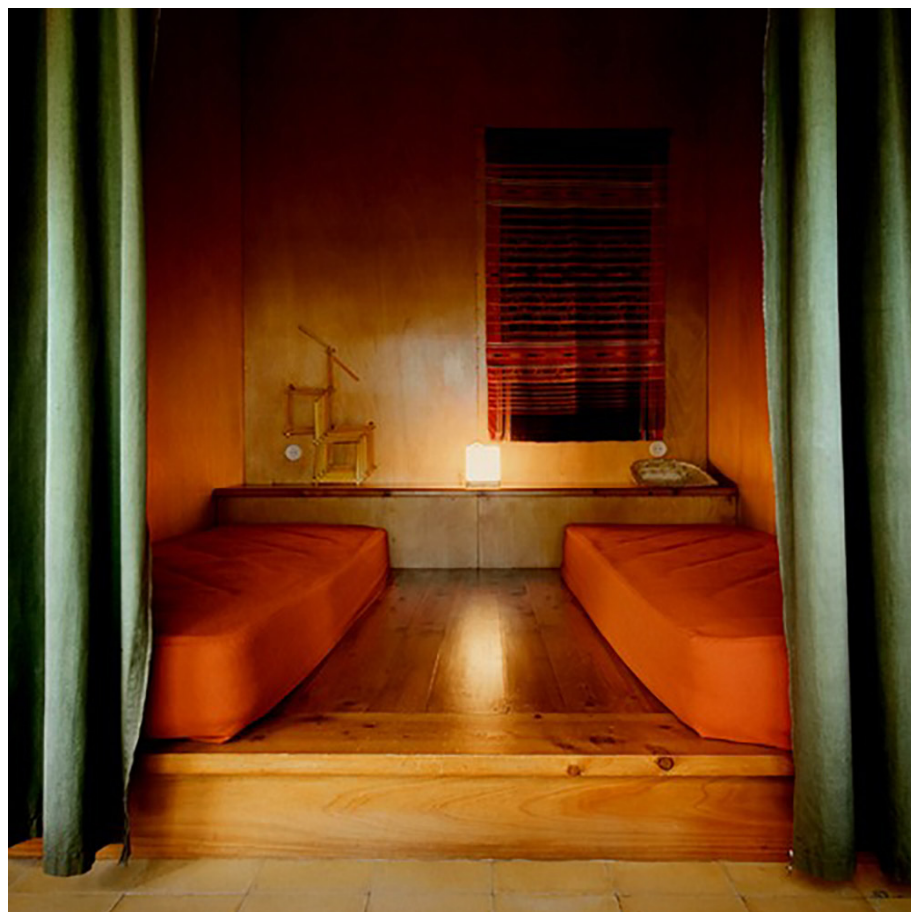
“Las habitaciones se acercarán al nivel del suelo, y el jardín pasará a formar parte integrante de la vivienda. La distinción entre dentro y fuera desaparecerá. (...) Cada individuo deseará una habitación privada que sirva de fondo a su vida, pero dormirá al aire libre. Un estudio-sala de juegos satisfará, junto con el jardín, las necesidades del grupo.”¹³⁹



[45], [46]- Rudolph Schindler, *Schindler and Chace House*, Kings Road, 1921-1922

138 BAH, Ehrhard, *Weimar on the Pacific: German exile culture in Los Angeles and the crisis of modernism*, Univ of California Press, 2007, p.155. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=rf-vLZJ2YwkC>>. Consultado em Agosto de 2016

139 SCHINDLER, Rudolph citado em GEBHARD, David, *Rudolph Schindler*, (1ªed. em Castelhana), Barcelona: oikos-tau, 1979, p. 56



[47]- Sergio Fernandez,
Vill'Alcina, Caminha, 1971-
1973

[A CASA DE FÉRIAS]

“As belas casas gémeas mas não simétricas, de Sergio Fernandez, projetadas e construídas nos primeiros setentas, perante um horizonte privilegiado, deixaram-me desde a primeira visita uma forte impressão, mais tarde reforçada por alguns dias de habitar por dentro uma delas e ambas por fora.”¹⁴⁰ Falemos de uma delas, a casa de férias conhecida por Vill’Alcina, que encontra no terreno o fundamento para sua conceção, revelando no exterior a autenticidade da arquitetura vernacular e que na organização interior “visa privilegiar um permanente, aberto e não convencional sistema de relações entre os utentes”¹⁴¹, subverte o esquema familiar de casa de férias e marca de forma exemplar o espírito do tempo.”¹⁴²

Ao entrar, à semelhança do que acontece na Casa de Chá de Álvaro Siza Vieira, desce-se até à sala, sempre de olho na paisagem e no declive.

Na forma como a organização interior se desenvolve, a Vill’Alcina é um exemplo onde estão materializadas as mudanças de mentalidade que atravessaram a década de sessenta – uma década em que a disciplina da arquitetura se dividia entre a crítica pós-moderna e o regresso ao racionalismo, embora o lado humano do racionalismo nunca tenha sido abandonado pelos arquitetos portugueses, e o impasse que se vivia no país, ainda antes do 25 de abril. A Casa Beires, desenhada por Álvaro Siza contemporaneamente, expõe as mesmas mudanças.¹⁴³

“(…) a Vill’Alcina é uma versão arquitetónica desse olhar poético sobre a realidade, transformando as circunstâncias do lugar num exemplar modelo de habitar.”¹⁴⁴

Defendem alguns críticos, como Jorge Figueira, que a Vill’Alcina *terá sido a*

140 PORTAS, Nuno, *Das casas às pessoas e vice-versa*, in TAVARES, André; BANDEIRA, Pedro, *Só Nós e Santa Tecla: A Casa de Caminha de Sérgio Fernandez*, Porto: Dafne Editora, 2008, p.49

141 FERNANDEZ, Sergio citado em URBANO, Luís. *Entre dois mundos: Arquitectura e Cinema em Portugal: 1959-1974*, Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, 2014, p. 69

142 URBANO, Luís. *Entre dois mundos: Arquitectura e Cinema em Portugal: 1959-1974*, Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, 2014, p. 69

143 *ibidem*

144 *ibidem*, p. 649

última casa moderna a ser construída em Portugal, mas também, como defende Eduardo Fernandes, a *última casa popular*.¹⁴⁵

De facto, Sergio Fernandez tanto se envolveu, mesmo que indiretamente, na experiência do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal*¹⁴⁶, como trabalhou com Viana de Lima, um modernista corbusiano, e se deixou influenciar pelos rumos internacionais, por exemplo o do Team 10. Duas influências que, sem dúvida, se revelaram no desenho da Vill'Alcina, através da volumetria de aspeto rural em oposição a uma organização interna radicalmente moderna, e que dão origem às opiniões acima. A Vill'Alcina pode, então, ser considerada a obra que encerra um período, sem se esquecer de o representar, no panorama da arquitetura portuguesa, através da conceção de um novo espaço doméstico e da aspiração à rutura com o tradicional.

“Foi sentida como nossa, como uma espécie de síntese de desejos acumulados e pensada para abrigo de muitas aspirações de vida em comum, finalmente em liberdade e, por isso, aberta para o mundo.”¹⁴⁷

A casa, apesar de se dividir em zonas públicas (*hall*, sala e cozinha) e privadas (quartos), é construída num só espaço, quase sem portas e onde as “barreiras” que delimitam esses espaços, distinguindo-os, são apenas desníveis e mudanças de pavimento. “(...) o átrio de entrada liga-se diretamente ao corredor/eixo de organização de toda a casa; a cozinha faz parte desse eixo mas também do espaço da sala, ainda que esta esteja desnivelada; os quartos são apenas abrigo, separados do corredor por simples cortinas; na casa de banho foram instalados dois lavatórios lado a lado, algo que hoje é considerado comum, mas que na época era inovador, não apenas funcionalmente, mas sobretudo pelo que isso implicava do ponto de vista das conceções sociais em torno da

145 URBANO, Luís, *Entre dois mundos: Arquitectura e Cinema em Portugal: 1959-1974*, Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, 2014, p. 655

146 Trabalhos de campo levados a cabo nos anos 50 do século XX por um grupo de arquitetos portugueses. Entre eles, Távora, Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira, os arquitetos propuseram uma “radiografia” da arquitetura popular portuguesa interessada, entre outros objetivos, em sublinhar a sua diversidade regional, contrariando o ideário da Casa Portuguesa e a definição de um programa estilístico. O abundante material recolhido (levantamento fotográfico, desenhado e escrito) foi posteriormente editado e compilado no livro *Arquitetura Popular em Portugal*. in LEAL, João, *Estudos sobre arquitectura popular no século XX Português*, Porto: Fundação Marques da Silva, 2008, p. 8. Disponível em < <https://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf> > Consultado em Julho de 2016

147 ALVES COSTA, Alexandre, “Pela paisagem pobre, irrenovada” in TAVARES, André; BANDEIRA, Pedro. *Só Nós e Santa Tecla: A Casa de Caminha de Sérgio Fernandez*, Porto: Dafne Editora, 2008, p. 23.

família.”¹⁴⁸

Assim, é valorizada a vida em comunidade: o centro, a área comum de estar, comer, cozinhar adapta-se ao terreno e ao seu declive e divide-se em duas plataformas a cotas diferentes. Os quartos são integrados numa ala contínua e transformados em alcovas-nichos com mobiliário fixo reduzido ao essencial.¹⁴⁹

“Casa para viver, muito para além da sua condição de casa de férias, víamos (vivíamos) esta casa como um manifesto face aos conflitos existenciais e ideológicos da época, em que novas práticas familiares procuravam encontrar a sua espacialidade; ela testemunhava que a coabitação doméstica que então idealizávamos tinha um suporte espacial não só possível, como sólido, confortável e belo.”¹⁵⁰

[A CASA MÓVEL]

Na Europa, durante a II Guerra Mundial, Yona Friedman assistiu a situações em que duas ou mais famílias tinham que partilhar o mesmo espaço e faziam-no, muito frequentemente, dividindo-o através de mobília.

Assim, idealizou e desenhou uma estrutura onde a organização interior da casa é deixada a cargos dos habitantes e que permite construir casas de um ou mais pisos. A estrutura consiste em duas paredes divisórias e duas estruturais, com aberturas para janelas e portas, e um telhado. As instalações sanitárias e a cozinha, assim como os módulos de arrumação, são “caixas” leves que podem ser posicionadas como desejado pelo habitante.

Esse é o princípio básico da sua teoria definida como *L’architecture mobile* e caracterizada pela escolha livre dos habitantes sobre o modo como querem viver. A única condição é que estes sejam instruídos sobre as consequências de todas as decisões, embora possam sempre alterá-las.

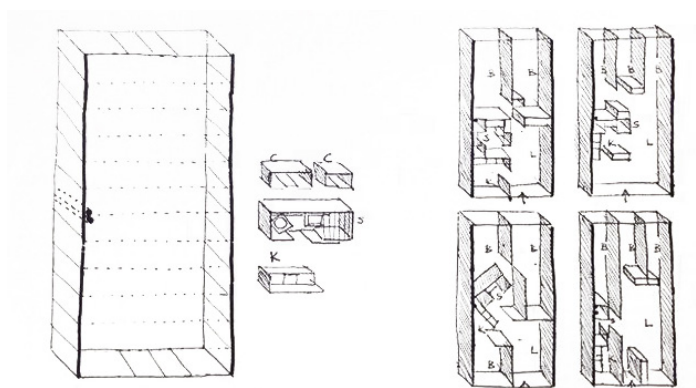
148 URBANO, Luís, *Entre dois mundos: Arquitectura e Cinema em Portugal: 1959-1974*, Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, 2014, p. 654

149 TOSTÕES, Ana, *Sem ideias preconcebidas*, in *Jornal Arquitectos*, nº 203, Novembro/Dezembro 2001, p.91

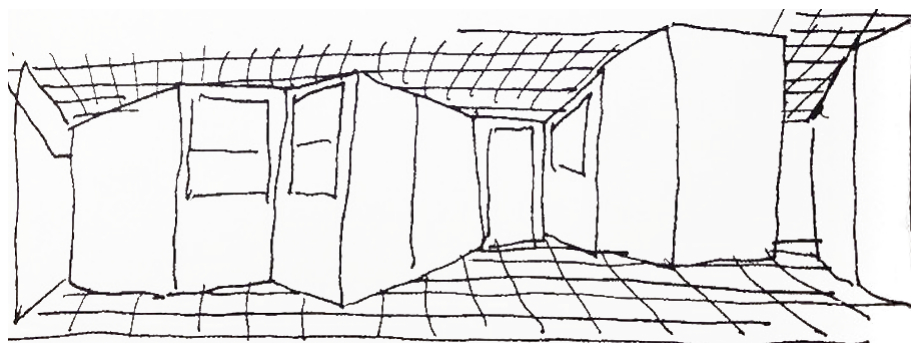
150 OLIVEIRA, Maria Manuel, *Linha de sombra*, in TAVARES, André; BANDEIRA, Pedro. *Só Nós e Santa Tecla: A Casa de Caminha de Sérgio Fernandez*, Porto: Dafne Editora, 2008, p. 32

A ideia de Friedman é que a arquitetura é incapaz de abraçar todas as preferências individuais dos ocupantes e, por isso, os arquitetos tendem a desenhar edifícios e casas que refletem as suas próprias preferências, sem serem eles a vivê-las.

Depois da Guerra, concebeu um sistema constituído por painéis pré-fabricados, unidos uns aos outros como os elos de uma corrente, com a função de paredes ou divisórias capazes de tomar qualquer forma que fosse de acordo com o desejo dos habitantes.



[48]- Yona Friedman, *Movable Boxes*, 1949



[49]- Yona Friedman, *Panel Chains*, 1945

[A CASA LIVRE]

Juliaan Lampens, com atelier próprio a partir de 1950, em Eke, uma vila perto de Ghent na Bélgica, é um arquiteto belga modernista cujo pensamento, tanto em trabalhos teóricos como práticos, questionou os padrões da forma de viver o espaço da casa.

A visita à Expo'58, em Bruxelas, e o contacto com a sobriedade e o uso minimalista dos materiais como forma de criação de espacialidade de alguns pavilhões, como o Norueguês de Sverre Fehn e o Japonês de Kunio Maekawa, foram inspirações profundas que marcaram uma viragem na sua carreira como arquiteto. Abandonou uma arquitetura mais convencional, de técnicas construtivas tradicionais e estabelecidas, e ocupou-se a explorar novas formas de criar e usar espaço e de o relacionar com o habitante e o exterior.¹⁵¹

A sua maneira de interpretar o espaço da casa e a sua habitabilidade é baseada numa ideia muito forte de relação familiar e de redução de limites de privacidade. Exemplo disso, talvez o mais significativo, é esta casa, construída para a família Vandenhaute, um casal com quatro filhos que, deslumbrado pela casa do próprio, depositou toda a confiança e liberdade no arquiteto.

Através da organização livre, sem grandes barreiras, todos os compartimentos vivem em plena relação entre eles e com o espaço exterior privado. Fecha-se para a rua mas abre-se totalmente para o amplo jardim. A cozinha é delimitada por um retângulo de betão suspenso, à altura dos ombros, e constituída apenas pelo estritamente necessário: um balcão de preparação que se transforma na mesa de refeições e por módulos de arrumação colocados no interior da caixa de betão. Dois cilindros de betão, desta vez descolados do teto, delimitam a zona de banho e sanitários. Todo o restante espaço é único e a sua apropriação fica ao critério dos habitantes, encorajando a família a viver em constante

¹⁵¹ LAMPENS, Juliaan *in* CAMPENS, Angelique, *Juliaan Lampens*, Brussels: ASA Publishers, 2010, p. 5



[50], [51]- *Vandenhaute House*,
Juliaan Lampens, 1966-67



comunicação e a funcionar como elemento de organização espacial. Às camas podem ser acrescentados pequenos armários que, visto não estarem fixos no chão, criam uma espécie de “nicho de dormir” em contínua possibilidade de mudança.

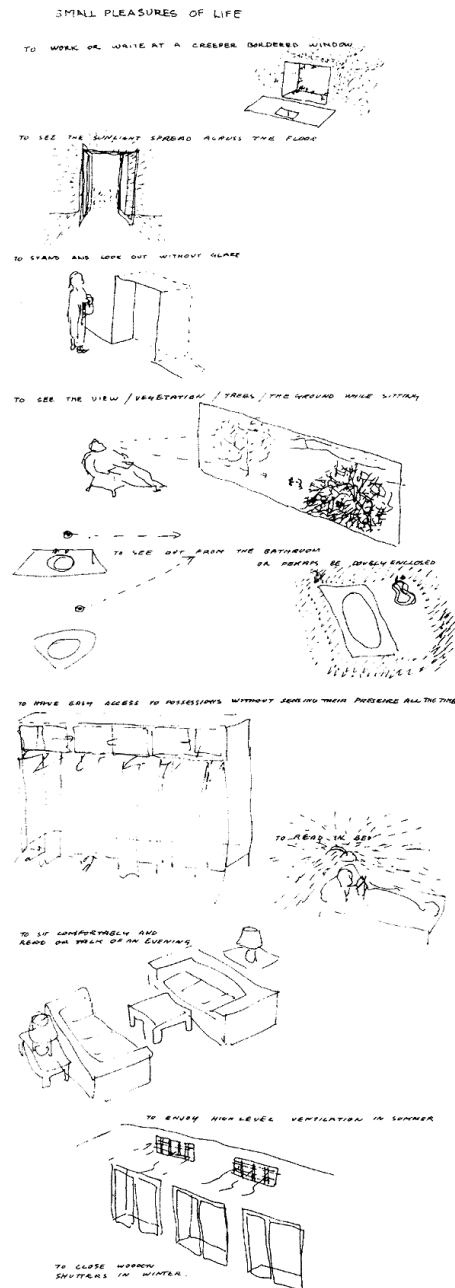
Apesar do conceito pouco convencional, foram muitas as vezes em que os clientes expuseram a admiração pela casa- nas próprias palavras de Gerard Vandenhaute, é um espaço onde quem o usa, livre de barreiras e preconceitos, redescobre “life in its liveability”¹⁵². Um dos filhos do casal, Wouter Vandenhaute, sempre que volta à sua casa de infância e adolescência sente que esta é a ideal para se envelhecer calmamente. Não existem escadas, divisões ou barreiras e tudo está a um só nível, o que possibilita a contínua independência de movimentos. Para além disso, é um espaço onde se vive juntamente com a natureza, e o mais importante é que não sente diferença no modo de habitar esta casa, quer se tenha 2 ou 20 anos - esta nunca é demasiado grande ou pequena, pois tudo se funde.¹⁵³

Através da depuração das formas, do gesto minimalista e da original relação de todos os espaços, a arquitetura de Lampens é uma espécie de antídoto contra as garras do consumo e, pelo contrário, um chamamento à espiritualidade.

A co-existência entre um espírito de medo e uma cultura de consumo, características do tempo Pós-Guerra e da Guerra Fria, é aparente na arquitetura de então, através da também co-existência entre transparência e encerramento. Neste exemplo, uma fila de árvores e um desnível de cerca de 1,50m criam uma barreira visual entre a casa e a rua. Uma longa parede de betão também fecha a casa para a rua, do lado norte, enquanto que os outros lados são inteiramente em vidro. Esse gesto de encerramento como segurança e de abertura como liberdade e utopia, é considerado por Angelique Campens como um dos mais importantes de perceber no movimento Brutalista.

152 STRAUVEN, Francis in *Juliaan Lampens*, Brussels: ASA Publishers, 2010, p. 55

153 VANDENHAUTE, Wouter in CAMPENS, Angelique, *Juliaan Lampens*, Brussels: ASA Publishers, 2010, p. 75



[SMALL PLEASURES OF LIFE]

1- To work or write at a creeper bordered window

2- To see sunlight spread across the floor

3- To stand and look without glare

4- To see the view/ vegetation/ trees/ the ground while sitting

5- To see out from the bathroom or perhaps be doubly enclosed

6- To have easy access to possessions without seeing their presence all the time

7- To read in bed

8- To sit comfortably and read or talk of an evening

9- To enjoy high level ventilation in summer

10- To close wooden shutters in winter

[A CASA DO FUTURO]

As ideias de, por exemplo, Alison e Peter Smithson, refletem esse entendimento. Projetaram várias casas e foi nesses projetos que mostraram o seu interesse pelo comum e pelo quotidiano, pela “(...) art of inhabitation: the way in which people use, occupy and appropriate their homes.”¹⁵⁴ Várias circunstâncias levaram os Smithson a focarem-se no valor do comum, na simplicidade das coisas e do habitar. Primeiro, o facto de terem passado pelo clima da II Guerra Mundial; segundo por não concordarem com a aproximação modernista pós-guerra de reconstrução, supostamente focada em aperfeiçoar o *estado do bem comum* mas que, na perspetiva dos arquitetos, ignorava tudo o que poderia transformar uma sociedade numa comunidade; terceiro, o período de reconstrução pós-guerra, a partir de 1960, foi um tempo de pobreza e escassez de recursos na Grã-Bretanha, que obrigou os arquitetos a determinarem-se em fazer o máximo possível com o pouco disponível, chamando ao processo “As Found: aiming at a revitalisation of the ordinary and the most humble of things.”¹⁵⁵ [52] Em grande parte, a experimentação realizada durante o Movimento Moderno focou-se no habitar. Temos obras como de Le Corbusier, com o exemplo já apresentado e com a *Villa Savoye*, e de Mies van der Rohe com a *Farnsworth House*, uma casa caracterizada pela flexibilidade espacial e pela serenidade que transmite.¹⁵⁶ Entre esses, muitos mais, todos eles encarregues de experimentar, investigar e testar novas ideias sobre a arquitetura e sobre a cidade. De acordo com Beatriz Colomina, a tradição modernista poderia ser descrita pela busca da *morada final*, envolvendo sempre a contínua redefinição do próprio ato de habitar.¹⁵⁷ Esta caracterização assenta na dupla de arquitetos como uma luva. Para eles, refletir acerca da *arte do habitar* é a contínua e escrupulosa interrogação sobre

154 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004, p.9. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=PbT8SWIOHNgC>> Consultado em Julho de 2016

155 *ibidem*

156 PALUMBO, Peter in BLASER, Werner, *Farnsworth House: Weekend House*, Basel: Birkhäuser: Publishers for Architecture, 1999, p. 14, 16

157 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Op.Cit.*, p.10.

a posição e situação de cada um. Os resultados tanto podem ser considerados uma extensão do pensamento moderno ou a sua transformação e oposição. De facto, apesar dos Smithson se identificarem com a geração de arquitetos modernos pré-guerra, como Le Corbusier e Mies van der Rohe, também os criticaram bastante.

Para ambos, desenhar uma casa não assentava na ideia de criar uma *máquina* em bom estado de funcionamento, mas sim de construir um lugar, um território e uma estrutura que deveria adaptar-se à apropriação dos seus habitantes, aos seus padrões de uso, à sua *arte de habitar*.¹⁵⁸

Uma das casas que projetaram, *The House of the Future*, foi um exercício de 1956 para a exposição anual *Daily Mail Ideal Home Exhibition*, onde a dupla de arquitetos imaginou como seria uma habitação *standard* e ideal para uma família sem filhos, daí a 25 anos. O conceito é simples e pensado para ser repetido em meio urbano de alta densidade. Funciona como um *bunker*, com espaço privado de pátio no interior, descrito num esquisso dos autores como um tubo vertical de ar privado¹⁵⁹. [54]

Não há quartos e todas as divisões são temporárias e amorfas, feitas através de portas de correr e armários.¹⁶⁰

“Patio & Pavilion represents the fundamental necessities of the human habitat in a series of symbols. The first necessity is for a piece of the world – the patio. The second necessity is for an enclosed space, the pavillion. These two spaces are furnished with symbols for all human needs”¹⁶¹

Na última publicação da dupla, *The Charged Void: Architecture*, referem que as energias de uma ideia desencadeiam muitas outras e, nas palavras de Dirk van den Heuvel e Max Risselada, aqui aplicadas, é exatamente assim que pretendemos discutir ideias sobre o habitar. Gostaríamos de nos apropriar dessa energia e vitalidade e leva-la para a próxima geração e para outra reinvenção da dinâmica da *arte de habitar* de hoje.¹⁶²

158 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004, p.10. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=PbT8SWIOHNgC>> Consultado em Julho de 2016

159 COLOMIA, Beatriz, in HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004, p.31. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=PbT8SWIOHNgC>> Consultado em Julho de 2016

160 ZEINSTRA, Jurjen, *House of the Future*, Department of Architecture, TU Delft. Disponível em < http://www.tudelft-architecture.nl/uploaded/files/2008_Houses%20of%20the%20Future.pdf>

161 SMITHSON, Alison, *Changing the Art of inhabitation*, (1ªed.), London: Artemis, 1994, p. 108

162 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Op. Cit.*



[55], [56]- Lacaton & Vassal,
Antes e depois - *Tour Bois Le Prêtre*, Paris, 2011

[57], [58]- Lacaton & Vassal,
Proposta de transformação para
os apartamentos de *Tour Bois Le Prêtre*, Paris, 2011

Assim, servimo-nos agora do pensamento contemporâneo de Anne Lacaton e Jean-Phillippe Vassal, para encerrar o ciclo de casos de estudo apresentados, pertencentes ao século XX, e refletir sobre as ideias desta dupla sobre temas da atualidade: a casa de hoje e o potencial que encontram na cidade existente e em construções que parecem já não se adequar aos tempos atuais. De acordo com Jean-Phillippe Vassal, toda a situação existente tem a sua própria especial qualidade, apenas precisamos de tempo e curiosidade para a entender.¹⁶³ E, depois, reinterpretar.

Fundadores do atelier Lacaton & Vassal Architecture Studio, fundado em 1987, trabalham, desde sempre, com especial foco na habitação. A sua principal ideia, o que os levou à invenção de novos espaços domésticos, é desenhar habitação coletiva com mais espaço, mais luz e mais liberdade, acima de tudo, com qualidade de vida para os seus ocupantes.¹⁶⁴

Na verdade, o que os entusiasma é a habitação em geral, independentemente do contexto, do formato e do tipo. Chegam a discordar com a utilização do termo “habitação social”, por esta não poder ser diferente de qualquer outra, tal como diz Álvaro Siza, referindo-se ao seu projeto para o Bairro da Malagueira: “A primeira dificuldade substancial do programa estava já no próprio nome: habitação social, como se tratasse de uma especialidade autónoma. A habitação é uma presença constante na cidade e é sempre social”¹⁶⁵

Da mesma forma, Anne Lacaton defende que “density and the superposition of habitation units are absolutely no reason for the abandon of high expectations in terms of quality of life.”¹⁶⁶

Vejam, então, que um dos aspetos importantes no trabalho desta dupla de arquitetos, e que nos interessa, tem sido a recusa do fatalismo da demolição de habitações “sociais” existentes. Para Anne Lacaton, apesar de uma série de problemas que a rapidez e a falta da qualidade de construção possam ter encadeado e dos conceitos aplicados provavelmente já não fazerem sentido

163 Entrevista de Mathieu Wellner a Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, *Reduce, Reuse, Recycle*, 13th International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, 2012. Disponível em < <https://www.lacatonvassal.com/data/documents/20130415-18380412ReduceReuseRecycle.pdf> > Consultado em Setembro de 2016

164 Entrevista de Denis Bocquet a Anne Lacaton, *more space, more light, more green, a new vision of social housing*, Revista speech, *Affordable Housing*, Dezembro de 2014

165 SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 228

166 Entrevista de Denis Bocquet a Anne Lacaton, *op. Cit.*

na sociedade atual, esses edifícios e aglomerados têm, indubitavelmente, algumas qualidades e, acima de tudo, capacidade de reinvenção. Mantê-los é, também, uma questão de sustentabilidade urbana e memória. Exemplo dessa abordagem é o projeto com o qual venceram um concurso público para a intervenção no prédio de apartamentos *Tour Bois Le Prêtre*¹⁶⁷, em Paris. Removeram a fachada existente e, suportado pela estrutura original, aplicaram um módulo pré-fabricado de varanda e de espaço mediador entre interior e exterior, em cada apartamento. [55] [56]

A luminosidade e as áreas dos apartamentos foram, desse modo, aumentadas. Quanto à espacialidade interior, os arquitetos acreditam na capacidade dos habitantes em fazer o melhor uso do seu próprio espaço e por isso projetam, como premissa, espaços domésticos adaptáveis e com o mínimo de paredes fixas.¹⁶⁸

“What the architect creates is not a sacred space in which the dweller has to fit: it’s a space for the dwellers, in which enough elements are to be found for a genuine appropriation.”¹⁶⁹

Jean-Phillippe Vassal acrescenta que, mesmo trabalhando sobre um edifício ou situação existente é essencial que os princípios de revitalização se relacionem com a procura e as necessidades sociais da atualidade.¹⁷⁰

E sobre isso diz Pedro Ramalho, “(...) as pessoas estão a habitar as casas de uma forma diferente. E a maior parte dos programas não acompanha esses ritmos diferentes, esses usos diferentes. (...) A meu ver, a casa tem de ser uma coisa diferente do que a convencional.”¹⁷¹

A casa continua a ser o local sagrado individual, continuamos a habitá-lo como

167 Edifício habitacional originalmente desenhado pelo arquiteto Raymond Lopez no final da década de 50. Nos anos 80 foi, pelas palavras de Jean Philippe Vassal, massacrado com profundas alterações que lhe retiraram, por exemplo, as varandas originais para serem substituídas por pequenas janelas. Essa intervenção diminuiu a qualidade espacial dos apartamentos e os arquitetos afirmam que, não fosse ela, o projeto desenvolvido pela dupla em 2011 nunca seria igual, tão “radical”. in Entrevista de Mathieu Wellner a Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, *Reduce, Reuse, Recycle*, 13th International Architecture Exhibition, 2012, p.22. Disponível em < <https://www.lacatonvassal.com/data/documents/20130415-18380412ReduceReuseRecycle.pdf> > Consultado em Setembro de 2016

168 Entrevista de Mathieu Wellner a Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, *Reduce, Reuse, Recycle*, 13th International Architecture Exhibition, 2012, p.24. Disponível em < <https://www.lacatonvassal.com/data/documents/20130415-18380412ReduceReuseRecycle.pdf> > Consultado em Setembro de 2016

169 Entrevista de Denis Bocquet a Anne Lacaton, *more space, more light, more green, a new vision of social housing*, Revista speech, *Affordable Housing*, Dezembro de 2014

170 Entrevista de Mathieu Wellner a Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, *Op.Cit.*, p.19

171 RAMALHO, Pedro in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar-Pedro Ramalho*, V.05, Porto, Edições CIAMH, p.87

um prolongamento do nosso ser íntimo. Assim sempre foi e será. Continua, também, a ser reflexo da cultura e do tempo. E isso, mudou.

Mudaram-se os hábitos educativos, a estrutura da família e até a importância da multimédia e da tecnologia tem a sua contribuição para que o modo de viver a casa já não seja o mesmo.

Continua, contudo, a considerar-se o parcelamento e excessiva hierarquização da casa, com divisões, *hall's* e áreas mal distribuídas, dado o uso contemporâneo que lhes damos - “Não se arrisca. Mas é engraçado, porque, enquanto os modelos nórdicos são mais informais, os nossos continuam a ser muito convencionais. Continua-se a fazer a zona de dormir, a zona de estar, a zona de refeições, a cozinha tem uma dimensão, que nem permite tomar refeições. E se um tipo disser não! vamos fazer uma cozinha grande, que é aqui que a malta está reunida quando volta a casa, a preparar a refeição, ninguém quer. Mas a zona de dormir continua a ser uma zona absolutamente estanque.”¹⁷²

As áreas onde não se deveria poupar, poupa-se, e aquelas que exageradamente se aumentam, não correspondem ao verdadeiro modo de vida de hoje.

Deixou de haver o papel educativo dos pais, do ensinar a ler, do ensinar as mais variadas coisas, que agora passou totalmente para as instituições escolares. Não há a consideração de espaços de trabalho dentro da área da casa, espaços de nada onde tudo se possa adaptar, “portanto, a casa é exclusivamente um espaço de representação teatral dos microcosmos sociais, ou seja, é a sala comum para dar festas. Nem sequer é para ser cultivada no dia a dia, porque as pessoas tiveram que ir para os ginásios, para o cinema, para os *shopping's*, a semana inteira - a sala não se usa.

Não é local de encontro da família, porque não o é.”¹⁷³ Ou talvez o seja para algumas, mas certamente não para todas.

Essa diversidade e heterogeneidade que domina a habitação coletiva, a habitação social, a habitação de qualquer tipo e, por isso, a cidade de hoje é,

172 RAMALHO, Pedro in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitectura e modos de habitar-Pedro Ramalho*, V.05, Porto, Edições CIAMH, p. 87

173 FONSECA, Teresa, in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitectura e modos de habitar-Teresa Fonseca*, V.06, Porto, Edições CIAMH, p.118

de facto, “(...) um tema fascinante para se trabalhar a diversidade dos tipos dentro da habitação, dentro dos blocos, para que a família que está no segundo andar não tenha o mesmo funcionamento do que a outra que está por baixo, ou a outra que está por cima, ou seja, de noite quando se olha para o edifício não é obrigatório que isto seja um quarto de banho, que isto seja um quarto e isto seja uma sala, ou seja, na mesma aprumada há funções diferentes. (...) porque o comprador duma casa continua ainda a ser um humano com direito à sua individualidade, na cidade, ou no bloco de habitação coletiva. (...)”¹⁷⁴ E assim se constrói heterogeneidade, e cidade.



[59]- Juliana Russo, *Revolução através do Design- Habitação Social: Incremental*, 2014

“Vive-se habitando; constrói-se, para que seja possível viver. Albergar o homem e as suas atividades, construir – a obrigação da arquitetura –, celebra a própria vida.

E o lugar das moradas do homem é, há muito tempo, a cidade.

A cidade é o lugar onde vivemos coletivamente, juntos, solidários; onde compartilhamos tarefas (eu escrevo, tu varres, ele vende, nós produzimos, vós estudaís, eles divertem-nos), para o qual estabelecemos códigos que nos permitem conciliar tantas diferenças evitando os atropelos, as injustiças (ou minimizando-as); o lugar onde negociamos as leis, as regras, para podermos beneficiar do privilégio de estarmos juntos. Porque culturalmente é mais rico, porque economicamente é mais lógico, porque afetivamente nos é necessário, porque estamos condenados aos outros e o esforço de estarmos juntos racionaliza-nos o tempo – o curto tempo – de viver.”¹⁷⁵

Falamos da cidade considerando essencial que os *processos* de habitar a *casa* afetem e sejam afetados, positivamente, pela sua relação com a *cidade*. Considerando, portanto, como diz António Fonseca Ferreira ao (re)visitar os textos do pensador social de Oitocentos, Engles¹⁷⁶, “(...) que não podemos isolar o problema da habitação dos problemas da cidade.”¹⁷⁷

Ora, se a motivo desta dissertação é a reflexão acerca do espaço doméstico, de como evoluiu e poderá evoluir em específico nas esquecidas *ilhas* do Porto, cremos ser pertinente que também se fale da sua relação com a dinâmica da rua e da cidade – para que deixem o sentido de segregação intimamente ligado ao seu nome.

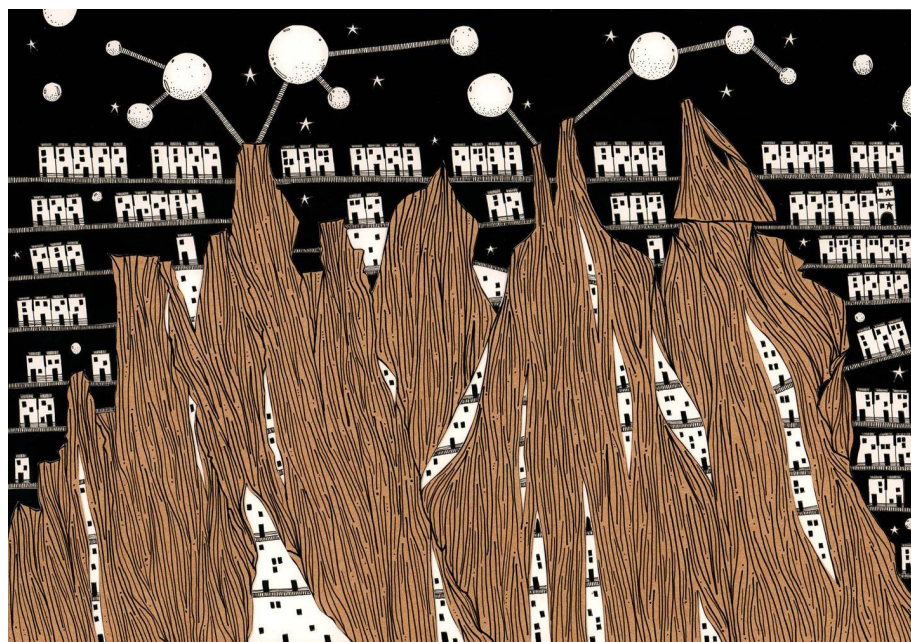
É preciso que a *cidade* não estagne, pois que a sua transformação é um processo essencial, mantendo, no entanto, a base que a liga à memória coletiva de quem a habita e vive, as marcas e as “curvas do tempo”¹⁷⁸.

175 DIAS, Manuel Graça, *Castro Portugal*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002, p.3

176 Friedrich Engels (1820-1895), cofundador do materialismo histórico e dialético em conjunto com Karl Marx. in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002, p.5

177 FERREIRA, António Fonseca, *A questão do Alojamento - Revisitar Engels*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002, p.7

178 NIEMEYER, Oscar, *As curvas do tempo- Memórias*, Porto: Campo das Letras, 2000



[60]- Ilustração da Arq. Karina
Puente das *Cidades Invisíveis*
de Italo Calvino, Zora

Assim, a transformação da cidade é fenómeno natural, que deve ser estimulado, e prova vitalidade, se de acordo com as necessidades coletivas do cidadão. E uma das necessidades coletivas consiste, sem dúvida, na mudança e na reinvenção que, ao mesmo tempo, não negligencia os resíduos da história de que é feita a cidade, contributo fundamental à consciência da história e do devir.¹⁷⁹

[A CIDADE DE ZORA]

“Depois de se passar seis rios e três cadeias de montanhas, surge Zora, cidade que quem viu uma vez nunca mais pode esquecer. Mas não porque deixe, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações. Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas, e das casas ao longo das ruas, e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade. O seu segredo é o modo como a vista percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. O homem que sabe de cor como é Zora, nas noites em que não consegue dormir imagina que anda pelas suas ruas e recorda a ordem em que se sucedem o relógio de cobre, o toldo às riscas do barbeiro, o repuxo dos nove esguichos, a torre de vidro do astrónomo, o quiosque do vendedor de melancias, a estátua do eremita e do leão, o banho turco, o café da esquina, a travessa que leva ao porto. Esta cidade que nunca se apaga da mente é como uma armação ou um reticulado em cujas casas cada um pode dispor as coisas que lhe aprouver recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes de um discurso. Entre todas as noções e todos os pontos do itinerário poderá estabelecer um nexo de afinidades ou de contrastes que sirva de mnemónica, de referência instantânea para a sua memória. E assim é de maneira tal que os homens mais sábios do mundo são

179 SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p.19,20

os que conhecem Zora de cor.

Mas foi inutilmente que parti em viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e igual a si própria para melhor ser recordada, Zora estagnou, desfez-se e desapareceu. A Terra esqueceu-a.”¹⁸⁰

Ou seja, a cidade histórica, consolidada, concentrou-se demasiado nas suas marcas, não adquiriu novos emblemas e, por isso, degradou-se.¹⁸¹

Já sabemos que o Movimento Moderno foi extremamente marcado pela discussão e experimentação em torno da habitação e, consequentemente, da cidade. Por isso analisarmos algumas das propostas realizadas durante esse período.

No entanto, nos anos seguintes, foram muitos os ataques contra essas propostas da arquitetura moderna baseados, precisamente, na rejeição dos modelos urbanos da cidade tradicional¹⁸² que, supostamente, esta havia gerado.

Na verdade, é preciso compreender que a cidade tradicional, e a sua estrutura física, não conseguiu resistir a um mundo em evolução e que atravessava um importante momento de mudança através da sociedade industrializada. Nessa cidade, o tecido urbano era composto, na sua maioria, por casas unifamiliares, uma tendência que vem das civilizações clássicas mediterrâneas, com as casas-pátio, introvertidas e de “costas” voltadas para a rua, e da cidade medieval europeia onde prevalecia a casa construída em terreno estreito e profundo, com jardim atrás.¹⁸³

Com a industrialização consuma-se a separação entre vivenda e trabalho e o aumento demográfico das cidades provoca a substituição massiva da casa unifamiliar pela densificação em altura e profundidade da habitação coletiva. Importante, também, é referir que antes da Industrialização, rua e habitação estavam intimamente ligadas, sem nunca se conceberem individualmente.

180 CALVINO, Italo, *As cidades Invisíveis*, (13º ed.), (Trad. José C. Barreiros), Lisboa: Teorema, LeYa, 2010, p.19,20

181 SERRA, João Bonifácio, *A cidade imaginária*, in *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003, p. 86

182 “Cuando hablamos de la ciudad tradicional nos referimos a un organismo urbano que se ha ido gestando a través de un largo proceso histórico, hasta quedar fijado en una forma que puede representarse en una imagen unitaria. Así, pues, la ciudad tradicional se nos muestra como un hecho perfectamente *abarcable, homogéneo y cerrado*, como un lugar delimitado y autónomo que contiene en su interior los elementos públicos y privados que garantizan su equilibrio. En la cultura tradicional, o que no es ciudad, es campo: no existen territorios intermedios indecisos o indefinidos.” in ARÍS, Carles Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, (2º ed.), Barcelona: Ed. UPC, 2000, p. 14

183 ARÍS, Carles Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, (2º ed.), Barcelona: Ed. UPC, 2000, p. 14,15

“La calle nace de las relaciones que entre sí establecen los edificios y a su vez es el espacio público común a todos ellos, capaz de disciplinar sus posiciones recíprocas.”¹⁸⁴

Pelo contrário, na cidade industrial, com a necessidade de rápido crescimento e da incorporação dos novos sistemas de transporte, surgiu um traçado viário, autónomo, completamente desligado do edificado e do ordenamento do território, que pôs em causa o conceito de rua de até então.

Foi esta cidade oitocentista com a qual a arquitetura moderna se confrontou e combateu com propostas utópicas de uma ideia de cidade [e casa] alternativa¹⁸⁵, e com novos princípios estabelecidos.

Resumidamente, o movimento moderno foi o produto do racionalismo do século XIX e da urgência pela melhoria social, procurando a integração e usando as forças da sociedade, da indústria e da arte, de um modo coerente e harmonioso.¹⁸⁶

Falamos, por exemplo, da Assembleia dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (os CIAM), em 1933, que teve lugar em Atenas e onde foram discutidos os princípios de uma carta de urbanismo. Oito anos depois, é publicada com o título Carta de Atenas, com 95 princípios direcionados à cidade, à habitação, ao lazer, ao trabalho, à circulação e ao património histórico¹⁸⁷ e, “hoje, mais que nunca, este texto mantém-se atual.”¹⁸⁸

“As cidades e o seu futuro tornaram-se justamente um tema em voga.”¹⁸⁹

Um tema tão vasto, com tantas implicações culturais, tão extenso e complicado que, para sermos completos, e ser completo já é uma ilusão, deveríamos escrever, talvez, centenas de páginas só para registar o “estado da arte”.¹⁹⁰

Centenas não serão, mas segue-se uma série de utopias e pensamentos

184 ARÍS, Carles Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, (2ª ed.), Barcelona: Ed. UPC, 2000, p. 15

185 *ibidem*, p. 19

186 SMITHSON, Alison, *Urban Structuring: studies of Alison & Peter Smithson*, London: Studio Vista, 1967, p. 6

187 Le CORBUSIER; GIRAUDOUX, Jean, *A carta de Atenas*, São Paulo: Hucitec, 1993. Disponível em < https://monoskop.org/images/1/1a/Corbusier_Le_A_Carta_de_Atenas.pdf > Consultado em Setembro de 2016

188 GRAÇA DIAS, Manuel, *A carta de Atenas e o património históricos das cidades*, in *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003, p. 34

189 PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, Vol. I A cidade feita e refeita*, Guimarães, DAAUM, 2012, p.143

190 ALVES COSTA, Alexandre, *O património: entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade*, *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003, p. 7

urbanísticos que, por qualquer motivo, inspiram no pensamento sobre a cidade e a sociedade. “As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico.”¹⁹¹

[AS GRANDES CIDADES]

Otto Wagner idealizou “A Grande Cidade” (*Die Grossstadt*) com base no concurso que ganhou, em 1893, para o plano ideal para Viena. Uma cidade de expansão ilimitada que, partindo do núcleo da cidade antiga, se desenvolveria, a pensar no presente e no futuro, através de uma larga rede de vias principais e equipamentos que dariam resposta à modernidade impossível de ser respondida pelo património histórico (merecedor, de qualquer das formas, de conservação e valorização).¹⁹²

Na sua previsão, assim se evitaria o caos e se fomentaria, pelo contrário, a homogeneidade – marcada por quarteirões com a mesma altura e alinhados ao longo das diversas vias e ruas e por habitação com condições iguais para todos – característica necessária à cidade do futuro.¹⁹³

Com tais reflexões, Otto Wagner opôs-se, por exemplo, aos ideais de Ebenezer Howard que, pela sua ideia de Cidade Jardim¹⁹⁴, sugeria uma cidade autossustentável e de crescimento limitado, numa mesclagem entre cidade e campo.

“Poder-se-à assim entender o pensamento de Wagner e as suas propostas teóricas e práticas marcadas pelo elogio à Grande Cidade, na qual ele via o caminho de renovação da Arquitetura, afastando-se das propostas mais

191 FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, (trad. Salma Tannus Muchail), São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.9. Disponível em <<http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/318/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>> Consultado em Setembro de 2016

192 TOUSSAINT, Michel, *A Grande Cidade como Meio e Paradigma para a Architectura no Século XX*, in *Jornal Arquitectos*, nº 195, Março/Abril de 2000, p.77

193 *ibidem*

194 No contexto do pensamento acerca da necessidade da melhoria das cidades, dos seus aspetos sociais e urbanos, na última década do século XIX, surge o conceito de cidade idealizado por Ebenezer Howard denominado, em 1902, como *cidade-jardim*. Um conceito que pretendia alcançar a harmonia entre urbano e rural, no interior da Inglaterra.

Os princípios essenciais baseiam-se em propriedades cooperativas, sendo as receitas divididas pelos habitantes; numa cidade auto-sustentável e de crescimento limitado; e na existência de áreas verdes circundantes à cidade com a função de fornecer produtos à cidade e de, em simultâneo, travar a sua expansão, in BONFATO, Antonio Carlos, *Macedo Vieira: Ressonâncias do modelo cidade-jardim*, São Paulo: Senac, 2008, p.38

culturalistas, ou mesmo nostálgicas de um idílico passado ruralizante, que a teoria da Cidade Jardim representou (...).”¹⁹⁵

Frank Lloyd Wright propôs, igualmente, uma ideia que integrava cidade e campo, no entanto de crescimento ilimitado. No livro, *The Disappearing city* (1932), FLW apresentou a sua preocupação acerca da consideração da cidade do futuro como um futuro para a individualidade no seu sentido mais orgânico.¹⁹⁶

Chamou a esta cidade imaginária de *Broadacre City* por ser baseada na ideia de cada família ter direito a um acre de terreno que poderia estender futuramente. O que constrói essa cidade é, portanto, o desenvolvimento individual que, sucessivamente, constrói uma individualidade comunitária a que se chama de Democracia.¹⁹⁷

“I see free life in the Broadacre city.”¹⁹⁸

Assim descreve os espaços e infraestruturas desta utopia: Vias espaçosas e dotadas de paisagem, seguras e luminosas, com flores e sombra de árvores. Estradas gigantes, elas próprias de uma arquitetura espetacular, a passar por estações de serviços públicos, não monstruosas, mas expandidas de modo a incluir todo o tipo de serviços e conforto. Elas unem e separam – separam e unem uma série de unidades diversificadas: as quintas, as fábricas, os mercados, as escolas-jardim, as zonas de habitação (cada habitação no seu acre, decorado e cultivado ao gosto de cada um), as zonas de lazer. Todas estas unidades tão organizadas e integradas que cada cidadão do futuro terá todas as formas de produção, distribuição, aprendizagem e usufruto num raio de cento e cinquenta milhas em relação à sua casa, agora fácil e rapidamente acessíveis através do carro ou do avião.¹⁹⁹

195 TOUSSAINT, Michel, *A Grande Cidade como Meio e Paradigma para a Arquitectura no Século XX*, in *Jornal Arquitectos*, nº 195, Março/Abril de 2000, p.77

196 “Individuality being fine integrity of the human race” in WRIGHT, Frank Lloyd, *The Disappearing City*, New York: Stratford Press, W.F.Payson, 1932, p. 17. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015047936219;view=1up;seq=5>> Consultado em Setembro de 2016

197 WRIGHT, Frank Lloyd, *The Disappearing City*, New York: Stratford Press, W.F.Payson, 1932, p. 19. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015047936219;view=1up;seq=5>> Consultado em Setembro de 2016

198 *ibidem*, p.18

199 *ibidem*, p.44

[61]- Frank Lloyd Wright,
Broadacre city, 1932



“This integral whole composes the great city that I see embracing all of this country – the Broadacre city of tomorrow.”²⁰⁰

A Broadacre City foi, assim, o produto das ideias de Frank Lloyd Wright sobre a apropriação do território e, embora o arquiteto tenha sido catalogado como um antiurbanista²⁰¹ e a proposta tenha sido pensada para se encaixar apenas nas aspirações e nas cidades americanas, esta acabou por constituir uma fórmula de pensamento para a expansão de qualquer cidade – “(...) não se pode, apesar de tudo, deixar de reconhecer uma forte intencionalidade urbana, se bem que alicerçada na crítica à cidade existente.”²⁰²

Também Le Corbusier se ocupou da reflexão em torno da Grande Cidade. Em 1917 mudou-se para Paris, “(...) então um dos grandes centros da modernidade e também grande cidade (...)”²⁰³, e, depois de visitar os centros onde a Arquitetura Moderna se preparava mais intensamente (Viena, Berlim, Budapeste, etc.), apresentou, em 1922, a sua primeira proposta para a cidade ideal, *La Ville Contemporaine*.²⁰⁴ Em simultâneo, propôs o *immeuble-villa*, um dos tipos de edifícios que daria abrigo aos seus habitantes que se distribuiriam quer pela zona central (um milhão) quer pelas cidades-jardim envolventes (dois milhões).²⁰⁵

La Ville Radieuse foi a segunda cidade ideal proposta por Le Corbusier, tendo sido publicada num livro homónimo em 1935.

O seu projeto, tal como a *Broadacre city* de Frank Lloyd Wright e a *Ville Contemporaine*, foi aplicado a um lugar plano, sem acidentes geográficos, também definido como ideal.

O conceito estruturou-se a partir de um núcleo e, a partir desse núcleo, um eixo regulador, que, antropomorficamente, podem ser associados a uma cabeça e uma coluna vertebral.

200 WRIGHT, Frank Lloyd, *The Disappearing City*, New York: Stratford Press, W.F. Payson, 1932, p. 44. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015047936219;view=1up;seq=5>> Consultado em Setembro de 2016

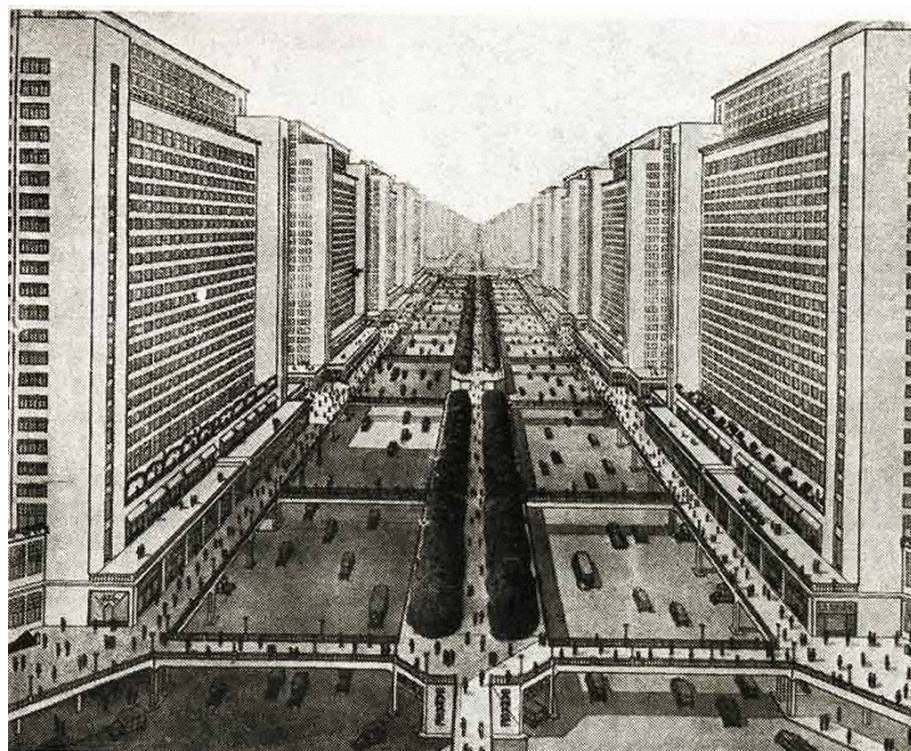
201 TOUSSAINT, Michel, *A Grande Cidade como Meio e Paradigma para a Arquitetura no Século XX*, in *Jornal Arquitectos*, nº 195, Março/Abril de 2000, p. 77

202 *ibidem*

203 *ibidem*, p. 78

204 Primeira cidade ideal concebida por Le Corbusier e destinada a três milhões de habitantes, a população de Paris naquela época. O projeto desenrola-se num território plano, apenas incluindo um rio junto à zona industrial da cidade. A forma da cidade, com o desenho reticular das suas ruas e os arranha-céus no centro, pode ser considerada uma alusão à cidade americana ou à cidade ideal projetada por Bruno Taut em 1919 (Stadtkrone), in MONTEYS, Xavier, *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*, (1ª ed.), Barcelona: Serbal, 1996, p. 33

205 TOUSSAINT, Michel, *Op.Cit.*, p. 79



[62]- Le Corbusier, *Ville Radieuse*, 1935

A “cabeça” era ocupada por 14 arranha-céus, onde se formava a zona administrativa, e separava-se do resto da cidade, e concretamente da área residencial, por uma faixa de 600 metros de largura, colocada sobre a “coluna vertebral”, o seu eixo de simetria. Aí, e ao longo desse eixo, encontravam-se os vários serviços e, no seu final, a zona industrial.

Assim, a posição da área residencial, entre a zona administrativa e a zona industrial da cidade, mostrava a preocupação em encurtar distâncias entre a residência e o trabalho – “(...) reducir los tiempos muertos entre dos funciones fundamentales que son: estar en casa (afectividad y reposo) e ir trabajar.”²⁰⁶

Os equipamentos de interesse quotidiano, como escolares, recreativos e comerciais, eram localizados nos espaços livres entre os blocos residenciais, de modo a cobrir facilmente as necessidades básicas da população.

Mais planos e experiências seguiram-se a estas duas cidades, tendo tudo culminado no projeto para a Unidade de Habitação de Marselha. Por esse motivo Xavier Monteys refere-se a esta obra, através do pensamento de Benevolo, como a síntese²⁰⁷ de toda a produção de Le Corbusier.

Em 1927, no seu livro *A Arquitetura da Grande Cidade*, Ludwig Hilberseimer, fez um balanço de todas as propostas realizadas nos séculos XIX e XX, e concluiu a necessidade de uma abordagem mais racional, que juntasse trabalho e habitação em altas densidades. Propôs, para isso, a sobreposição “(...) a uma circulação motorizada ao nível do solo e a um primeiro conjunto de andares para o trabalho, [de] um outro nível de circulação de peões, acima do qual mais andares seriam ocupados por habitação.”²⁰⁸

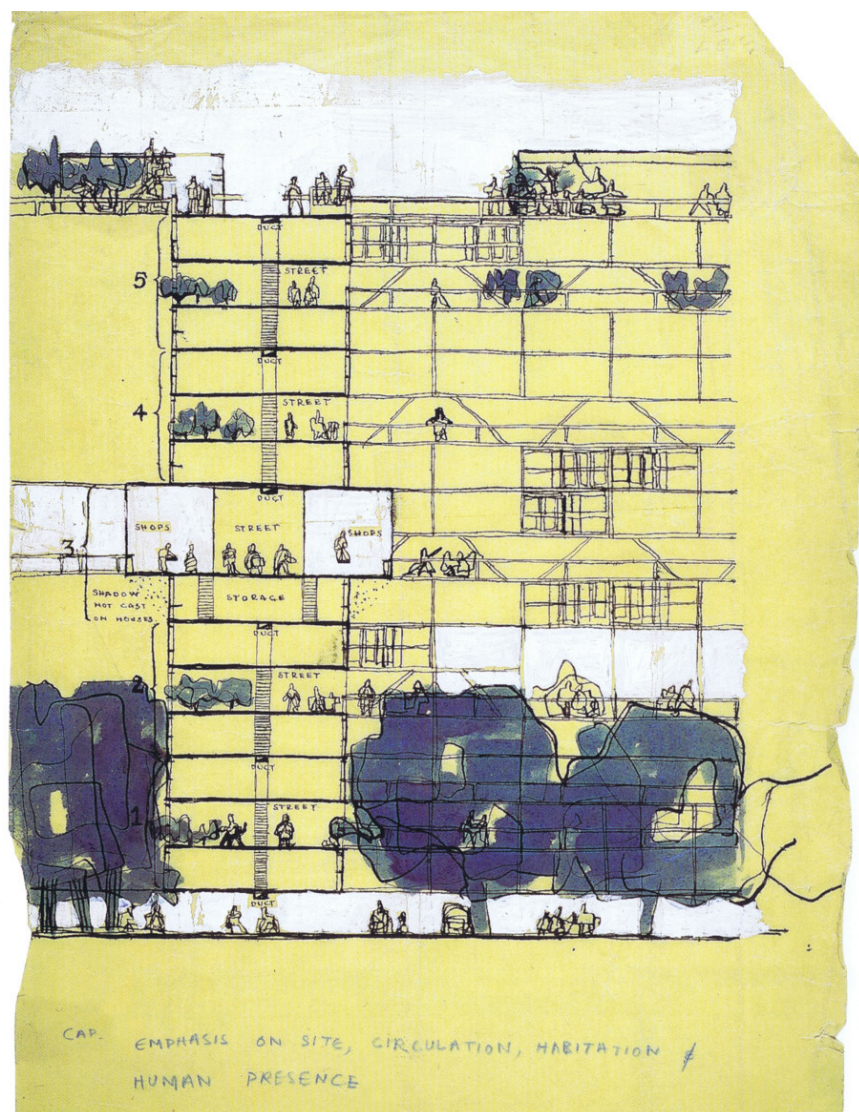
[GOLDEN LANE]

Referimos isto por fazer lembrar, num contexto já pós Segunda Guerra Mundial e onde o Movimento Moderno já se tinha mundializado, as

206 Le Corbusier citado em MONTEYS, Xavier, *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*, (1ªed.), Barcelona: Serbal, 1996, p. 45, 46

207 “Ella [Unidade de Habitação de Marselha] nos remontaría a sus primeros proyectos urbanísticos, viendo en éstos cada uno de los pasos dados hasta conseguir una síntesis completa en este edificio, que representa una de las hipótesis más importantes de la cultura urbanística contemporánea.” L. Benevolo in MONTEYS, Xavier, *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*, (1ªed.), Barcelona: Serbal, 1996, p. 147

208 TOUSSAINT, Michel, *A Grande Cidade como Meio e Paradigma para a Arquitectura no Século XX*, in *Jornal Arquitectos*, nº 195, Março/Abril de 2000, p. 80

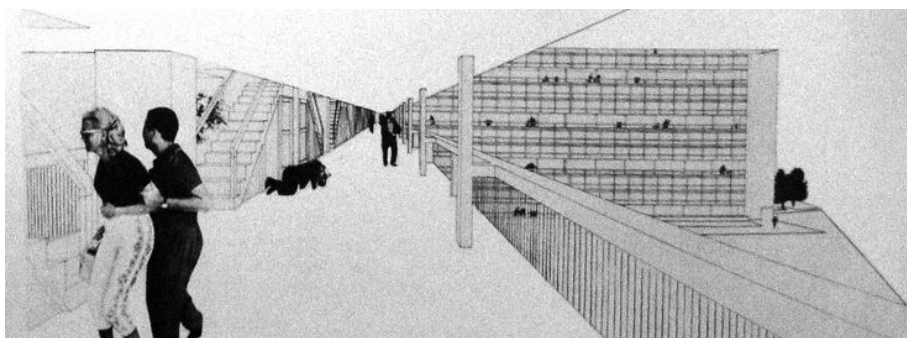


[63]- Alison and Peter Smithson, *Golden Lane*, 1952

propostas de Alison e Peter Smithson, em específico a *Golden Lane* (1952), apresentada no âmbito de um concurso para a reconstrução da cidade pós-guerra, e cuja conceção formal, no que diz respeito à volumetria, deveu muito à referida Unidade de Habitação de Marselha. Aí, porém, a galeria interna de Le Corbusier foi substituída pela galeria exterior dos Smithson.²⁰⁹

Para a dupla de arquitetos, era indiscutível que novos métodos de produção, novas formas de transporte e novos modos de vida, pediam por novas formas de habitação e, consequentemente, as cidades também teriam de se transformar. O que torna esta proposta tão radical não é tanto as formas dos blocos em si, mas sim a sugestão de que as ruas pedonais e os blocos residenciais se possam multiplicar e formar uma rede “em cima” da cidade existente, bombardeada e em ruínas. A ideia de criar essas galerias com função de rua vem do desejo de integrar os edifícios residenciais no tecido urbano socio-cultural. Ao rejeitar edifícios em altura, com pisos ligados verticalmente, defendem que a habitação ligada em movimento horizontal se torna mais “aberta”, inspirando as pessoas vizinhas a relacionarem-se mais intimamente.²¹⁰

O que ditou a disposição dos blocos não foi uma grelha geométrica, como nos casos anteriores e nas teorias de planeamento do início do modernismo, mas sim a topografia do lugar em específico.²¹¹

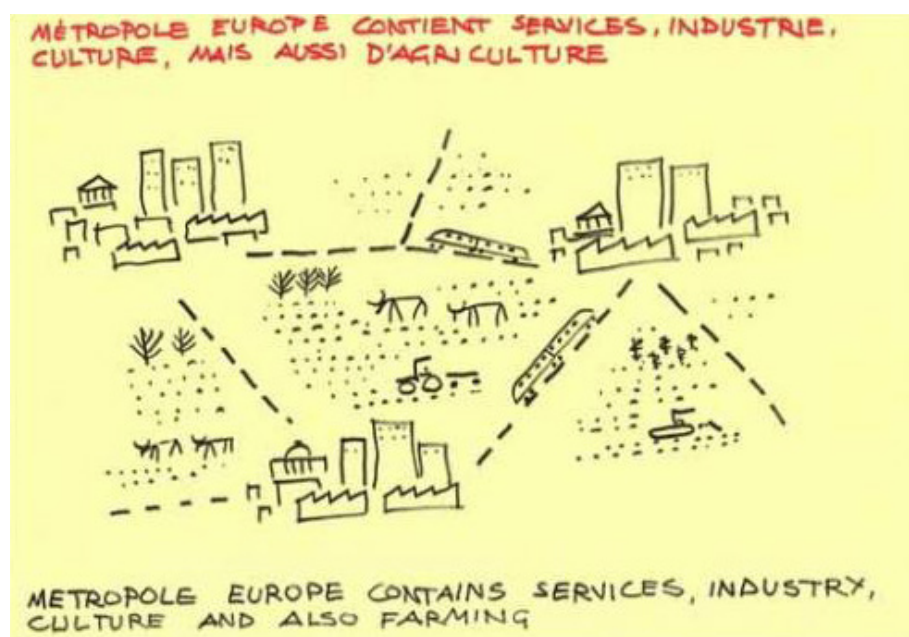


[64]- Alison and Peter Smithson, *Golden Lane*, 1952

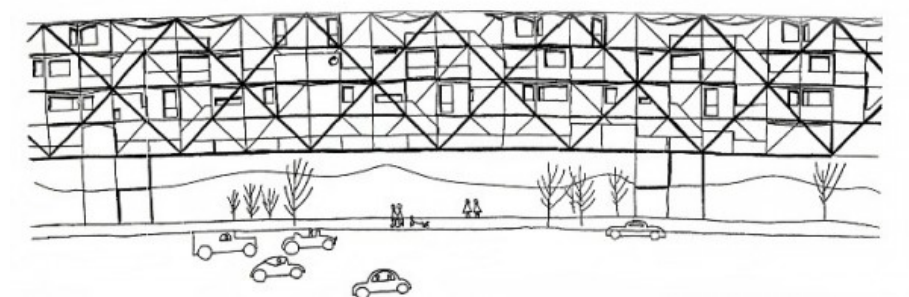
209 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004, p.62. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=PbT8SWIOHNgC>> Consultado em Julho de 2016

210 *ibidem*

211 *Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson*, (1ªed.), London: Academy, 1997, p. 32-37



[65]- Yona Friedman, *Des princípios para uma Nova Arquitetura*, 1960



[66]- Yona Friedman, *Ville Spatiale*, 1970

[A CIDADE ESPACIAL]

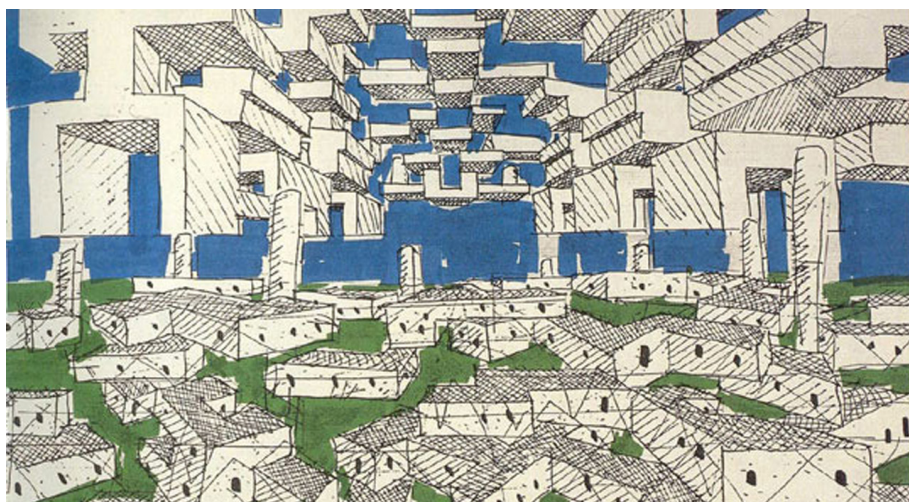
Poucos anos depois, Yona Friedman também concebe uma proposta para a uma cidade ideal e que consideramos poder aproximar-se da anterior pelo caráter de sobreposição em relação à cidade existente.

É em 1960 que Yona Friedman sintetiza o seu conceito, já referido, de *L'Architecture mobile* em *Dez princípios para uma Nova Arquitetura da cidade*, defendendo que o comportamento humano e o rápido crescimento populacional da modernidade necessitariam da flexibilidade desse conceito. Entre alguns dos princípios estão: As cidades serão os centros de lazer e recreação, centros da vida pública, da organização e das decisões quanto ao interesse comum; A nova sociedade urbana não deverá ser idealizada por um urbanista. As diferenças sociais entre os vários distritos deverão evoluir espontânea e naturalmente; Grandes cidades deverão incorporar a atividade agrícola juntamente com a industrial [65]; A cidade deve estar climatizada; As estruturas, que juntas formam o tecido físico da cidade, deverão refletir os avanços da modernidade; Uma nova cidade construída do zero não é uma solução viável. Grandes cidades evoluíram de pequenas cidades. A nova cidade deverá ser uma intensificação das cidades existentes; Tendo em conta a tendência de migração para as cidades, não é exagerado estimar que as cidades do futuro serão a casa de 80/85% da humanidade.²¹²

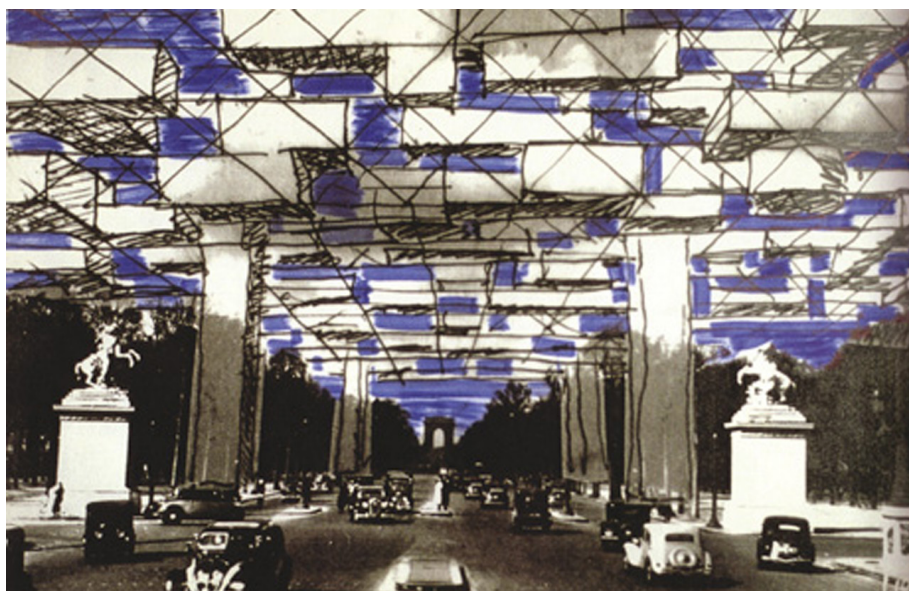
Ao mesmo tempo, foi desenvolvendo e expandindo esses princípios ao aplicá-los numa ideia, a *Ville Spatiale*, para um espaço urbano, elevado, onde as pessoas poderiam viver. A ideia seria permitir o crescimento da cidade, restringindo, simultaneamente, o uso do terreno, e provar que, para criar novas habitações, não é necessário demolir. O projeto de Friedman propõe, ainda, através de alguns métodos publicados, que os futuros habitantes da *Ville Spatiale* pudessem decidir e criar o espaço onde desejariam viver.

212 LESBEQUE, Sabine, *Yona Friedman, Structures serving unpredictable*, Rotterdam: NAI Publishers, cop, 1999, p.21, 22

[67]- Yona Friedman, *Ville Spatiale*, 1958



[68]- Yona Friedman, *Ville Spatiale*, aplicada à cidade de Paris, 1959



“Any imaginable configuration of future occupants can find its spatial expression in *La ville spatiale*.”²¹³

O que o Friedman chama de *Spatial infrastructure* é uma estrutura quadriculada, de vários níveis e colocada a 10 metros acima do chão, suportada por pilares em intervalos entre os 40 e 60 metros. A grelha é constituída por módulos de seis metros e aí poderiam ser colocados pequenos volumes utilizados para qualquer função.²¹⁴

Essa estrutura seria a parte fixa da cidade, enquanto a móvel consistiria nas paredes, chão e divisórias, de modo a permitir aos utilizadores a maior liberdade possível de organização espacial. Assim, ao mesmo tempo que a *Ville Spatiale* admite um enorme repertório de padrões de uso, assume que pode ser utilizada em qualquer cidade pré-existente, sendo a sua autenticidade sempre respeitada. Para provar isso, foi ilustrada na cidade de Paris.²¹⁵ [68]

Em todos estes exemplos, assim como na carta de Atenas, discute-se cidade e sociedade – “O Homem (...) transformado em elemento constitutivo de uma sociedade que o mantém, colabora direta ou indiretamente nas mil atividades que asseguram a sua vida física e desenvolvem a sua vida espiritual. Um plano é sábio quando permite uma colaboração frutífera, proporcionando ao máximo a liberdade individual.”; “A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, manifestado através dos séculos por obras materiais, traçados ou construções, que a dotam de personalidade própria e de onde emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados pelo seu valor histórico ou sentimental.”; “(...) tudo é movimento. À medida que o tempo passa, os valores indubitavelmente se inscrevem no património de um grupo, seja ele cidade, país ou humanidade. (...) O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na

213 LESBEQUE, Sabine, *Yona Friedman, Structures serving unpredictable*, Rotterdam: NAI Publishers, cop, 1999, p.29

214 *ibidem*

215 *ibidem*, p.30

medida em que simbolizam a alma coletiva.”, entre tantos outros princípios²¹⁶. A estas experiências seguiram-se outras, num contexto cada vez mais alerta quanto ao aumento da população mundial e procurando perspetivar soluções arquitetónicas eficazes para o grande número (Archigram, Buckminster Fuller, Noriaki Kurokawa, Moshe Safdie, Kenzo Tange, Arata Asozaki). “Dir-se-ia que o pânico dominava as mentes e não será por acaso que muitos dos autores são japoneses e debruçaram-se sobre Tóquio, a maior cidade do planeta nessa altura (...). A Pós-Modernidade procurou, de novo, a tradição, o pequeno, o ambíguo, mas a grande dimensão continuou a desenvolver-se no campo das realizações concretas. Não se procurou um modelo de Grande Cidade. Hoje tal não parece possível, no entanto, as grandes cidades contemporâneas apresentam problemas aparentemente insolúveis (...), e a população mundial, que nunca foi tão numerosa, está a ultrapassar a metade vivendo em ambiente urbano, caso inédito na História da Humanidade”²¹⁷

Percebemos já que o património, ou herança, é aquele que nos permite reconhecer a cidade, cartografá-la afetiva e culturalmente. Mas não pode ser concebido como elemento imutável, pelo contrário “usando uma linguagem pedida de empréstimo ao Padre António Vieira, o passado contém profecias sobre o futuro. (...) É por isso que não há cidade histórica sem cidade imaginária. A cidade imaginária é dinâmica porque reflete, é reflexiva, não um puro reflexo.”²¹⁸

É dessa forma que interpretamos o exercício que se segue que, mais do que um projeto para um concurso de ideias, consiste na primeira tentativa de entendimento e reinterpretação dos *processos* de habitar na Ilha do Lampião, tendo em consideração a *cidade*, a *ilha* e os seus espaços comuns, e a *casa*. Encaramos, assim, esta experiência como mais uma das muitas propostas imaginárias aqui estudadas, pois que o seu objetivo, tal como diria Alison

216 Le CORBUSIER; GIRAUDOUX, Jean, *A carta de Atenas*, São Paulo: Hucitec, 1993. Disponível em < https://monoskop.org/images/1/1a/Corbusier_Le_A_Carta_de_Atenas.pdf > Consultado em Setembro de 2016

217 TOUSSAINT, Michel, *A Grande Cidade como Meio e Paradigma para a Arquitectura no Século XX*, in *Jornal Arquitectos*, nº 195, Março/Abril de 2000, p. 81

218 SERRA, João Bonifácio, *A cidade imaginária*, in *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003, p. 84

Smithson, é o de desencadear outras ideias a partir da energia que esta lança, considerando-a, por isso, como um *campo de força*. Podendo ser essas outras ideias complementares ou opostas, o importante é a formulação de possíveis soluções para um passado que continua bem presente na cidade do Porto - que inclusive o caracteriza de uma forma muito peculiar - e que, portanto, como vimos no pensamento da dupla Lacaton e Vassal, poderá possuir capacidade de reinvenção, em nome da memória, da sustentabilidade e da vida urbana.

De facto, este património do Porto, tanto o construído como o humano das *ilhas*, merece esse olhar. Um olhar de respeito perante uma forma de habitar no Porto, repleta de história e de tradições, que merece ser reabilitada.²¹⁹

Assim concluímos que a cidade imaginária tem base no conhecimento, desenterra o passado na convicção de que este é digno de compreensão e vida, e relembra tradições.

Sem a cidade imaginária não há cidade desejada. A cidade imaginária é a cidade que pensa sobre si própria e que não só responde às situações como as antecipa. A cidade imaginária é uma cidade aberta, porque não ficou prisioneira de si mesma. É uma cidade de cultura, tirando partido das suas raízes e genética. A cidade imaginária não se importa de correr riscos, de perturbar, de acrescentar, de ousar, de marcar a diferença. É onde todos participam na formulação do problema e, também, na solução.²²⁰

A cidade imaginária é aquela que, acima de tudo, não tem medo de errar e de falhar. É a cidade que tenta, experimenta e daí extrai sempre proveito. É a cidade que, reinventando-se, impede que ela própria se desfaça, desapareça e seja esquecida.

219 PACHECO, Luís Paulo N.P., *As Ilhas do Porto: reabilitar os seus (pre)conceitos*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p. 45

220 SERRA, João Bonifácio, *A cidade imaginária*, in *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003, p. 85



[69]- Ilha do Lampião, Rua dos Bragas, Porto, 2015

“É por tal que a conservação se impõe quando os objetos que nos fascinam e encorajam ameaçam ruir, desfazer-se, deixar-nos. E, por querermos manter viva a justeza de tantas escolhas, restauramos, conservamos, reutilizamos, mantemos, alteramos, corrigimos, limpamos, protegemos.”²²¹

As ideias que agora apresentamos foram o produto da reflexão realizada no âmbito do concurso *A society for all ages*. Como tal, o objetivo passou por responder aos pontos-chave lançados pelo regulamento e as motivações que os tentam resolver explicam o pensamento:

Dignidade- Talvez o mais importante dos cinco, tendo em conta que nos debruçávamos sobre a qualidade de vida da população. Idosos, adultos ou em qualquer etapa da nossa vida, a dignidade é um fator essencial de bem-estar íntimo e social.

Assim, tal como já foi referido nesta dissertação, o objetivo foi propor algo que se afastasse do conceito de centro de dia ou lar e, em vez disso, levar dignidade e conforto, tanto em termos habitacionais como de integração social, a quem mais precisa e não tem mais opções. Esta aproximação pareceu-nos bem mais conveniente do que a criação de uma nova estrutura, que só iria obrigar as pessoas a deslocarem-se e a afastarem-se do local onde se sentem em casa.

O porquê do objeto de estudo e proposta serem as *ilhas* da cidade do Porto já foi explicado. [ver p.9, nota introdutória]

Conectividade- Depois da visita a diversas *ilhas*, especialmente as do centro da cidade do Porto, apercebemo-nos que, embora as morfologias se possam assemelhar, a relação que estas mantêm com a cidade varia e depende tanto do sítio em que se implantam como da abertura que a *ilha* mantém com o espaço público envolvente. *Ilhas* em espaços da cidade mais degradados e com menos

221 GRAÇA DIAS, Manuel, *A prova*, in *Jornal Arquitectos*, nº213, Nov./Dez. de 2003, p.3.

movimento tornam-se, também elas, em locais de ambiente marginal. *Ilhas* em envolventes mais frequentadas e que, por vezes, servem de ligação interna entre duas ruas, possuem uma dinâmica mais ligada ao espaço público, às pessoas que passam e à vida em comunidade dentro da cidade. “Abrir” o espaço da *ilha* à rua e à vida social que se desenrola fora do portão que os separa, pareceu-nos uma ideia forte no contexto do concurso.

Simbiose- Existem, ainda, quase mil *ilhas* no Porto e sendo uma cidade académica, com faculdades espalhadas um pouco por toda a sua extensão e, ao mesmo tempo, envelhecida, a ideia principal passou por criar uma “rede” que conecta esses contrastes geracionais e os torna complementares. Por outras palavras, o objetivo é ligar as *ilhas* aos programas das faculdades mais próximas.

Neste caso, aproveitando a proximidade da Faculdade de Direito da Universidade do Porto e do pólo de Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sugerimos que dois espaços da *ilha* se destinem ao público, mais especificamente aos jovens que frequentam as faculdades. Primeiro, um espaço de cantina, possivelmente gerido com a ajuda da população da *ilha* que assim desejar (como ideia de ocupação) e um segundo mais polivalente, de workshops, conferências, reuniões e eventos. A programação poderia relacionar-se com o curso da faculdade próxima, assim como também poderia existir trocas entre outras *ilhas* e faculdades, levando, assim, diversos temas à população. Os habitantes envolvidos não só teriam a oportunidade de assimilar novos conhecimentos como de interagir com outra geração sem sair do seu espaço. A população, por outro lado, poderia ajudar os estudantes na iniciação à futura profissão ou prática, pela primeira experiência de contacto com problemas reais - os mais novos poderiam ajudar os mais velhos a lidar com problemas, por exemplo, relacionados com a saúde e

prevenção, finanças e heranças, habitação, etc., de uma forma benéfica para ambos.

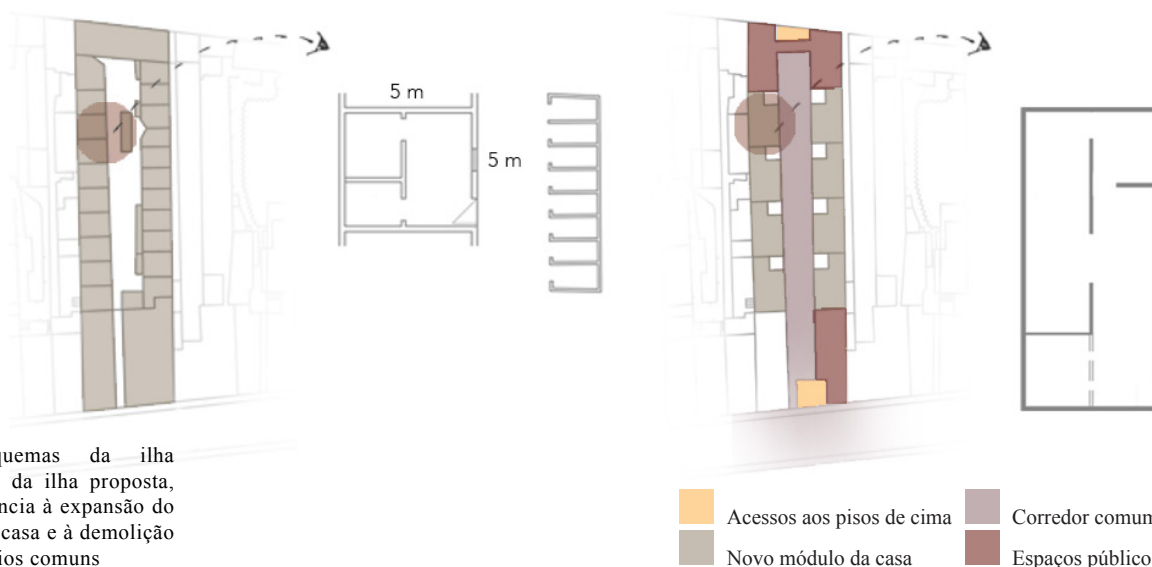
Localização e acessibilidade- Próximos da *ilha* escolhida para o projeto, privilegiadamente localizada no centro da cidade, existem já diversos serviços essenciais ao quotidiano: cafés, restaurantes, hospitais, transportes públicos, supermercados, etc. Quanto à questão da acessibilidade, o foco foi o interior dos módulos da habitação. Para além da ideia se basear na expansão do módulo apenas ao nível do rés do chão, em vez de em altura, também tenta criar um espaço sem barreiras e de relativa facilidade de movimentos.

Segurança- Hoje em dia, como já sabemos, a maioria das *ilhas* esconde-se do resto da cidade, tornando-se, de facto, em *ilhas* em sentido literal.

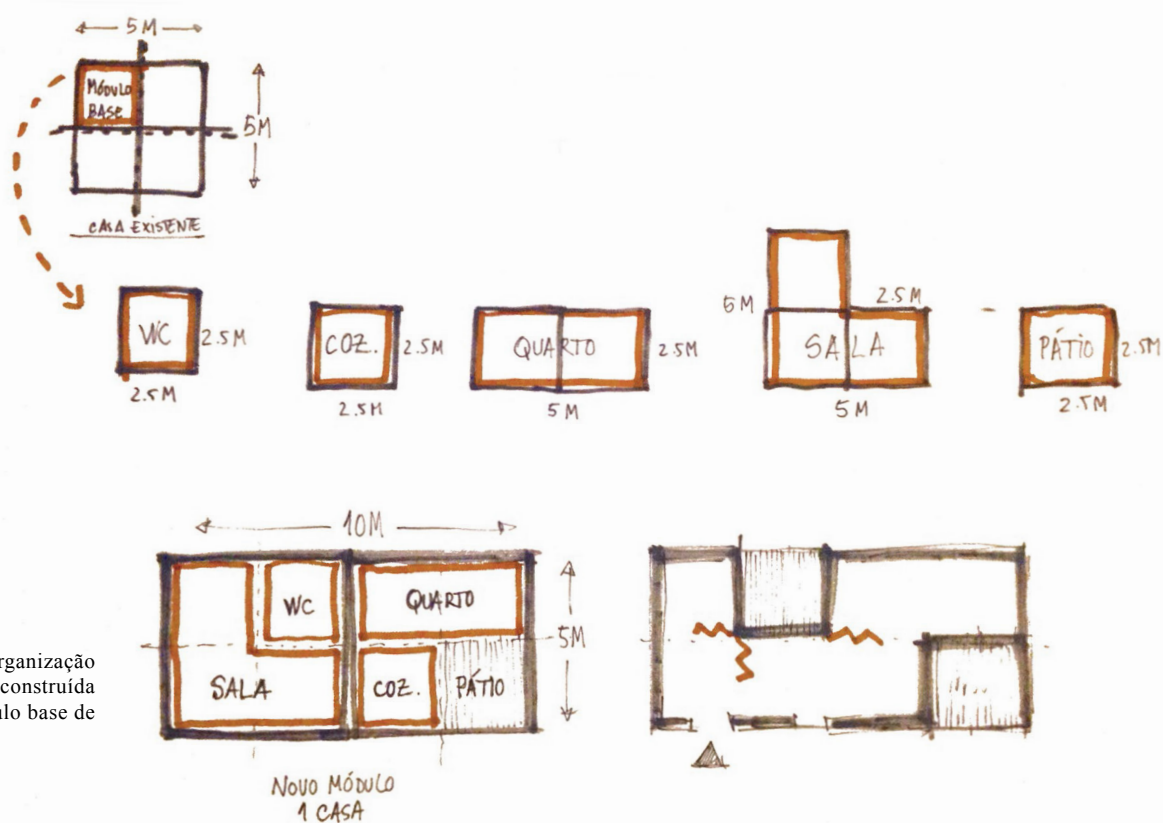
Atrair pessoas e movimento, com pontos de interesse e de mudança, atrai, por sua vez, novas dinâmicas e transforma os espaços em locais mais seguros e agradáveis. Contrapõe-se à marginalidade e ao isolamento. Onde existe pessoas e movimento, existe o sentimento de segurança. De qualquer das formas, as *ilhas* poderiam continuar a fechar-se para a rua sempre que essa fosse a vontade dos habitantes e principalmente durante a noite - o que nem sempre se verifica na realidade, - para que desse modo ninguém se sentisse menos seguro na sua “nova” casa.

Estas foram as ideias apresentadas, em resumo, como resposta ao concurso e à sua premissa.

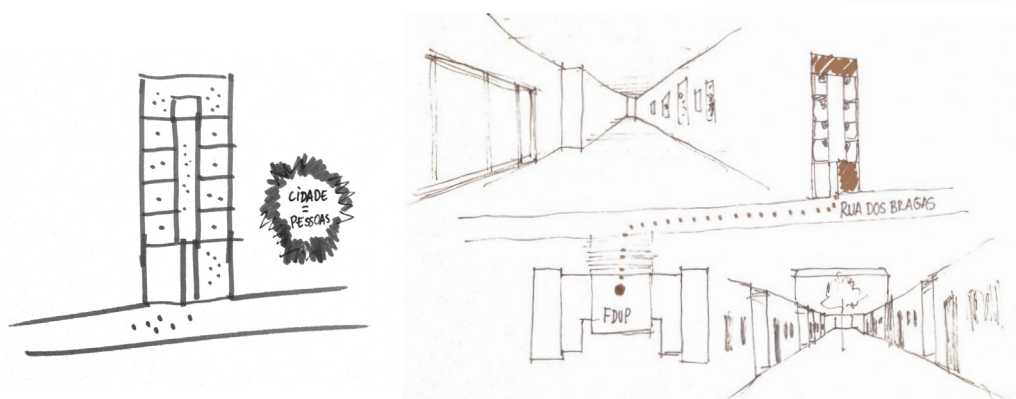
Aprofundando, importa explicar que os dois grandes objetivos passaram pela experimentação de um programa público associado à *ilha*, como estímulo à sua relação com a cidade e à relação dos habitantes com outra geração - diretamente mais ligado ao tema lançado pelo concurso; e pela formulação de



[70]- Esquemas da ilha existente e da ilha proposta, com referência à expansão do módulo da casa e à demolição dos sanitários comuns



[71]- Esquemas da organização interior proposta, construída através de um módulo base de 5 x 5 metros.



[72]- Esquícios de processo

um novo módulo de habitação, em combate às condições precárias de uma casa de áreas mínimas e sem instalações sanitárias, considerada também essencial na construção de uma comunidade feliz.

Começando por este último objetivo, a casa proposta nasce da junção de duas células, tal como ponderado por Siza Vieira na reabilitação da *ilha* de S.Vítor - “(...) estamos a examinar a possibilidade de aumentar as superfícies dos fogos mediante a agregação de células ou pela sobreposição de um novo piso.”²²² - sem, contudo, incluir um primeiro piso por questões de acessibilidade, muito valorizada no contexto do concurso.

Para a *construção* desta nova célula de habitação, consideramos um módulo de 2,5m x 2,5m como base e estipulamos quantos módulos seriam necessários para cada divisão, considerando um quarto, uma sala, uma cozinha, uma casa de banho, um alpendre (espaço individual em contacto com o espaço comum do corredor, promovendo, da mesma forma, o convívio com os vizinhos e, ao mesmo tempo, garantindo uma zona privada ao ar livre para quaisquer atividades ou, simplesmente, para colocação de um estendal próprio) e uma área que tanto pode servir de prolongamento da sala, como de pequeno quarto, escritório, arrumos ou espaço com qualquer outra função ao critério do habitante. Esta construção modular, embora utilizada no processo de desenho da organização interior, não se manifesta em divisões completamente fechadas e fixas; pelo contrário, a sala, a cozinha e o quarto a definir pelo utilizador podem funcionar como um só espaço. Consideramos, também, a instalação de claraboias nas áreas mais interiores, de modo a obter mais luz e a possibilidade de ventilação.

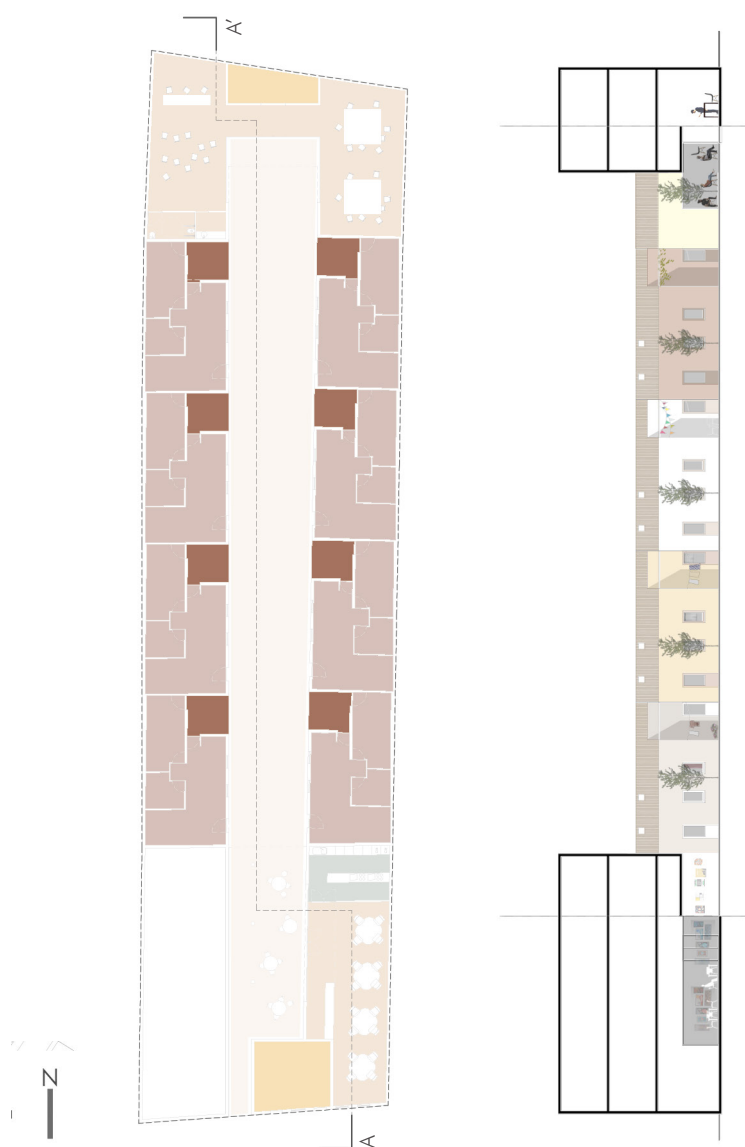
Quanto ao primeiro objetivo, mais de acordo com o pedido pelo concurso e já explicado no ponto chave *Simbiose*, há a acrescentar a convicção de que programas como este, nestes moldes ou noutros, podem ser um incentivo à produtividade e à ocupação dos idosos, em detrimento ao isolamento e à ideia

222 SIZA VIEIRA, Álvaro citado em COSTA, Alexandre Alves, *A ilha proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas considerações sobre um Título Enigmático*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro, 2002, p.12

[73]- Planta da proposta,
escala 1:500

- Acessos aos pisos de cima
- Espaços públicos de cantina e workshops
- Novo módulo da casa
- Pátios privados
- Cozinha da cantina

[74]- Corte AA', escala 1:500



de invalidez. A *cidade* e a sua população devem fomentar e assim usufruir dessas oportunidades, principalmente num país que se prevê cada vez mais envelhecido no decorrer dos próximos 30 anos.

Em resumo, e como dizia Álvaro Siza no documentário *Vizinhos*, no episódio sobre o seu bairro social em Haia, a qualidade de vida passa por uma pessoa não se aborrecer com a vida, não entrar num mecanismo de hábitos mas sim num espírito de abertura e de contacto, de diálogo com a dinâmica da cidade. É exatamente na cidade que isso é mais vivo, mais evidente e mais cativante.²²³

A *cidade* é o espaço das oportunidades e, tal como assimilado ao longo deste capítulo, a sua evolução faz-se progressivamente através das respostas, utópicas ou não, aos problemas que a sociedade vai enfrentando. É necessário que assim continue, que a “discussão” não se desvaneça, desencadeando, sem cessar, novas soluções e infinitas possibilidades - “por isso trouxemos o desejo, a utopia como tema, porque é contra o vento que os aviões levantam voo e a nossa vontade, em projeto, é ainda poder voar”²²⁴ - e que, acima de tudo, ao longo do processo, quem habita, tanto a *casa* como a *cidade*, seja sempre o beneficiário.

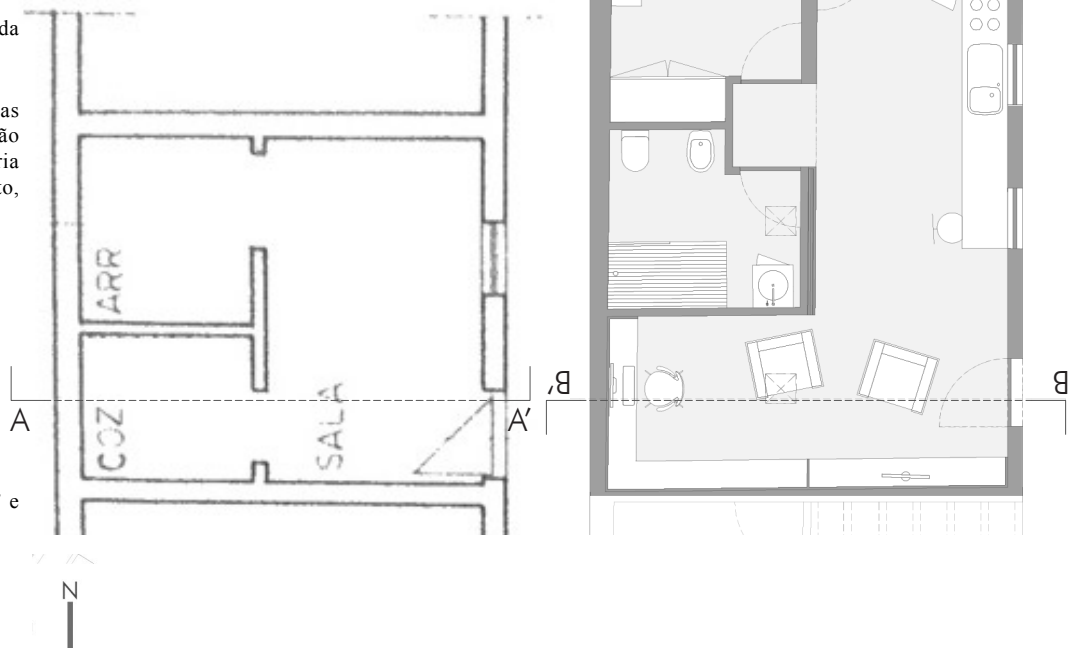
223 SIZA VIEIRA, Álvaro in Cândida Pinto, (Prod.) Madalena Durão, *Álvaro Siza Vieira: Vizinhos*, SIC, 2016. Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos>. Consultado em Junho de 2016

224 LACERDA LOPES, Nuno, *Espaço como desejo*, Centro de Investigação sobre modos de habitar, 1º Workshop, Porto: ed. CIAMH, 2004. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84688/2/112181.pdf>. Consultado em Julho de 2016

[75]- Planta de uma casa da ilha existente, escala 1:100

[76]- Planta de duas casas propostas, onde a utilização de um dos módulos varia entre sala/escritório e quarto, escala 1:100

[77]- Pág. 119 - Cortes AA' e BB', escala 1:100







[78], [79] - Representação da proposta para a Ilha do Lampião



[80], [81] - Representação da proposta para a Ilha do Lampião, quarto com possibilidade de diferentes usos



[82] - Representação da proposta para a Ilha do Lampião



[83] - Representação da proposta para a Ilha do Lampião



[84] - Representação da proposta para a Ilha do Lamião, Espaços de *workshop* e reunião



[85] - Representação da proposta para a Ilha do Lampião, Corredor de entrada na cantina

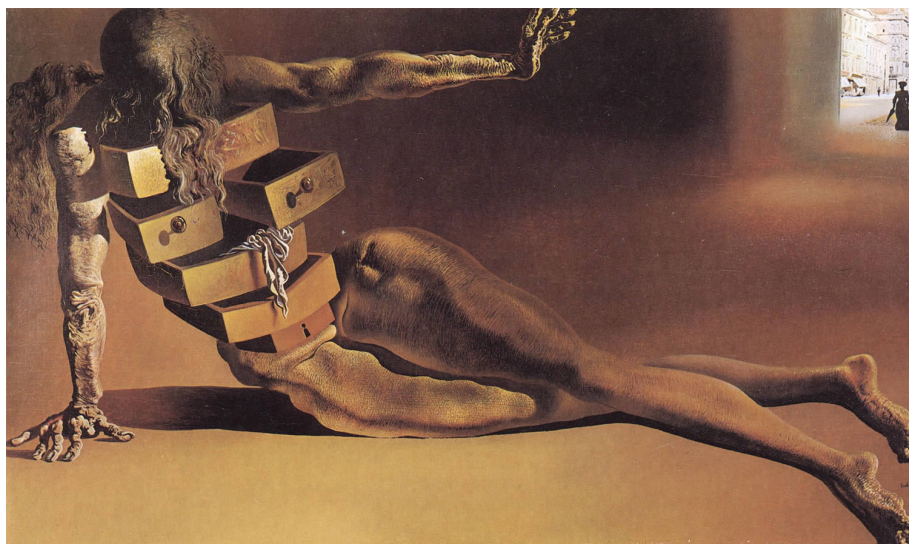
MUNDO DOIS

“Curioso.

Para escrever sobre estas casas foi preciso esquecer a arquitetura.”²²⁵

²²⁵ BRANDÃO, Ludmila de Lima, *A casa subjectiva: matérias, afectos e espaços domésticos*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p.3

[86]- Salvador Dali,
*Anthropomorphic Chest
of Drawers ou Drawers of
memory*, 1936



“Uma das coisas que marcam as nossas vidas de forma inesquecível são as casas onde moramos. O ambiente familiar nelas vivido, os problemas enfrentados pela vida fora. Nelas, nas velhas paredes que do mundo nos separavam, a família cresceu e, entre alegrias e tristezas, o tempo passou implacável.

E uma vontade de voltar atrás, de outra vez viver aqueles velhos tempos, leva-nos a lembrar as casas antigas que, da juventude à velhice, nos deram abrigo. Algumas já desaparecidas, outras resistindo ainda, mas, como nós, batidas pelo tempo, com suas paredes sem o antigo rigor, os pisos em desníveis e os telhados ou lajes vencidas pelas infiltrações inevitáveis. Pela memória vou recordar a casa (...)”²²⁶ da minha avó e do meu avô.

O objetivo não é descrever as casas nem tão pouco escrever um texto emotivo sobre as minhas vivências. Trata-se, apenas, de uma reflexão sobre dois *processos* de habitar que acompanhei e acompanho e que, transpostos para esta dissertação, me ensinam a pensar sobre a *casa*.

Durante toda a vida, são muitas “(...) as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar (...)”²²⁷.

O processo começa na *casa-materna*²²⁸, casa de infância, de inocência e felicidade. A primeira casa onde aprendemos a ser e que, pela memória e imaginação, há de ser sempre aquela para onde queremos regressar. Dizemos memória e imaginação porque a *casa-materna* já não existe, existiu num determinado tempo e é a esse tempo a que pertence. Depois, é só uma estrutura física do presente e uma construção mental do passado.

Por isso dizíamos, no início deste capítulo, que, por agora, esquecemos a arquitetura. É claro que paredes, portas, janelas, escadas e móveis, elementos *fixos* e *semi-fixos* falados noutro capítulo, fazem parte e constituem o espaço doméstico a que nos referimos - e são esses elementos que transportam as memórias e a construção de um *processo* que nos interessa estudar – no entanto, focamo-nos agora no *processo* em si, onde a casa é uma estrutura que se deixa afetar por ele.

226 NIEMEYER, Oscar, *As curvas do tempo- Memórias*, Porto: Campo das Letras, 2000, p. 15, 16

227 GASTON, Bachelard, *A poética do espaço*, (3ªed.), São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.199. Disponível em < <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>> Consultado em Junho de 2016

228 MORAES, Vinícius de, *A casa materna in, Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro: Editora Autor, 1962, p.49

“Mas quando fecho os olhos e tento pôr de parte todos estes vestígios físicos e as minhas primeiras associações, resta ainda uma outra impressão, um sentimento mais profundo – é a consciência do decorrer do tempo e uma sensibilidade para a vida humana que se desenrola em lugares e salas, conferindo-lhes um significado especial. Os valores estéticos e práticos da arquitetura tornam-se agora secundários. Neste momento, o seu significado estilístico ou histórico deixou de ter importância. O que conta agora, é apenas este sentimento melancólico que me comove. A arquitetura é confrontada com a sua exposição à vida. Se o seu corpo for suficientemente sensível, pode alcançar uma qualidade que assegura a realidade do passado.”²²⁹ Quando passa o tempo desse processo, a *casa já não nos pertence* porque também já não a habitamos da mesma forma. Pertence-nos, sim, a consciência desse *processo*, os hábitos e os afetos que, pela vida em diante, queremos recriar noutras casas.

Diz Vinicius de Moraes que a *casa-materna* se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa o presente, e o de cima, onde vive a memória. No piso de baixo há tudo, principalmente no frigorífico. Em cima, há livros que lemos na infância, há o oratório da mãe, há a cama onde o pai repousava e que, hoje, está vazia.²³⁰

O piso de cima é o responsável pela nossa identidade. É o que fica para sempre e “(...) parece que a imagem da casa se transforma na topografia do nosso ser íntimo.”²³¹ O piso de baixo é o que, um dia, deixamos. É a parede sem rigor, é o piso em desníveis e a laje vencida pelas infiltrações a que Niemeyer se referia. São as cortinas e os sofás velhos que, por si só, não deixam saudade. Mais tarde, temos outras moradas, temporárias ou não, e connosco levamos o piso de cima da *casa-materna*. Por vezes, materializado em objetos, transportadores físicos de memórias, mas o principal transportador somos nós - tal como nas *gavetas antropomórficas* de Salvador Dalí. [86]

229 ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura*, (trad. Astrid Grabow), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009, p. 25,26

230 MORAES, Vinicius de, *A casa materna in, Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro: Editora Autor, 1962, p.49

231 GASTON, Bachelard, *A poética do espaço*, (3ªed.), São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.196. Disponível em < <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>> Consultado em Junho de 2016

REGISTOS

DA MEMÓRIA INDIVIDUAL
A CASA FECHADA

MUNDO DOIS

“Aquela casa fechada
Não tem vasos na entrada
Nem se vê luz de uma vela
Dizem que a casa está morta
Já ninguém lhe bate à porta
Nem se assoma na janela

Às vezes passam rapazes
Para mostrar que são capazes
Jogam pedras ao telhado
Esse lar que ninguém quer
Já foi de homem e mulher
Antes de ser condenado

Aquela casa fechada
Onde o sol tinha a morada
E entrava sem bater
Já foi estimada por ti
Noutros tempos em que eu vivi
E não consigo esquecer

No dia em que tu partiste
A casa ficou tão triste
Desde aí que não a vejo
Fechei a porta da escada
Fiz uma cruz na entrada
E mandei a chave ao Tejo”²³²



[87]- Amadeo de Souza Cardoso, *A Cozinha de Manhufe*, 1913

A casa de que falo está fechada há seis anos. Desde aí que lá não entro, mas lembro-me bem dos últimos dias em que lá estive. Foram passados no piso de cima, onde raramente se ia a não ser em eventos esporádicos, dias de festa que faziam valer a visita à “sala de cima”.

Fora esses dias, as visitas normais sempre foram na cozinha, no piso de baixo, com porta direta para a rua onde, já na altura, poucos carros e pessoas passavam.

Essa cozinha foi, durante muito tempo, pelo menos aquele que recordo, o coração da casa. Talvez pela porta sempre aberta no verão que deixava ver quem passava e acenava, e pela grande lareira sempre acesa nos dias de inverno. Interessante que a descoberta do fogo está intimamente ligada à origem do espaço da cozinha – foi a partir daí que o Homem teve necessidade de se estabelecer num lugar onde pudesse confeccionar os alimentos. E, efetivamente, o primeiro passo para que a cozinha se aproximasse do resto da casa foi trazer o fogo para dentro.²³³

Por sua vez, o tempo das refeições foi sempre o tempo da reunião familiar. Talvez por isso, a cozinha se tenha tornado num espaço de convívio, frequentemente disposto perto da sala. Na do meu avô era precisamente isso que acontecia, embora nada nela fosse especialmente confortável.

“Tudo nesta cozinha era como nas cozinhas tradicionais costumava ser. Não havia nada de especial nela. Mas talvez esteja tão presente na minha memória como síntese de uma cozinha precisamente por ser de uma forma quase natural apenas cozinha.”²³⁴

No entanto, era lá que o avô ouvia rádio, era lá que se punha a conversa em dia, era lá que se passavam as tardes e, de repente, numa casa grande, havia um só espaço onde se fazia quase tudo. A cozinha de Manhufe, tal como a pintura onde Amadeo eternizou a cozinha vizinha à casa do meu avô, é o lugar da maioria das memórias daquele habitar. Hoje, certamente, já não é o mesmo.

233 ZABALBEASCOA, Anatxu, *Tudo sobre a casa*, São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013, p. 59

234 ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura*, (trad. Astrid Grabow), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009, p. 7



[88]- Casa da avó, 2016

REGISTOS

DA MEMÓRIA INDIVIDUAL
O FECHAR DA CASA

MUNDO DOIS

“É curioso como, com o avançar dos anos e o aproximar da morte, vão os homens fechando portas atrás de si, numa espécie de pudor de que o vejam enfrentar a velhice que se aproxima.”²³⁵

Sempre achei a casa da minha avó grande. Principalmente nas memórias mais antigas, quando era pequena de tamanho e os espaços pareciam maiores ainda. O sótão, então, lugar de brincadeiras, era um mundo onde tudo o que encontrava era caso para me divertir durante horas.

Agora, a casa tornou-se pequena. Não só pela diferença de escala, a minha, mas porque a própria casa fechou portas. Os quartos, que um dia foram usados pelos quatro filhos, ficaram vazios. A “sala das visitas” deixou de ter visitas que façam valer a pena abrir-lhe a porta. A sala de jantar deixou de ter o Natal como propósito para ser usada. O escritório já não tem quem lá trabalhe, nem crianças que lá se entretenham a desenhar. O sótão é só um lugar escuro, cheio das coisas que já não interessam.

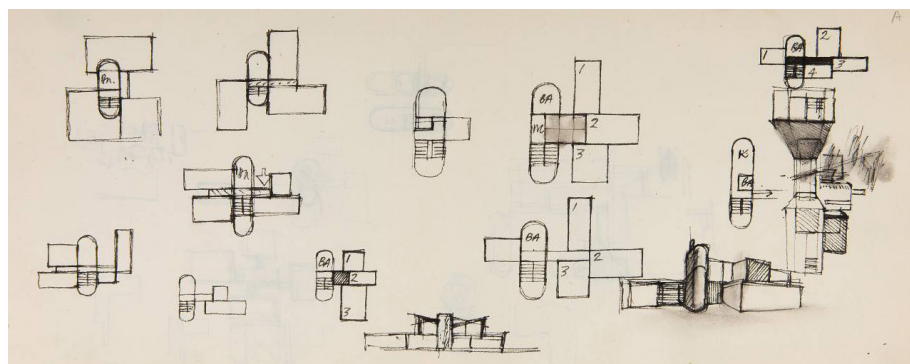
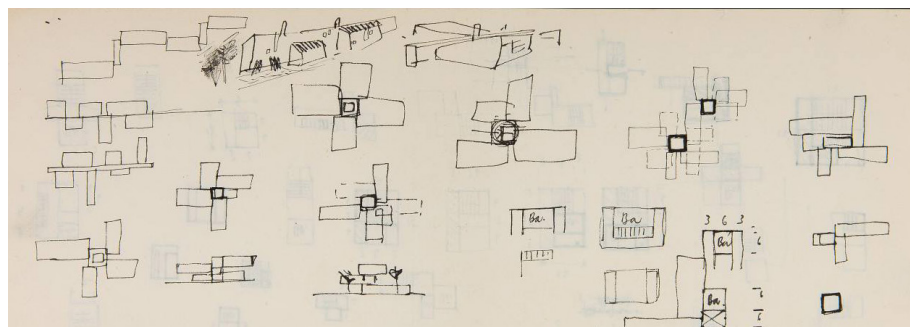
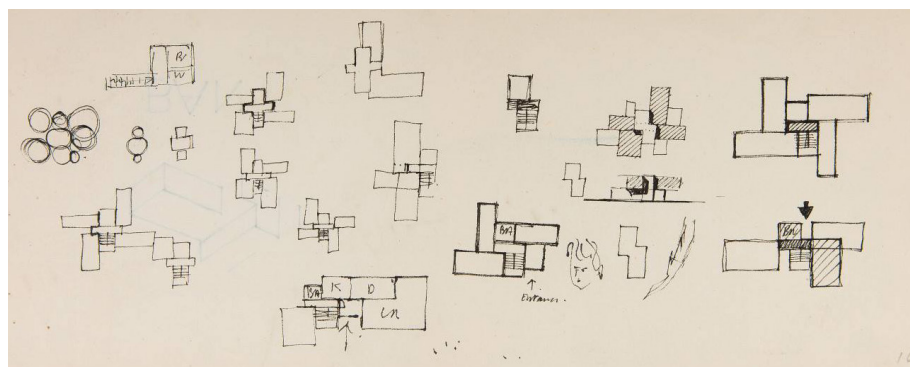
A casa encolheu e passou a ser só cozinha e sala, quarto e casa-de-banho. De facto, aquilo que é realmente essencial.

Não encaro isto da forma, em certa medida, fatalista com que Vinicius de Moraes parece fazê-lo. Simplesmente compreendo o cansaço e a solidão que será viver numa casa com tantos compartimentos, tantas portas e corredores. Fechá-los e limitarmo-nos ao espaço do qual podemos realmente usufruir, à nossa medida, parece a solução mais confortável.

Como já se referiu, a *casa é o nosso abrigo* e a verdade é que dentro desse, outros podem existir. Cada vez mais pequenos, cada vez mais íntimos, cada vez mais privados.

“Depois de seguir os devaneios de habitar esses lugares inabitáveis, voltamos a imagens que, assim como nos ninhos e nos sonhos, exigem que nos façamos pequenos para vivê-las. De facto, em nossas próprias casas não encontramos

235 MORAES, Vinicius de, *A arte de ser velho in, Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro: Editora Autor, 1962, p.33



[89], [90], [91]- James Gowan,
Expandable House, 1956

redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se.”²³⁶

E assim chegamos à interessante conclusão que por vezes a casa é muito pequena e noutras demasiado grande e que, tal como diz Pedro Ramalho, o ciclo da vida humana quase se pode traduzir no espaço da *casa* - “Por exemplo, uma pessoa está na idade de ter um estúdio, e depois de ter um T2, depois na idade de ter um T3 ou um T4, e a partir de uma certa altura começa a inverter, passa para o T2 e acaba num estúdio.”²³⁷

[EXPANDABLE HOUSE]

Entre 1956 e 1963, James Stirling e James Gowan produziram um espólio de propostas que parecia querer desafiar o modernismo, já excessivamente institucionalizado, e apontar outras alternativas para além dos pensamentos modernistas. Os seus edifícios eram quase brutalistas e pré pós-modernos, surpreendentemente originais no contexto da arquitetura do *bem-estar social* (*architecture of the welfare state*), mas capazes de responder, também, à arquitetura da cidade industrial.²³⁸

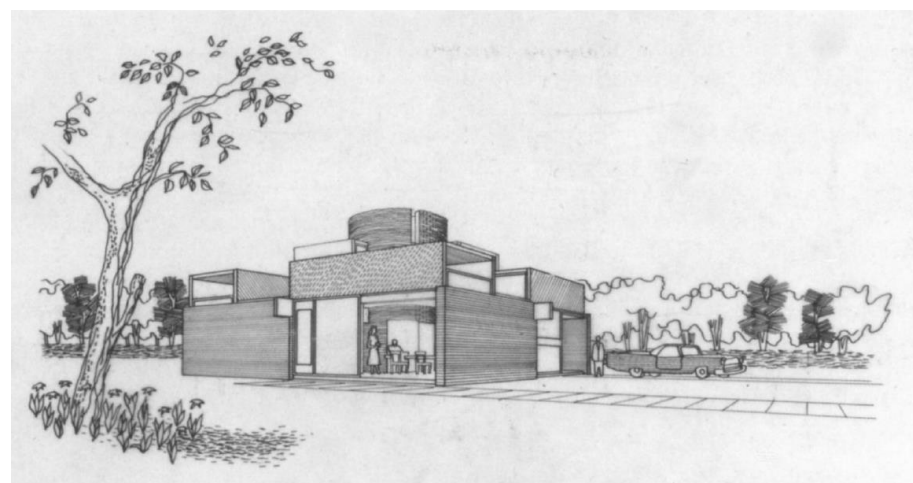
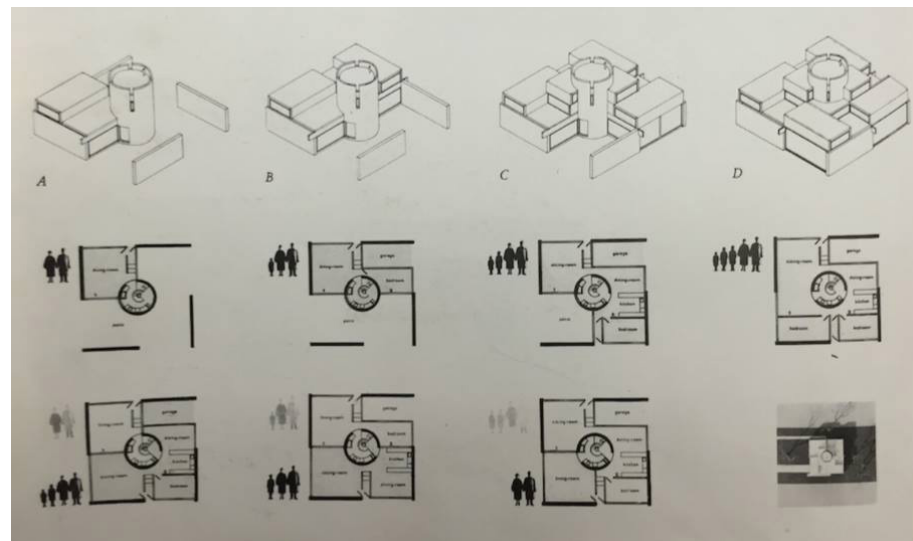
O estudo da *Expandable House*, feito em 1957 no âmbito de um concurso lançado pela revista *House and Garden*, reflete sobre a possibilidade de responder às necessidades da habitação pós-Guerra com uma casa flexível e extensível, que cresce com a família.

O pensamento não era propriamente novo, aliás, sempre houve essa tentativa, geralmente adicionando anexos à casa principal. Ou então a casa era já construída, de raiz, com vista no futuro e nos seus máximos requisitos. Depois, tornou-se cada vez mais caro construir e as habitações, por sua vez, tornaram-se mais pequenas e não coniventes com o crescimento ou a mudança do

236 GASTON, Bachelard, *A poética do espaço*, (3ªed.), São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.197. Disponível em < <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poetica-do-espaco.pdf> > Consultado em Junho de 2016

237 RAMALHO, Pedro in LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar-Pedro Ramalho*, V.05, Porto, Edições CIAMH, p.112

238 CRINSON, Mark, *Picturesque and Intransigent: 'Creative Tension' and Collaboration in the Early House Projects of Stirling and Gowan*, Architectural History, Vol.50, 2007, p. 267



[92], [93]- James Gowan, *Expandable House*, 1956

padrão da vida familiar.²³⁹

O objetivo era, então, repensar numa tipologia habitacional que pudesse ser construída ao longo do tempo, consoante as necessidades, de modo a evitar espaços vazios ou superlotados.

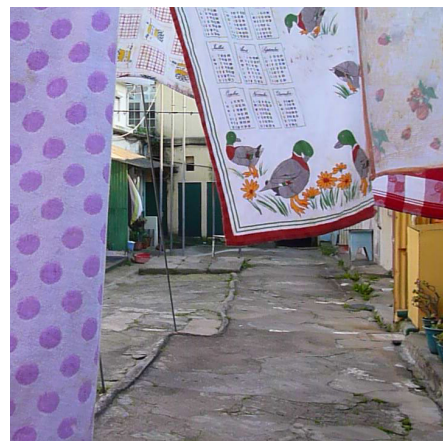
A área destinada à *Expandable House* é dividida em quatro módulos, construídos por fases, podendo albergar mais que uma família na mesma área. Todas as paredes estruturais são construídas na primeira fase e, caso não sejam utilizadas para a expansão, formam um jardim protegido. Vejamos as configurações possíveis, acompanhando a imagem à esquerda [92]:

- (A) – destinada a alguém solteiro ou recentemente casado, com espaço polivalente e área central com casa-de-banho e cozinha. Uma escada em espiral leva a um espaço de arrumação, trabalho ou quarto.
- (B) – para casais casados, com ou ainda sem filhos, o segundo módulo acrescentado e serve de garagem e quarto. A área central continua com as mesmas funções.
- (C) – um terceiro módulo é acrescentado caso a casa seja destinada a um casal já com filhos. A cozinha deixa de ser na área central e passa a ser num novo compartimento, agora com zona de refeições.
- (D) – destinada a uma grande família, nesta composição a *Expandable House* chega ao seu limite de expansão. O espaço polivalente aumenta de tamanho e passam a existir dois grandes quartos no rés do chão.²⁴⁰

Se uma família não ocupa toda a área da *Expandable House*, ou se a certo ponto deixa de precisar da totalidade do espaço (no caso, por exemplo, dos filhos deixarem de viver na casa) há a possibilidade de juntar outras famílias e criar duas casas, dividindo apenas a garagem.

239 STIRLING, James, *James Stirling: buildings and projects*, New York: Rizzoli, 1984, p. 59, 60

240 *ibidem*



[94], [95], [96], [97]-
Elementos dos habitantes
dispostos no corredor
comum, 2015

Sempre que ouvimos os testemunhos dos habitantes das *ilhas*, ou de quem por lá tenha passado, tanto os recolhidos no âmbito desta dissertação como outros publicados noutros contextos, é geral o sentimento de pertença e a vontade de permanecer ou recordar as *ilhas*. Se as condições de habitabilidade são muitas vezes miseráveis, há de existir outro motivo que, sobrepondo-se a isso, motiva quem quer ficar ou a nostalgia dos que saíram.

Creemos poder chamar esse motivo de *memória coletiva*²⁴¹ – o título do livro de Maurice Halbwachs onde o próprio afirma que quando um grupo se instala numa fração de espaço, transforma-a à sua imagem e semelhança, assim como, simultaneamente, se adapta e molda às coisas materiais que resistem. E assim, o grupo inclui-se, encerra-se, faz parte, para sempre, daquilo que ele mesmo construiu.²⁴²

Assim parece que as más condições materiais e de construção são compensadas, não só pelo conforto psicológico do “lar”, mas também por essa construção de uma memória coletiva, de um lugar que pertence a muitos e onde todos intervêm, que carrega uma forte expressão simbólica de entre-ajuda da vizinhança, solidariedade e de espírito de comunidade.²⁴³

É um lugar construído por toda a população residente e por uma memória coletiva produzida por “heranças” familiares – a maioria dos residentes em *ilhas* nasceram lá e são filhos e netos de alguém que, por sua vez, já lá tinha nascido e vivido também. Já ouvimos quem dissesse que esse era precisamente o motivo pelo qual não trocava de casa. Os pais viviam na *ilha* quando nasceu e aquela sempre foi a sua casa. Sair, seria perder um pouco de si mesmo e das suas memórias de infância.

“Home it’s where your great people are, where you get blessings, where the graves of your grandparents are.”²⁴⁴

E, desta forma, parece que a memória coletiva se cria e renova num ciclo infinito, transversal a todas as gerações que por lá passam, de tal maneira que

241 “si ampliamos la tesis de Halbwachs, quisiera decir que la ciudad misma es la memoria coletiva de los pueblos, y como está ligada a unos hechos y unos lugares, la ciudad es el locus de la memoria coletiva.” in ROSSI, Aldo, *La arquitectura de la ciudad*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 153

242 HALBWACHS, Maurice citado em ROSSI, Aldo, *La arquitectura de la ciudad*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015, p. 152

243 PACHECO, Luis Paulo Novais, “As ilhas do Porto - Reabilitar os seus (pre) conceitos”, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, pág. 43

244 ABBOTT, John in *Shack chic: innovation in the shack-lands of South Africa*, London: Thames & Hudson, 2002

a memória de um lugar passado continua a sentir-se nos dias de hoje, apropriada pelos mais recentes moradores. Esses que, apesar de recém-chegados, identificam de imediato como a maior vantagem da *ilha* a vivência em comunidade e o sentimento de entre-ajuda.

É através desses depoimentos que, apesar de esse sentimento nem sempre ser geral, principalmente nos tempos de hoje, se acredita que as *ilhas* são lugares carregados de um sentido comunitário com futuro e com capacidade de reinvenção.

“Persistem na cidade quase mil *ilhas*, espaços coletivos de habitação popular. Nelas residem mais de dez mil portuenses, quantas vezes em condições que agora é possível, de forma objetiva e com conhecimento de causa, classificar como inadequadas. Significa isto que as *ilhas* são um mal a erradicar? Não necessariamente, ou até, de forma mais direta, não. O esforço de requalificação e regeneração urbana da cidade deve, evidentemente, chegar às *ilhas*. Mas não pode nunca esquecer-se que, em muitos casos, elas são habitadas por pessoas que residem há muito tempo no local em questão e que têm o seu quotidiana, de vida e de entre-ajuda, profundamente enraizado.”²⁴⁵

Esse espírito de comunidade e de pertença quanto ao lugar – o lugar pertence-lhes assim como eles pertencem ao lugar- é sentido, não só nas palavras dos moradores, como na utilização do espaço das *ilhas*, onde as individualidades se tornam característica de um ambiente coletivo.

O corredor de acesso às habitações é uma zona comum onde, sem reservas, elementos individuais vigoram: quer sejam eles a roupa que seca no estendal comum, os arrumos que não cabem dentro da casa ou os vasos e decorações que tentam embelezar a entrada e a fachada individual. [94] - [97] É evidente que há cuidado, estima e carinho pela casa. A pobreza da construção parece acentuar a necessidade de expressão

245 MOREIRA, Rui; PIZARRO, Manuel in BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Município do Porto, 2015, pág. 3.

simbólica e de sensação de “lar”²⁴⁶, com mensagens em azulejos, flores e fotografias e até com a cor que cada casa adota, transformando o espaço da *ilha* num lugar comum, porém, cheio de individualidades que co-existem, serena e amigavelmente.

“Uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação entre grupos.”²⁴⁷

[DEPOIMENTOS]

por Germano Silva [O BAIRRO DO CRUZINHO]

“(...) um conjunto habitacional que ainda hoje pode e deve ser considerado, sem favor, como um verdadeiro espaço de cultura operária.

Aliás, o Bairro do Cruzinho, aquele sítio onde cresci e me fiz homem, continua a ser algo de vivo e muito original porque não é uma cópia de nada, mas um produto cultural e cívico dos seus próprios moradores. Ainda hoje, passado todo este tempo, e já lá vai mais de meio século, eu não consigo evocar este lugar da minha infância sem uma pontinha de emoção. (...) aprendi muito com o espírito de solidariedade que foi sempre uma espécie de bandeira da gente do Bairro. Uma solidariedade pura, generosa quanto baste, inteiriça que se palpava nos pequenos grandes gestos e se manifestava com a mesma força, tanto nos trabalhos de preparação de uma festa como na ajuda discreta, mas de cariz profundamente humano, a um vizinho em dificuldades. (...)

Nos dias que correm, um bairro como o Bairro do Cruzinho tem que ser entendido como um símbolo ou emblema dos bairros antigos que não podem ser destruídos, mas sim preservados. Não por serem antigos, mas porque, com outros do seu género e em conjunto com as chamadas zonas históricas, formam o coração das próprias cidades.”²⁴⁸

246 PACHECO, Luis Paulo Novais, “As ilhas do Porto - Reabilitar os seus (pre) conceitos”, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, pág. 42.

247 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, (Trad. Maria Cristina Tavares Afonso), Lisboa: Edições 70, 2011, p.12

248 SILVA, Germano in WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, pág. 5,6

por Júlio Couto [A MINHA ILHA]

“ (...) o corredor era o mesmo que “fazia” o estreito espaço comum a todas as casas da *ilha*, a que cada um ainda resolvia roubar um pouco, para colocar à sua porta a pia de lavar a roupa. (...) E no meio daquela pobreza havia um sentimento de solidariedade que se transmitia de geração em geração. Naquele tempo não havia infantários, nem eram precisos – qualquer das velhas, que não trabalhavam, ficava a tomar conta dos bebés da *ilhas*. (...) Se hoje sou como sou, com uma total disponibilidade para quem de mim precisa e não pode pagar, creio que a minha metade boa vem do tempo em que nasci e vivi com as gentes da minha *ilha*. ”²⁴⁹

por Joana [A ILHA DA JOANA]

“Na *ilha* não se faz muito e quando há aulas é muito sossegada. Aos fins de semana e nas férias, as crianças brincam e correm de um lado para o outro, ouvindo-se muito baralho. Na *ilha* da minha avó são só velhotes e está sempre tudo muito calmo, conta a Joana, para quem a sua *ilha* é muito mais animada. Aqui as pessoas costumam fazer a festa sozinhas e não é só no S.João que a *ilha* fica cheia de gente! Em qualquer altura do ano, quer dizer, no inverno não tanto, costumam reunir-se todos aí fora e fazem muito barulho, riem-se e ficam a conversar até muito tarde. Muitas vezes quero dormir e não consigo. ”²⁵⁰



[98]- Ilha do Lampião, Porto, 2015

249 CORREIA, Couto in WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, pág. 7, 10

250 Depoimento recolhido por Sara Sequeiros, WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, pág. 94

REGISTOS

DA MEMÓRIA COLETIVA
HABITAR NA ILHA DO LAMPIÃO

MUNDO DOIS

A Ilha do Lampião, na Rua dos Bragas, insere-se naquele que é o modelo-base das *ilhas*. Como tal, o acesso é feito através de uma porta da casa-mãe. Ao abri-la, principalmente nas primeiras visitas, o sentimento é de que estamos a invadir o espaço de outros, onde não é suposto estarmos e onde não pertencemos. É uma situação onde não é compreensível o limite entre público e privado.

Aquela porta, tal como Álvaro Siza descreve a definição de *porta* “exprime o convite e a recusa”²⁵¹. Está entreaberta, na maioria das vezes, mas nunca é certo se somos bem-vindos. Até agora, fui sempre.

Aqui, não há tanto movimento exterior às casas como na *ilha* da Travessa da Póvoa e, portanto, raramente me cruzo com os habitantes. À exceção da D.Laurinha que, apesar dos 80 anos, está sempre ocupada com alguma atividade no exterior.

Contou-me que foi morar para a Ilha do Lampião quando ainda existia o lampião que lhe deu o nome, no meio do corredor de acesso às casas. *Vim para aqui morar com 20 anos, depois de me casar, com os meus sogros e marido. Agora tenho 80 e moro sozinha.*

Mora sozinha na sua casa de não mais de 20m², no entanto, tem família (filha e netos) a viver na casa em frente, na mesma *ilha*. *Eles não me quiseram deixar sozinha e também sempre foi aqui que se habituaram a estar. Fizeram umas obras e no piso de cima já conseguiram meter um chuveiro. Eles lá estão bem lá agora. Ainda bem, que assim vou lá às vezes, que eu com 80 anos já não tenho os movimentos para tomar banho numa bacia.*

Numa das visitas mais recentes à *ilha* do Lampião, apercebi-me que entre o período de tempo em que trabalhei para o concurso e para esta dissertação, duas das casas desocupadas foram transformadas numa só, tal como proposto, e ainda com o acréscimo de um 1º piso. Nesse dia, diz-me a D. Laurinha *é o que deviam fazer a todas, pra gente morar melhor.*



[99], [100]- Ilha do Lampião, Porto, 2015/2016



[101]- Casa nº9, Bairro da Travessa da Póvoa, Bonfim, Porto, 2016

REGISTOS

DA MEMÓRIA COLETIVA
HABITAR NO BAIRRO DA TRAVESSA DA PÓVOA

MUNDO DOIS

O Bairro da Travessa da Póvoa não tem porta de entrada. Estamos na rua, viramos a esquina e já estamos no corredor entre as casas.

Ando até ao final do corredor e os habitantes, enquanto nas suas atividades do quotidiano, vão dizendo *boa tarde!*.

Ao fundo vejo um senhor que, tomando a iniciativa, fala comigo. Sinto-me à vontade para lhe perguntar, puxando o assunto que me fez visita-los, se mora na *ilha*. Responde-me que sim. A partir daí começamos uma conversa que durou sensivelmente uma hora.

O Sr. Manuel mora no Bairro da Travessa da Póvoa há 57 anos. Nesse dia tinha 80 anos mas fez questão de frisar que no domingo próximo passava para os 81, orgulhoso.

Mora na casa nº9 com a mulher de 79 anos. Moram juntos, na mesma *ilha*, desde que casaram aos 25 anos. Pelo meio, tiveram um filho que viveu com eles até se casar e sair de casa.

Fomos sabendo, aos poucos, da vida um do outro e, quando refiro que sou de Amarante, e sem ter que ter a ousadia de pedir, o Sr. Manuel convida-me a entrar em casa. Abre a porta e diz à mulher - *Vou apresentar-te a uma menina que é da tua terra!*.

Entre uma conversa simpática sobre tudo um pouco, sentada no “corredor” que serve de sala de jantar e sala de estar, pude ver quão mínima é a casa – nada que fosse novidade. Aproveito para perguntar se a casa não é demasiado pequena para ambos: *sim, é pequenina, mas é onde nos encontramos bem. Não trocava por outra.*

Quando alguém responde isto sobre uma casa de, aproximadamente, 25m², sem ventilação e casa-de-banho, não há como negar que o ser humano tem a capacidade de se adaptar a qualquer situação e ser feliz.

A casa tem apenas três espaços: o primeiro serve de entrada, sala e zona de refeições e, ao fundo, a cozinha. Ao lado da cozinha, com uma cortina

a dividir, é o quarto do casal, onde a cama e um armário sufocam o espaço disponível, sem janela. À direita da entrada, mais um quarto, esse com porta e janela, que um dia foi o quarto do filho. Depois passou a ser o quarto do neto que, pela indisponibilidade dos pais, morou e passou muito tempo com os avós. O quarto mantém-se à espera dessas visitas.

Quanto à vida em comunidade, o Sr. Manuel diz que se dá muito bem com a restante população, melhor com uns do que com outros mas dá-se *especialmente bem com a gente nova, que é sempre mais otimista e alegre!*

De facto, mesmo antes de eu chegar, estava o Sr. Manuel a falar entusiasmadamente com a recente vizinha que, na casa dos 20 anos, mudou-se para lá há menos de ano.

Sem eu perguntar, mas no seguimento da conversa, diz-me *para o futuro, mesmo que cá já não esteja, gostava que houvesse mais segurança, mais harmonia entre as pessoas e mais mistura. Quando vim para cá, toda a gente se acudia.*

Despeço-me do Sr. Manuel, com a promessa de que volto um dia e ele agradece a companhia. *Volta quando quiseres!*



As cidades são concentrações de oportunidades, oportunidades de trabalho, de educação, de saúde, de transporte, de recreação. Ao mesmo tempo, concentram massa crítica, criam conhecimento²⁵², em detrimento à periferia e ao subúrbio. Tendo em conta a localização da Ilha do Lampião (privilegiadamente no coração da cidade) e do Bairro da Travessa da Póvoa (não periferia, mas, de qualquer das formas, uma zona periférica a esse centro), é notória a diferença de serviços disponíveis em volta de ambas, assim como a acessibilidade e a sua relação com a cidade. [ver anexos 03 e 04]

Contudo, e apesar dessas diferenças de oportunidades, não deixam, ambas, de ser consideradas “(...) um verdadeiro cancro da cidade”²⁵³. Independentemente da localização, das suas condições e de quem lá vive, as *ilhas* continuam a ser algo marginal à dinâmica da cidade. Muita gente continua a não saber o que são as *ilhas* e quem sabe por vezes esquece. Talvez porque a falta de aspeto, de imagem atraente e publicável de que sofrem as *ilhas*, as desvalorize na sociedade atual.²⁵⁴

“Era algo emblemático, vivir en el medio de la ciudad porque los otros nos llamaban ... Como que si fuéramos un punto negro, dentro de lo que era lo social.”²⁵⁵

Como no caso a que se refere a moradora acima, acerca de aglomerados habitacionais de condições precárias em Iquique, no Chile, as *ilhas* sempre foram vistas de fora como uma realidade desagradável e perigosa para a saúde e segurança públicas, razão pela qual era preciso resolver, tomar medidas de eliminação ou por vezes, adotando uma alternativa de facilidade, esconder e ignorar.²⁵⁶

Durante o século XX, muitas famílias que viviam em *ilhas* foram deslocadas para territórios periféricos. Perderam a ligação com a antiga casa, tiveram

252 ARAVENA, Alejandro in BARATTO, Romullo, *Vídeo: Revolução através do Design*. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8>> Consultado a Julho de 2016

253 SILVA, Germano in WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, p. 5

254 PACHECO, Luís Paulo N.P., *As Ilhas do Porto: reabilitar os seus (pre)conceitos*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p. 39

255 BARATTO, Romullo, *Vídeo: Revolução através do Design*. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8>> Consultado a Julho de 2016

256 PACHECO, Luís Paulo N.P., *As Ilhas do Porto: reabilitar os seus (pre)conceitos*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p. 38

dificuldades em encontrar trabalho e transportes e, acima de tudo, foram privados das relações pessoais que mantinham com a vizinhança anterior. “Isto antes do 25 de abril (...). Após o desalojamento da *ilha* ou da casa, a distribuição das famílias pelos bairros fazia-se de acordo com critérios bem precisos: jugular estados de revolta, desfazer cumplicidades e controlar solidariedades, ainda que assentes na simples relação familiar! Era por isso que os antigos vizinhos na *ilha* raramente eram colocados no mesmo bairro e quase nunca no mesmo bloco.”²⁵⁷ Por mais que essas situações façam parte do passado, é inegável que quanto mais deslocamos a população do seu sítio, mais se reforça o estigma de exclusão.²⁵⁸

Em vez disso, é, pois, necessária uma maior abertura e comunicação entre a cidade e a vida das *ilhas* portuenses, dando-lhes uma nova oportunidade. É necessário que estas não façam mais parte da percentagem de espaços esquecidos e segregados da rua e que, pelo contrário, a sua população usufrua do “direito à cidade”²⁵⁹ e de condições salubres de habitação.

Se os direitos da centralidade e da mobilidade não forem universais, a cidade não é democrática²⁶⁰ e esse problema da defesa da centralidade como direito foi, já, tema durante o programa SAAL Norte, decorrido entre 1974 e 1976, com tradução prática nas 374 habitações construídas com vista à consolidação e ordenamento da cidade.²⁶¹

Ao mesmo tempo, foi considerada a voz da população durante o processo, o que fez das suas vontades uma condicionante a ser respeitada no projeto. Uma delas foi a reivindicação do direito ao centro da cidade. Hoje, aquela que provavelmente as pessoas mais querem e precisam, não é uma casa nova, mas melhoramentos no conforto e salubridade das que existem e lhes pertence.²⁶² O que se pretende é uma cidade em que todos têm o igual direito ao centro histórico, onde se admitem vários estratos sociais de moradores, várias faixas etárias e várias funções urbanas; uma cidade onde novos tipos de habitação

257 FERNANDES, Manuel Correia, *As ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, p.34

258 ABBOTT, John in *Shack chic: innovation in the shack-lands of South Africa*, London: Thames & Hudson, 2002

259 LEFEBVRE, Henry. título do livro *O direito à cidade*, São Paulo: Centauro Editora, 2001

260 BORJA, Jordi, MUXÍ, Zaida, *El espacio publico: ciudad y ciudadanía*, Barcelona: Electa, 2003, pág 28

261 ALVES COSTA, Alexandre, in BANDEIRINHA, José António, *O processo SAAL: arquitetura e participação, 1974-1976*, Porto: Serralves, 2014, pág. 83.

262 PACHECO, Luís Paulo N.P., *As Ilhas do Porto: reabilitar os seus (pre)conceitos*, in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004, p. 44

podem referir tipos antigos e, sendo diferentes deles pela forma, assumem o carácter fragmentário da cidade, contrapondo o velho e o novo sem marca de um carácter geral solidificado pelo uso e o tempo”.²⁶³

[QUINTA MONROY, ALEJANDRO ARAVENA]

Por todo o mundo, vários países enfrentam grandes mudanças demográficas, como a migração para as cidades, a longevidade e a diminuição do agregado familiar, e consequentemente o envelhecimento populacional; tudo fatores que afetam diretamente as exigências da habitação.

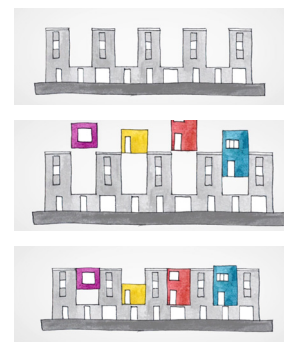
Apesar das décadas de controlo militar e repressão, a América Latina é dos continentes socialmente mais ativos no combate a estas consequências. Grupos comunitários, organizações não governamentais e outras formas de ativismo social irromperam depois da transição para a democracia, com países como o Brasil e o Chile a dar-nos exemplos de orçamentos participativos e programas de melhoramentos urbanos.²⁶⁴

Entre os vários programas, existem duas principais aproximações:

- a) desenvolver novas estruturas de habitação
- b) desenvolver programas de requalificação a aglomerados existentes²⁶⁵

Já falamos de ambas as possibilidades e também já dissemos que ambas poderão ser válidas, dependendo da localização, das condições geográficas e do estado do existente. Agora, damos um exemplo da primeira aproximação: a *Quinta Monroy*, do prémio *Pritzker* 2016, Alejandro Aravena.

O desafio era realojar 100 famílias que durante trinta anos ocuparam ilegalmente um terreno no centro de Iquique, uma cidade no deserto do Chile, em condições precárias e com escassos recursos. Apesar do preço do solo ser três vezes mais caro do que aquilo que, normalmente, a habitação social pode pagar, fazia também parte do desafio não deslocar a população para outras



[104]- Ilustração do projeto da Quinta Monroy do Arq. Alejandro Aravena por Juliana Russo in *Revolução através do Design- Habitação Social: Incremental*, 2014

263 ARELA GOMES, Paulo, citado por ALVES COSTA, Alexandre, in BANDEIRINHA, José António, *O processo SAAL: arquitetura e participação, 1974-1976*, Porto: Serralves, 2014, pág. 83.

264 *AoU Journal*, *Here & Now 2: Urbanism beyond boundaries*, issue 2, p. 12. Disponível em <<http://www.academyofurbanism.org.uk/aou-journal-two/>> Consultado em Agosto de 2016

265 *ibidem*

zonas periféricas mas, sim, mantê-las no lugar onde sempre se habituaram a viver, perto das redes de oportunidades que o centro oferece.

No entanto, o subsídio dado pelo Programa Vivienda Social Dinámica sin Deuda (VSDsD), por família, permitia apenas uma habitação com não mais de 40m², e com ele teria que se comprar o terreno, providenciar as infraestruturas e construir as casas.²⁶⁶

Precisamente pela dificuldade do desafio, o atelier Elemental decidiu incluir os habitantes no processo do entendimento das restrições e começar um processo de projeto participativo, através de *workshops* de construção e apropriação do espaço da *casa* para a população.

A partir daí, testaram várias soluções esquemáticas e perceberam que moradias isoladas abrigariam apenas 30 famílias, casas geminadas, 60 famílias e que talvez a única forma de acomodar 100 famílias seria construir em altura.²⁶⁷

Até que Aravena, sabendo que se considera que uma família de classe média vive relativamente bem em 80m², questionou “porque não considerar 40m² metade de uma casa boa em vez de uma casa pequena?”²⁶⁸

Foi com este pensamento que os Elemental construíram a metade de uma “boa casa” com o dinheiro do subsídio e deixaram a outra metade livre, para expansão futura dos próprios residentes. Por outras palavras, as casas-de-banho e cozinhas, as zonas de maior dificuldade construtiva, foram construídas a cargo do atelier, enquanto que os habitantes se encarregaram da construção dos restantes espaços da casa.

Aravena descreve, assim, este projeto como algo entre um edifício e uma casa. Como edifício, pode pagar por um terreno caro e bem localizado, como casa pode expandir; tendo a convicção de que as famílias, ao não serem expulsas para a periferia, manteriam os seus empregos e que, por isso, a expansão começaria de imediato. E assim foi. Pelas palavras do arquiteto, passou-se de um projeto de habitação social para um projeto de unidades de classe média,

266 ARAVENA, Alejandro, *Ted Talk*, 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o0IOPoe3qlg>> Consultado em Agosto de 2016

267 *ibidem*

268 *ibidem*

construídas pelas próprias famílias em apenas duas semanas.²⁶⁹ Ainda com a vantagem maior de todas as famílias terem permanecido perto do seu local de residência anterior e de todas as oportunidades que a cidade lhes oferece. Para o arquiteto, é um facto que as pessoas estão a mudar-se cada vez mais para a cidade e, apesar de todos os problemas que isso possa desencadear, nomeadamente no sector da habitação, essa é uma boa notícia.²⁷⁰

No entanto, há que pensar sobre esses problemas, um deles, como responder ao processo de urbanização que está a ocorrer a uma escala, a uma velocidade e com uma escassez de recursos que não tem precedentes na história da humanidade?²⁷¹ Aravena não tem a receita mas afirma que, com o desenho certo, os bairros e este tipo de aglomerados de habitação social podem não ser o problema, mas na verdade a única possível solução.²⁷²



[105]- Maquetes realizadas pelos moradores, *Workshop* com Alejandro Aravena, 2003

269 ARAVENA, Alejandro, *Ted Talk*, 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o0I0Poe3qlg>>

270 *ibidem*

271 ARAVENA, Alejandro in BARATTO, Romullo, *Vídeo: Revolução através do Design*. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8>> Consultado a Julho de 2016

272 *ibidem*



[106]- Alejandro Aravena,
Quinta Monroy, 2003

Segue-se um exemplo da segunda aproximação “b) desenvolver programas de requalificação a aglomerados existentes”, desenvolvido até ao ponto da obrigatória pausa em que consiste a conclusão desta dissertação.

Apresentar-se-á um conjunto de intenções que, numa nova experiência, tentam responder ao tema que motivou todo este trabalho: *uma sociedade para todas as idades*, no desenvolvimento da qual estes dois *mundos* constituíram não referências diretamente traduzidas na solução, mas antes conhecimento e aprendizagens essenciais, e muitas vezes “inconscientes”, tal qual uma “caixa de ferramentas”.

O último e terceiro *mundo* é, por isso, resultado dos *mundos* anteriores e, apesar de definir o ponto final da dissertação, consiste no início de um projeto que poderá tomar contornos reais e, acima de tudo, bem diferentes dos aqui apresentados porque, aí, existirão outras tantas implicações da realidade. Como tal, este é, em conjunto com todo o estudo teórico, apenas o primeiro momento de entendimento do Bairro da Travessa da Póvoa. Pois que, neste tipo de núcleos de habitação, se lhes dedicarmos o pensamento suficiente, se examinarmos a situação bem de perto, entenderemos na sua totalidade as suas capacidades e características e saberemos, depois, atuar de forma consciente e consistente - e, assim, ao trabalhar sobre material existente, poderemos criar uma verdadeira cidade bela.²⁷³

273 Entrevista de Mathieu Wellner a Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, *Reduce, Reuse, Recycle*, 13th International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, 2012. Disponível em < <https://www.lacatonvassal.com/data/documents/20130415-18380412ReduceReuseRecycle.pdf> > Consultado em Setembro de 2016

MUNDO TRÊS

“ A tentativa de solução revela-se muitas vezes errónea (...) E então seguem-se novas tentativas de solução, novas tentativas.”²⁷⁴

²⁷⁴ PPOPPER, Karl, *Em busca de um mundo melhor*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 2ª edição, Trad. T. Curvelo, Junho 1989, p.11

[107]- Corte AA' - 1:1000



[108]- Corte BB' - 1:1000

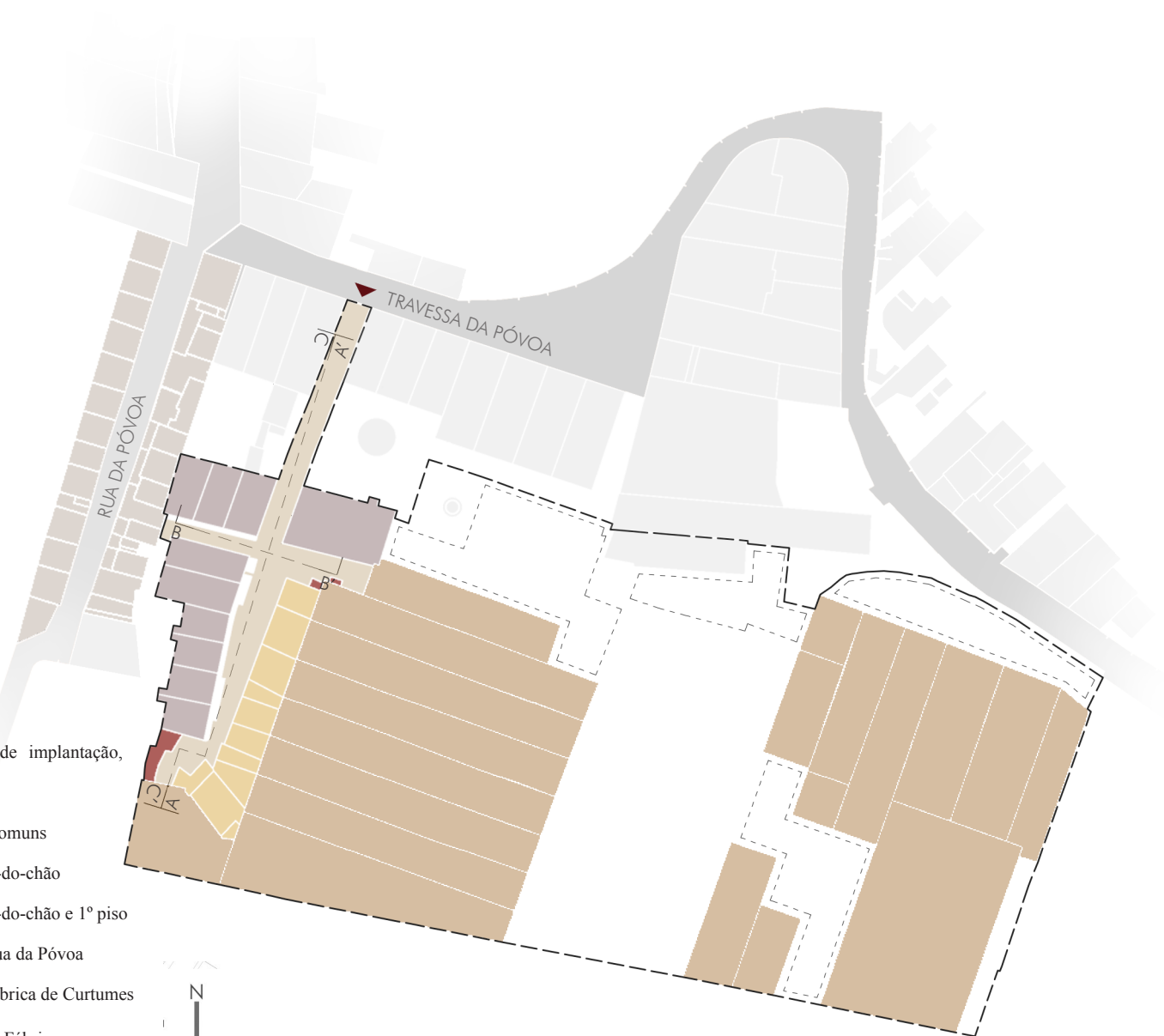


[109]- Corte CC' - 1:1000



[110]- Planta de implantação,
escala 1:1000

- Latrinas comuns
- Casas rés-do-chão
- Casas rés-do-chão e 1º piso
- Ilha da Rua da Póvoa
- Antiga Fábrica de Curtumes
- Ruínas da Fábrica



INTENÇÕES

PARA O BAIRRO DA TRAVESSA
DA PÓVOA

MUNDO TRÊS

Para a proposta de intervenção no Bairro da Travessa da Póvoa não há um programa estipulado ou desejado pelos proprietários, apenas a vontade de manter uma herança familiar, dinamizando-a em vez de a condenar à degradação, e de melhorar a habitabilidade da *ilha*.

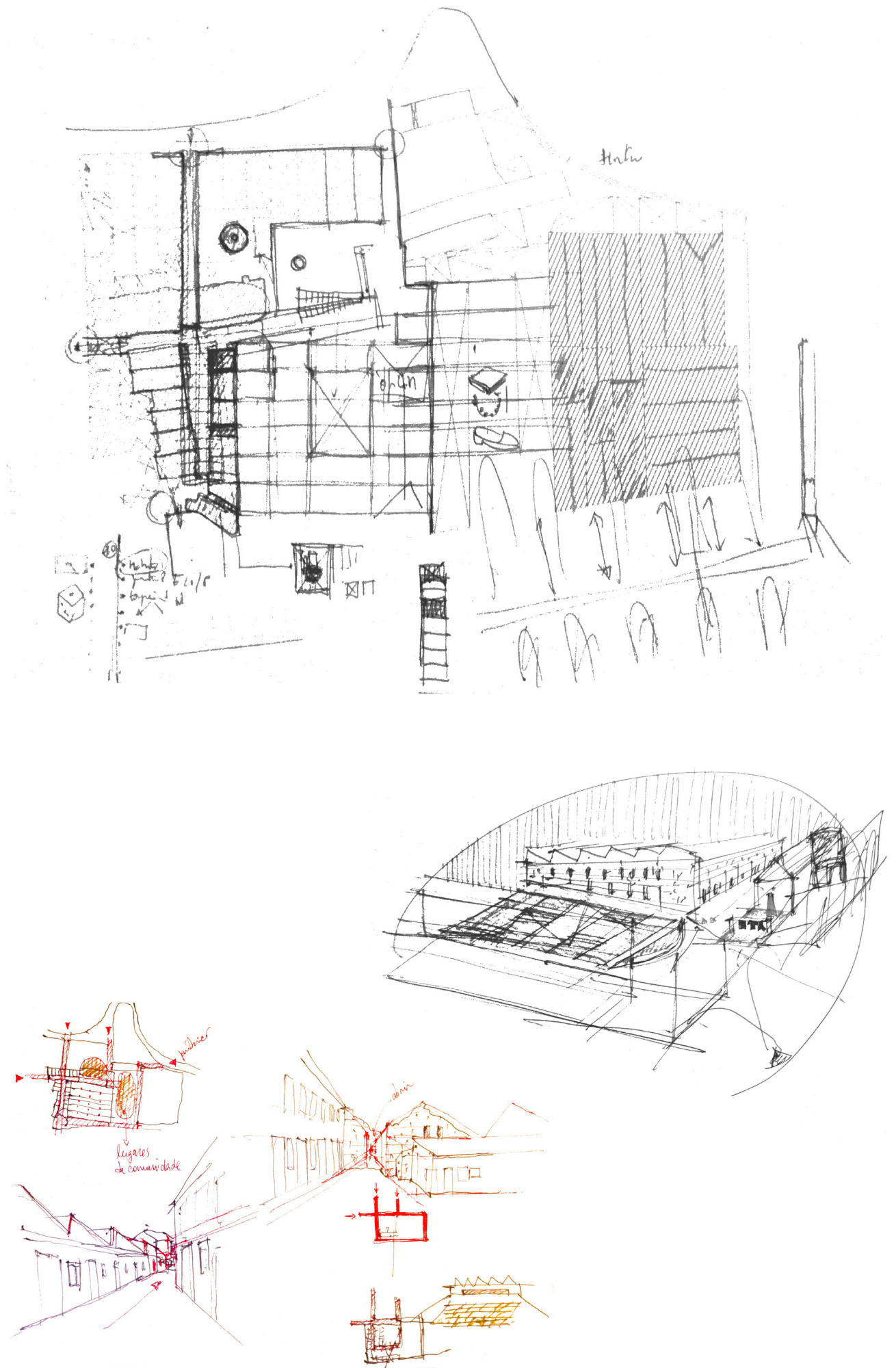
É, portanto, uma proposta que se pretende, acima de tudo, humana; onde os principais beneficiários devem ser os moradores e a população envolvente.

Depois de uma primeira experiência, depois da investigação suportada por casos de estudo que inspiram e ensinam, e depois do contacto próximo com as pessoas que aí moram, surge uma nova primeira experiência. Uma experiência que tenta ser pouco evasiva, não esquecendo que a população tem hábitos enraizados e intrinsecamente ligados ao espaço e que esse mesmo espaço é dotado de uma identidade coletiva que foi sendo construída e que se quer respeitar. E no fundo, é isso que se torna tema de projeto, juntamente com o tema *Uma sociedade para todas as idades* que incentivou e proporcionou esta oportunidade.

Hoje, ao Bairro da Travessa da Póvoa acede-se por uma entrada na Travessa da Póvoa, num vazio a partir do qual se estende uma série de casas burguesas que tornam o alçado sul da Travessa numa verdadeira prova daquilo que é o Porto. Ali tão escondida entre uma série de ruelas apertadas e sinuosas.

As casas tipicamente de *ilha* que se mantêm são apenas 7, dentro das 31 existentes – um piso, uma janela e uma porta, com a particularidade de um alçado marcado pelo desenho dos telhados da fábrica que partilha com as casas a parede traseira. Entre as restantes, algumas têm já um primeiro piso e a outras acede-se por uma porta e um vão de escadas para o 1º piso, e único, da casa.

Ao lado, na Rua da Póvoa, há outra *ilha* onde o corredor central de acesso às habitações é também rua acessível a carros e onde, por esse motivo, não se



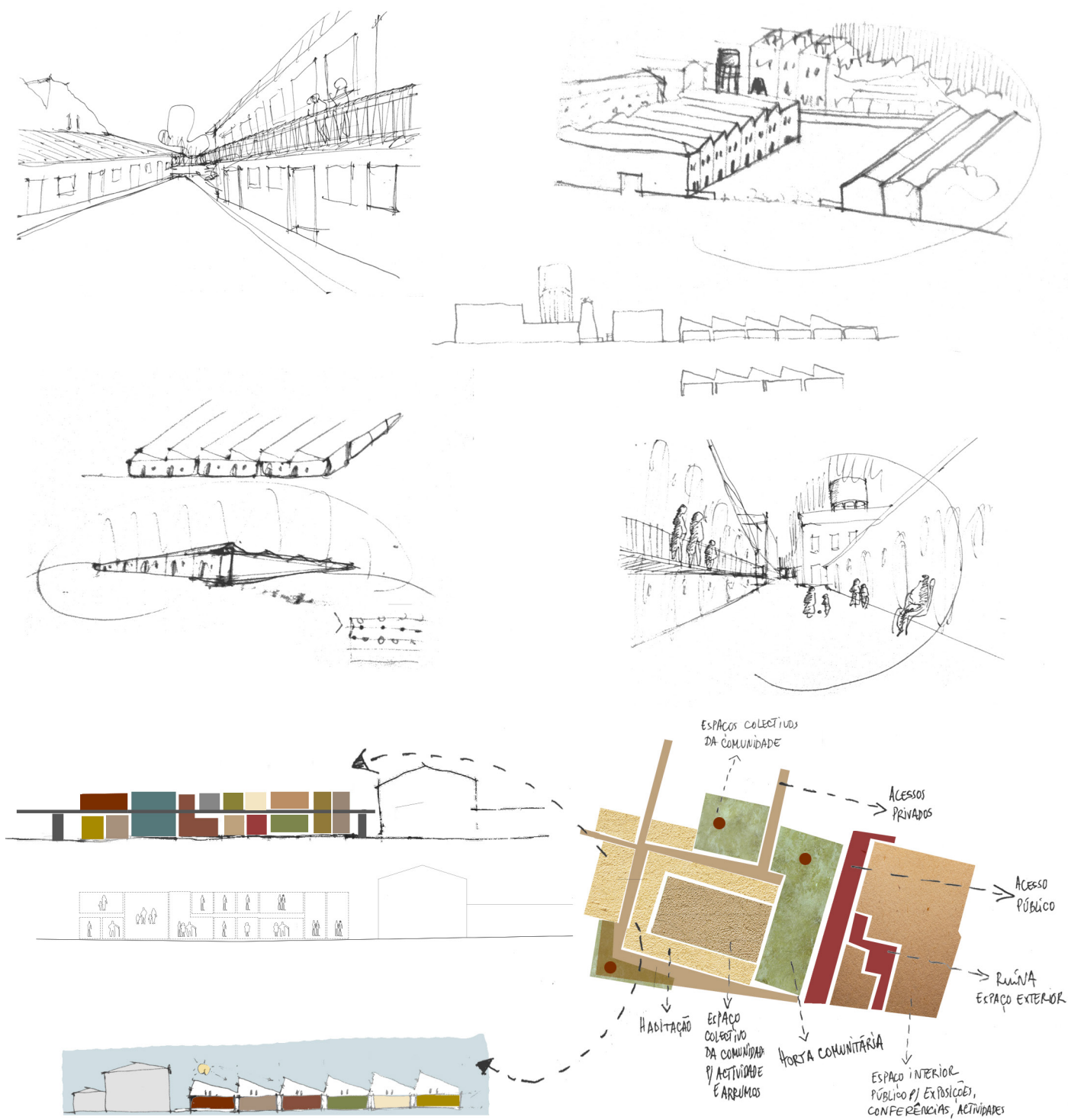
[111]- Esquços da proposta
para o Bairro da Tr. da Póvoa

sente o espírito de comunidade tão característico destes aglomerados. A falta do espaço comum, por mais estreito que possa ser, faz toda a diferença.

Assim se dá valor a esse espaço nesta proposta, experimentando a sua multiplicação e extensão: apontamos mais hipóteses de entradas no espaço da *ilha*, “abrindo-a” ao espaço público e à relação com a *ilha* contígua. A esses novos corredores também se associam novas habitações, de um só piso, no espaço da fábrica e desenhando um U, onde a base são as casas rés do chão já existentes e a abertura se vira para um espaço de uma horta comunitária. Todos podem ter aí o seu espaço de cultivo e no “miolo” da fábrica que sobra da subtração do U de habitações, um espaço de ofícios e de arrumos. Acima do espaço da horta, propomos uma zona de brincadeiras para os mais novos e, ao lado, uma outra zona de convívio onde vigoram elementos de uma vivência e memória coletivas – a antiga chaminé da fábrica de curtumes, a vista para o antigo depósito de água e ao lado uma estrutura de estendais que simboliza a apropriação de um espaço comum para uso das várias individualidades.

No segundo volume de fábrica, e o mais afastado das habitações, abrimos a possibilidade de se tornar numa estrutura de uso público, gerida pelos habitantes e pelos proprietários, com uma entrada independente. Esse conjunto é o mais degradado, tendo já algumas parcelas em ruína - uma ruína que quase se torna poética, contrapondo-se à reutilização da outra metade da fábrica e que, por isso, pomos, numa pequena área, a hipótese de manter.

Ao outro conjunto de casas, já desvirtuado pelo tempo e pela necessidade de aumento de áreas, propõe-se uma galeria externa, que tanto pode servir de varanda para as casas de dois pisos como de corredor de acesso para casas no piso 1. Assim se sugere diversos usos, consoante o número de residentes em cada casa e as suas preferências, a consequente necessidade de áreas e a acessibilidade.



[112]- Esquícios e esquemas da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa

Essa hipótese advém de um pensamento mais amadurecido e influenciado pelos casos estudados de flexibilidade espacial, cuja organização interna e, por vezes, a adição ou subtração de áreas fica a critério dos habitantes; com a certeza que deverá ser algo muito mais recetivo a diferentes famílias e pessoas do que aquela formulada no contexto do concurso *A society for all ages*.

Também em contraste ou complementaridade com o proposto para a Ilha do Lampião e porque, seguramente, cada *ilha* é uma circunstância de características mais ou menos particulares que motivam novas experiências, esta para o Bairro da Travessa da Póvoa é mais centrada no espaço comum e na possibilidade de existência de um programa aberto ao público em geral, por dois motivos: primeiro, pela evidente falta de movimento na envolvente da *ilha*, essencial à integração na dinâmica urbana e, segundo, pela extensa área de espaço desativado e livre associado à área da *ilha*.

“Os espaços urbanos, pela sua forma sensível, criadora de sentido de enquadramento, pelo modo como conduzem ou convidam a parar e identificar-se com o ambiente próximo, podem intervir como catalisadores de subculturas que, através da cultura popular e da ação de comunidades, se procuram fomentar.”²⁷⁵

Assim, e recordando projetos como a *Golden Lane* dos Smithson, as cidades utópicas de Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, os pensamentos de Yona Friedman acerca da *Nova Arquitetura da cidade* e até a conceção da Unidade de Marselha (como síntese dos trabalhos urbanísticos de Le Corbusier), a estruturação da organização funcional da imensa área de intervenção divide-se em três categorias: habitação, espaço comum da comunidade, de lazer e ofícios, e espaço público de programas culturais variáveis, numa gradação desde o mais privado ao mais coletivo.

275 PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, Vol. I A cidade feita e refeita*, Guimarães: DAAUM, 2012, p.151



[113]- Corte CC', escala 1:500



[114]- Corte BB', escala 1:500



[115]- Corte AA', escala 1:500



[116]- Planta de implantação,
escala 1:500

MUNDO TRÊS



[117]- Representação da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa



[118]- Representação da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa

Em esquema, esta disposição pode sintetizar-se em dois eixos ortogonais principais, em que o eixo vertical Norte-Sul dá acesso à maioria das habitações enquanto que o eixo horizontal Este-Oeste, que liga a Rua da Póvoa à Travessa homónima pelo interior da *ilha*, dá acesso aos programas coletivos/públicos. Esta é, portanto, uma proposta, tal como o modelo de *ilha* em si mesmo, de extensão e ligação horizontal, aquela que os Smithson consideram a que mais estimula a coexistência e a partilha entre a vizinhança.²⁷⁶

A mesma extensão horizontal da *Ville Radieuse e Contemporaine* de Corbusier e a mesma consideração do final do eixo principal como “el lugar público e de encontro”²⁷⁷, presente na Unidade de Habitação de Marselha e que, nesse caso, ocupa o terraço que, em certo sentido, também ele é o final dessa “cidade vertical”.²⁷⁸

Esta *ilha*, assim como tantas outras, é como uma “pequena cidade horizontal”, dentro da cidade do Porto - pois que uma cidade é constituída por muitas outras “cidades” menores - que, pelas suas naturais características, pode, de facto, constituir, em si mesma, um exemplo de resposta ao desafio de criação de comunidades multi-geracionais, integradas na vida da cidade em vez de isoladas. A manutenção e valorização dessas características naturais, resumidas na definição de *ilha* de Germano Silva como produto cultural dos seus próprios habitantes²⁷⁹, é o que nos interessa nesta proposta e “mais nos interessa as novas *ilhas* que inventa.”²⁸⁰

Acima de tudo, este é um conjunto de intenções que não se fecha a possibilidades com a conclusão desta dissertação, pelo contrário, o que se segue pode tomar contornos muito diferentes do que é aqui apresentado. É mais uma proposta utópica, tal como o próprio tema que lhe dá corpo, que antecede as que inevitavelmente surgirão no futuro.

E ainda sem resposta concreta (porque não a podemos ou sabemos dar) de como se poderá estimular a construção de *uma sociedade para todas as idades*,

276 HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004, p.62. Disponível em < <https://books.google.pt/books?id=PbT8SWIOHNgC> > Consultado em Julho de 2016

277 MONTEYS, Xavier, *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*, (1ªed.), Barcelona: Serbal, 1996, p. 152

278 *ibidem*

279 SILVA, Germano in WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004, pág. 5

280 COSTA, Alexandre Alves, *A ilha proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas considerações sobre um Título Enigmático*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro, 2002, p.14



[120]- Representação da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa



[121]- Representação da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa



[119]- Representação da proposta para o Bairro da Tr. da Póvoa

feliz e cujo principal objetivo é a qualidade de vida, a convicção que fica é que a vida na cidade, e a cidade em si mesma, é constituída pela heterogeneidade das individualidades, onde, independentemente das idades todos devem ser considerados. E, para além disso, que a permanência do ser humano ao lado das *coisas*, que carregam memória e resumem a sua essência e cultura do habitar, é essencial à qualidade de vida.

Assim, as propostas apresentadas nesta dissertação tiveram a sua importância, mais do que o resultado em si mesmo, em dois pontos: na reflexão teórica que as acompanhou e que fecha este ciclo de estudos com a certeza que com a contribuição dos pensamentos de outros, por mais que a sua índole não seja a mesma da qual nos ocupamos, nos tornamos sempre mais ricos; e na possibilidade de uma primeira experiência profissional que acaba de começar e que nos permitirá continuar a pensar, aprofundar e investigar sobre o modo de vida em comunidade e como desenhar uma casa onde o *processo* de habitar não pertencerá ao arquiteto.

“Acabar. Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução a substituir pela palavra começar.”²⁸¹

BIBLIOGRAFIA

[livros e monografias]

- *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade : exposição Vilanova Artigas arquiteto : Desenho - sessenta e sete desenhos à margem da arquitetura*, (coord.) Rogério Ribeiro, Ana Isabel Ribeiro, Almada: CMA, 2000
- ABBOTT, John in *Shack chic: innovation in the shack-lands of South Africa*, London: Thames & Hudson, 2002
- ARÍS, Carles Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, (2º ed.), Barcelona: Ed. UPC, 2000
- BAHR, Ehrhard, *Weimar on the Pacific: German exile culture in Los Angeles and the crisis of modernism*, Univ of California Press, 2007
- BANDEIRINHA, José António, *O processo SAAL: arquitetura e participação, 1974-1976*, Porto: Serralves, 2014
- BLASER, Werner, *Farnsworth House: Weekend House*, Basel: Birkhäuser: Publishers for Architecture, 1999
- BRANDÃO, Ludmila de Lima, *A casa subjectiva: matérias, afectos e espaços domésticos*, São Paulo: Editora Perspetiva, 2002
- BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Município do Porto, 2015
- BONFATO, Antonio Carlos, *Macedo Vieira: Ressonâncias do modelo cidade-jardim*, São Paulo: Senac, 2008
- CALVINO, Italo, *As cidades Invisíveis*, (13º ed.), (Trad. José C. Barreiros), Lisboa: Teorema, LeYa, 2010
- COHEN, Jean Louis, *Le Corbusier, 1887-1965 : lirismo da arquitetura da era da máquina*, (Trad.) Francisco Paiva Boléo, Koln: Taschen, 2005
- CRINSON, Mark, *Picturesque and Intransigent: 'Creative Tension' and Collaboration in the Early House Projects of Stirling and Gowan*, Architectural History, Vol.50, 2007
- FEDDERSEN, Eckhard; LÜDTKE, Insa, *Living for the elderly: a design manual*, Berlim: Christel Kapitzk, 2012

- FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, (trad. Salma Tannus Muchail), São Paulo: Martins Fontes, 2000
- GASTON, Bachelard, *A poética do espaço*, (3ªed.), São Paulo: Martins Fontes, 1998
- GEBHARD, David, *Rudolph Schindler*, (1ªed. em Castelhano), Barcelona: oikostau, 1979
- HALL, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio d'Água, 1986
- HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004
- LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar- Eduardo Souto de Moura*, V.01, Porto, Edições CIAMH
- LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar- Pedro Ramalho*, V.05, Porto, Edições CIAMH
- LACERDA LOPES, Nuno, *Arquitetura e modos de habitar- Teresa Fonseca*, V.06, Porto, Edições CIAMH
- LE CORBUSIER, *Por uma arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1998
- LE CORBUSIER; GIRAUDOUX, Jean, *A carta de Atenas*, São Paulo: Hucitec, 1993
- LEAL, João, *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre arquitectura popular no século XX Português*, Porto: Fundação Marques da Silva, 2008
- LESBEQUE, Sabine, *Yona Friedman, Structures serving unpredictable*, Rotterdam: NAI Publishers, cop, 1999
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, (Trad. Maria Cristina Tavares Afonso), Lisboa: Edições 70, 2011
- *Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson*, (1ªed.), London: Academy, 1997
- MONTEYS, Xavier, *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*, (1ªed.), Barcelona: Serbal, 1996
- MONTEYS, Xavier, *Le Corbusier. Obras y proyectos*, (Trad. Luiz M.G. Ribeiro e Maria Luíza Tristão de Araújo), Barcelona: Gustavo Gili, 2005
- MOORE, Carly, *Endless house, Frederick Kiesler*, 2010
- MORAES, Vinicius de, *Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro: Editora Autor, 1962

- NIEMEYER, Oscar, *As curvas do tempo- Memórias*, Porto: Campo das Letras, 2000
- NORBERG-SCHULZ, Christian; DIGERUD, Jan, *Louis Kahn, Idea e Imagen*, Madrid: Xarait Ediciones, 1973
- PALLASMAA, Juhani, *Los ojos de la piel, La arquitetura y los sentidos*, (trad. Moisés Puente e Carles Muro), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014
- *Peter Zumthor works: buildings and projects 1979-1997*, Baden: Lars Müller, 1998
- PINTO, Ana Lúcia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas, *Cadernos de História da Arte*, Porto: Porto Editora, v. 2, 2006
- POPPER, Karl, *Em busca de um mundo melhor*, (2ªed.), Lisboa: Editorial Fragmentos, (trad. T. Curvelo), Junho 1989
- POPPER, Karl; LORENZ, Konrad. *O Futuro está aberto*, (2ªed.), (trad. Teresa Curvelo), Lisboa: Editorial Fragmentos, 1989
- PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, Vol.1 A cidade feita e refeita*, Guimarães, DAAUM, 2012, (1ª ed.), Outubro de 2005
- RAMOS, Rui, *A casa: Arquitetura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX Português*, Porto: FAUP, 2010
- RODRIGUES, José Miguel; MENDES, Manuel; RAMOS, Rui, *Fernando Távora: minha casa: da organização do espaço: da harmonia do nosso espaço contemporâneo: uma porta pode ser um romance*, Porto: FIAJMS, 2013
- ROSSI, Aldo, *La arquitetura de la ciudad*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015
- SARAMAGO, José, *As Intermitências da Morte*, Lisboa, Editorial Caminho, 2005
- SILVA, Germano, *Guias das Freguesias do Porto -Cedofeita*, Porto: Edições Afrontamento, 1984
- SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009
- SMITHSON, Alison, *Changing the Art of inhabitation*, (1ªed.), London: Artemis, 1994
- SMITHSON, Alison, *Urban Structuring: studies of Alison & Peter Smithson*, London: Studio Vista, 1967
- STIRLING, James, *James Stirling: buildings and projects*, New York: Rizzoli, 1984
- TAVARES, André; BANDEIRA, Pedro, *Só Nós e Santa Tecla: A Casa de Caminha de Sérgio Fernandez*, Porto: Dafne Editora, 2008

- TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, (4º ed.), Porto: FAUP, 1999
- TÁVORA, Fernando, *O problema da Casa Portuguesa*, Lisboa: João Manuel Leal, 1947
- TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996
- URBANO, Luís. *Entre dois mundos: Arquitetura e Cinema em Portugal: 1959-1974*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto: FAUP, 2014
- WAT, T.W. (2014), *Moments of Spiritual Engagement in Architecture: A search for awareness of life and architecture*, Thesis for the degree of Master of Architecture, Canada: University of Waterloo
- WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004
- WRIGHT, Frank Lloyd, *The Disappearing City*, New York: Stratford Press, W.F. Payson, 1932
- ZABALBEASCOA, Anatxu, *Tudo sobre a casa*, São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013
- ZEINSTRÁ, Jurjen, *House of the Future*, Department of Architecture, TU Delft
- ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitetura*, (trad. Astrid Grabow), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009- AoU Journal, *Here & Now 2: Urbanism beyond boundaries*, issue 2

[artigos e revistas]

- AoU Journal, *Here & Now 2: Urbanism beyond boundaries*, issue 2
- ARAVENA, Alejandro, *Quinta Monroy*, ARQ (Santiago), Santiago, n. 57, p. 30-33, Julho de 2004
- Economic and Social Affairs, World Population Prospects, New York, United States, 2015
- HEIDEGGER, Martin, (1951), *Construir, Habitar, Pensar*- Highlights of the Economic and Social Affairs, World Population Prospects, New York, United States, 2015
- Jornal Arquitectos, nº 195, Março/Abril de 2000
- Jornal Arquitectos, nº 203, Novembro/Dezembro 2001
- Jornal Arquitectos, nº 204, Janeiro/Fevereiro 2002

- Jornal Arquitectos, nº 213, Nov./Dez. 2003
- LACERDA LOPES, Nuno, *Espaço como desejo*, Centro de Investigação sobre modos de habitar, 1º Workshop, Porto: ed. CIAMH, 2004
- *Monocle*, issue 95, V.10, Julho/Agosto 2016
- Revista Replicante, *La casa sin fin, Frederick Kiesler y la arquitectura surrealista*, 10 de Fevereiro de 2012
- Revista Speech, *Affordable Housing*, Dezembro de 2014
- *Reduce, Reuse, Recycle*, 13th International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, 2012
- *United Nations Principles for Older Persons*, 16 de Dezembro de 1991

[documentários e vídeos]

- Alejandro Aravena, *Ted Talk*, 2014- <https://www.youtube.com/watch?v=o0I0Poe3qlg>
- Cândida Pinto, (Prod.) Madalena Durão, *Álvaro Siza Vieira: Vizinhos*, SIC, 2016- <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos>
- Fernando Bellia, (Prod.) Paula Martinelli, *Revolução através do Design - Habitação social: Incremental*, 2014 - <http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8>
- Miguel Gonçalves Mendes, *José e Pilar*, 2010 - <https://www.youtube.com/watch?v=7gtRxhfcFi0>

[sites consultados]

- *Back to back housing, courts, and privies: the slums of 19th century England*, <http://jech.bmj.com/content/60/8/654.full>
- *Back-to-Back Terraces*, <http://www.bbc.co.uk/insideout/westmidlands/series1/back-to-back-houses.shtml>
- *C.F. Møller Architects and Tredje Natur Win Competition to Design Future Sølund*, <http://www.archdaily.com/784090/cf-moller-architects-and-tredje-natur-win-competition-to-design-future-solund>
- Fondation Le Corbusier, *Villa Le Lac* - <http://www.villalelac.ch/en/>
- Instituto Nacional de Estatística, *Censos 2011*, 2011 http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS

- Jornal de Notícias, “*Tesouro*” de 10 milhões está à venda na baixa do Porto- <http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/tesouro-de-10-milhoes-esta-a-venda-na-baixa-do-porto-3138571.html>

- Porto 24, *Recuperar a ilha da Belavista é “um milhão de estrelas” para os moradores*, <http://www.porto24.pt/cidade/recuperar-ilha-da-belavista-e-um-milhao-de-estrelas-para-moradores/>

- Público, *Porto vai tratar das suas “ilhas” mas nem todas terão o mesmo fim*, <http://www.publico.pt/local/noticia/ja-ha-ideias-para-as-ilhas-do-porto-que-vao-da-recuperacao-a-destruicao-1693056>

- SABMag, *2016 National Winner - Grange Triple Double – Toronto*, <http://www.sabmagazine.com/blog/2016/06/09/2016-national-winner-grange-triple-double-toronto-on/>

CRÉDITOS DE IMAGENS

[01] http://www.artchive.com/artchive/h/hopper/morn_sun.jpg.html [02] <http://condicionstemporals.blogspot.pt/2013/03/homes-for-senior-citizens-peter-zumthor.html> [03], [04] fotografias de Shigeo Ogawa in WAT, T.W. (2014), *Moments of Spiritual Engagement in Architecture: A search for awareness of life and architecture*, Thesis for the degree of Master of Architecture, Canada: University of Waterloo [05] http://hichinatour.com/China_City/City_Attractions_36_18.shtml [06] <http://www.beijingsholiday.com/photo/beijing-hutong.html> [07] <http://www.sabmagazine.com/blog/2016/06/09/2016-national-winner-grange-triple-double-toronto-on/> [08]-[11] <http://www.archdaily.com/784090/cf-moller-architects-and-tredje-natur-win-competition-to-design-future-solund> [12] *Jornal Arquitectos*, nº 213, Nov./Dez. 2003 [13] WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto, Panmixia, 2004 [14] TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996 [15] <http://pix-hd.com/victorian+back+to+backs+birmingham> [16] imagem do Google Maps tratada pela autora [17] - [23] fotografias da autora [24] imagem do Google Maps tratada pela autora [25], [26] fotografias da autora [27], [28] panorâmicas tratadas pela autora [29]-[32] fotografias da autora [33], [34] COSTA, Alexandre Alves, *A ilha proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas considerações sobre um Título Enigmático*, in *Jornal Arquitectos*, nº 204, Janeiro/Fevereiro, 2002 [35] <https://www.youtube.com/watch?v=7gtRxhfcFi0> [36] <https://pt.pinterest.com/pin/513832638709397504/> [37] *L'album de exposition du Grand Palais*, Amadeo de Souza Cardoso, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016 [38], [39] LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harnald, *A Housing Design: A manual*, NAI Publishers, 2011 [40] <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=4445&sysLanguage=en-en&itemPos=72&itemCount=78&sysParentId=64&sysParentName=home> [41], [42] fotografias de Petra Simões [43] <http://www.>

allposters.es/-sp/Nino-geopolitico-mostrando-el-nacimiento-del-hombre-nuevo-Posters_i328735_.htm [44] <https://dprbcn.wordpress.com/2009/09/21/endless-house-frederick-kiesler/> [45] <http://save-image.com/images/schindler> [46] fotografia de Grant Mudford in 2G, Revista Internacional de Arquitectura, nº7, 1998 [47] <https://www.flickr.com/photos/ofhouses/16086790957> [48], [49] LESBEQUE, Sabine, Yona Friedman, *Structures serving unpredictable*, Rotterdam: NAI Publishers, cop, 1999 [50], [51] <http://designobserver.com/article.php?id=30508> [52] SMITHSON, Alison, *Changing the Art of inhabitation*, (1ªed.), London: Artemis, 1994 [53], [54] HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004 [55], [56] <http://www.darchitectures.com/rideau-reflexions-sur-la-rehabilitation-de-la-tour-bois-le-pretre-paris-xviie-a620.html> [57], [58] <http://www.lacatonvassal.com/?idp=56> [59] <http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8> [60] <http://www.archdaily.com.br/br/781197/ilustracoes-das-cidades-invisiveis-de-italo-calvino> [61] <http://paleofuture.gizmodo.com/broadacre-city-frank-lloyd-wrights-unbuilt-suburban-ut-1509433082> [62] <https://pt.pinterest.com/pin/203717583114383699/> [63], [64] HEUVEL, Dirk van den; RISSELADA, Max, *Alison and Peter Smithson, From the House of the Future to the House of Today*, Rotterdam: 010 Publishers, 2004 [65], [66] <http://www.yonafriedman.nl/> [67], [68] LESBEQUE, Sabine, Yona Friedman, *Structures serving unpredictable*, Rotterdam: NAI Publishers, cop, 1999 [69] fotografia da autora [70] - [85] imagens e representações de projeto, da autora [86] <http://www.dalipaintings.net/the-anthropomorphic-cabinet.jsp> [87] *L'album de exposition du Grand Palais, Amadeo de Souza Cardoso*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016 [88] fotografia da autora [89] - [93] <http://www.drawingmatter.org/from-the-sketchbook-of-james-gowan-the-expandable-house/> [94] - [103] fotografias da autora [104] <http://www.archdaily.com.br/br/751232/video-revolucao-atraves-do-design-himawari8> [105] <http://www.designother90.org/wp-content/uploads/2012/11/e-8reworkshop41.jpg> [106] http://www.elespanol.com/cultura/20160219/103489909_0.html [107] - [121] imagens e representações de projeto, da autora

ANEXOS

[01]

INTERNATIONAL STUDENT DESIGN COMPETITION 2016 CYCLE

“INTEGRATED COMMUNITIES: A SOCIETY FOR ALL AGES”

Background:

The competition is sponsored by the International Council for Caring Communities (ICCC) in cooperation with the United Nations Programme for Human Settlements (UN-HABITAT) and United Nations Ageing Unit, Department of Economic and Social Affairs (DESA), Fortune Global Holding, Ltd, and other partners. The Association of Collegiate Schools of Architecture (ACSA) endorses the competition. The competition was first established in 1994 and winning entries exhibitions including Chile for the Americas; Hungary for Central and Eastern Europe; Spain for the 2nd World Assembly on Ageing; China and Thailand for the Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP); Ireland and Japan, and at United Nations Headquarters in New York in conjunction with the United Nations Commission for Social Development.

The Competition invites architecture students around the world to apply their creative talents toward developing solutions, which integrate older persons seamlessly into the fabric of the community and include them in all social, cultural, and productive activities. This competition was founded by the late architectural historian Dr. Albert Bush Brown in 1994. It is typically held in conjunction with a concurrent international conference held at the United Nations in New York dealing with “*Caring Communities for the 21st Century: Imagining the Possible*”.

A Sleeping Giant is being awakened; “The Agequake” is here! Every month around the world over 1.2 million people turn 60 years old, with fastest growth in developing countries. The number of older persons, who are living in cities, towns, suburbs, and rural areas around the world, is increasing. By the year 2030 the number of people over 60 will reach 1.4 billion. In some developed countries by the year 2050 the number of older persons will outnumber children (1-14) by 2:1. These dramatic demographic shifts pose serious design and planning challenges. Most communities are not prepared for a rapidly ageing population. Therefore, it is useful for this competition to offer ideas, novel approaches and innovative concepts, which could inform the global search for solutions. The goal is to find many ways of accommodating and integrating older people as full and productive members of their respective communities.

As an NGO (non-governmental organization) accredited to the United Nations, ICCC promotes cross-sectoral approaches to questions of ageing, encourages interchanges between young and old, and fosters connections between business, academia, government, NGOs and community organizations. The competitions, conferences and publications sponsored by ICCC are all vehicles for raising awareness, for publicizing innovative projects and for stimulating new thinking about ways to meet the emerging needs an ageing population. ICCC’s mission is to help community’s worldwide address the social, economic and cultural impact of ageing populations in the design and planning for a better quality of life for all ages.

GUIDELINES

Submission entry form available on www.international-iccc.org

Eligibility:

Both undergraduate and graduate students of architecture are eligible to submit an individual or a team project. All submissions clearly identify whether the submission is that of an individual or that of a team of students. All entries must be prepared by bona fide students currently enrolled in an academic program in architecture or in a related field as of 1 December 2015. An affidavit of authorship is a mandatory component of submission. Note that no more than 3 entries may be submitted by any one school.

To enter the competition, an individual or teams of students must register electronically on the www.international-iccc.org entry form. The registrations are due on or before **15 October 2015** and projects must be received by **1 December 2015** and sent to ICCC, 24 Central Park South, New York, N.Y. 10019, USA. No projects received after 1 December 2015 will be judged. Winning projects will be announced during the United Nations Commission for Social Development, February 2016.

Prizes:

Because the competition is open to individuals as well as groups of students, there will be two First Place Awards of \$10,000 USD, two Second Place awards of \$5,000 USD and two Third Place awards of \$2,500 USD. Additional projects in each category may receive honorable mentions. All project submissions will be recognized with a certificate acknowledging a student's participation.

Program:

While some of the needs of older persons are universal, most take vastly different forms based on such differences as culture, political system, social structure, geographic region and demographic context. The instructor and or students may adapt the competition guidelines to reflect the situation in their specific region.

The design competition program and the respective submissions must address a number of key concerns. They include the following issues critical to the success of societal integration of older people:

Key Issues include:

- **Location:** Strategic placement of facilities for older people within walking distance where older persons can contribute and be engaged.
- **Connectivity:** Establishment of physical and possibly electronic connectivity to amenities and services.
- **Symbiosis:** Matching of talents and interests of older people and needs of society.
- **Dignity:** Uphold and preserve the personal rights and personal domain regardless of any reduction in faculties.
- **Access:** Availability of essential services such as healthcare, food, educational facilities, recreational areas, social services and transportation.
- **Security:** Provide a sense of safety in physical and psychological terms.

ANEXOS

[02]



INTERNATIONAL COUNCIL FOR CARING COMMUNITIES, INC.
Better Living ... Adding Life to Years

21 December 2015

Dear Maria Moura de Abreu,

We are pleased to inform you that your team project submitted to the 2016 “International Communities: A Society for All Ages” Competition organized by the International Council for Caring Communities in conjunction with the United Nations Program for Human Settlements (UN-HABITAT) and United Nations Programme on Ageing, Department of Economic and Social Affairs (DESA) received an honorable mention for your project. Your project was well presented and indicated creative solutions to a most complex challenge.

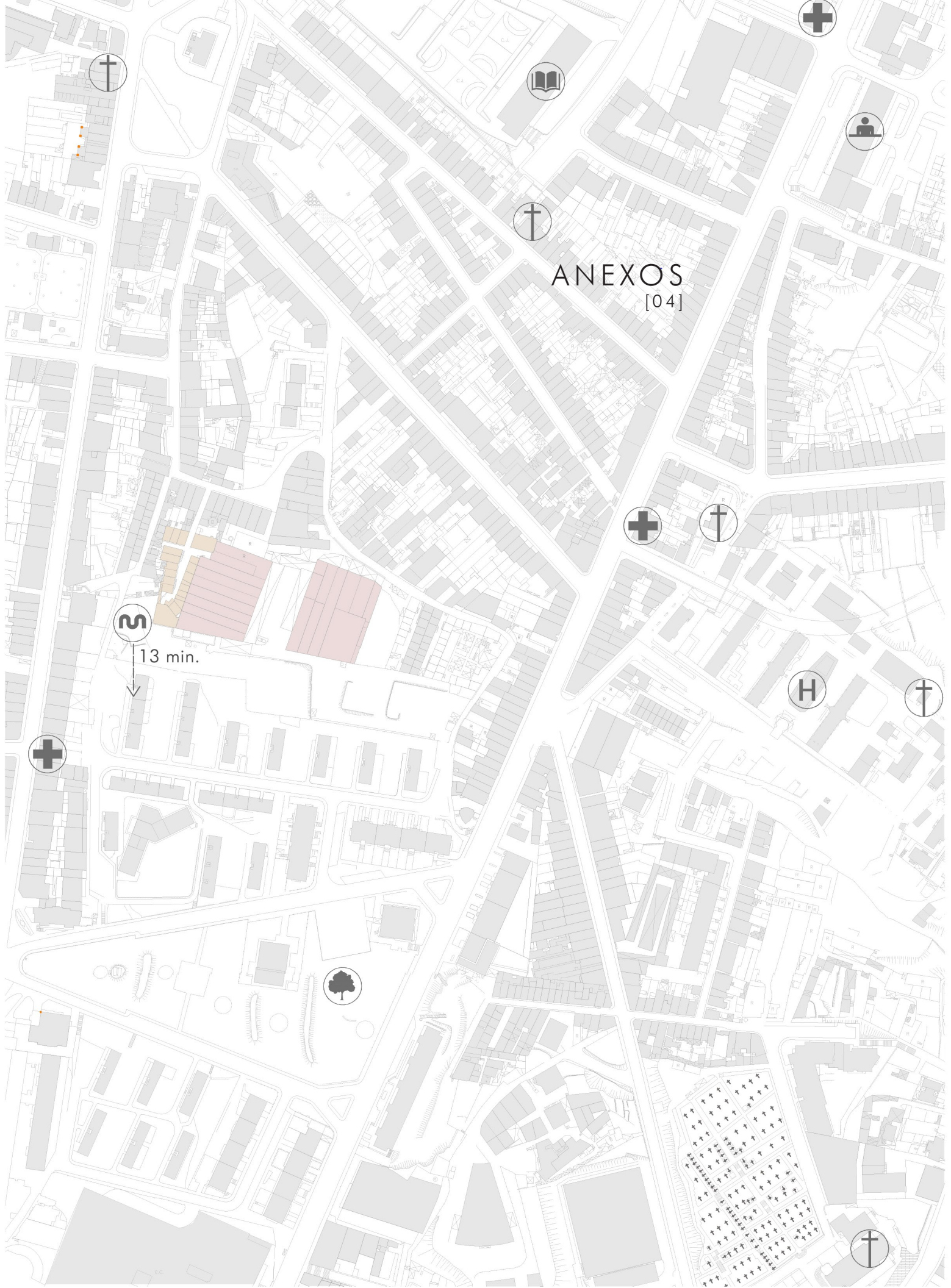
In recognition of your work we invite you to present your project on 1 March 2016 during the “Urban Futures...South Meets North” High-Level Working Session at United Nations Headquarters, New York. Dean Urs Gauchat, Competition Vice Chair and Jury Chair, will moderate the Student Projects panel and we look forward to your presentation. The High-Level Working Session participants include: United Nations Ambassadors, United Nations officials, world leaders, private sector and related experts.

Congratulations! We look forward to greeting you all on Tuesday 1st March 2015 at the UN. Please enter the UN gate on 45th and First Avenue at 9:00am. The winners will meet on Monday 28th February for an informal gathering at 24 Central Park South at 6:30pm.

Sincerely yours,

Professor Dianne Davis, Founding President





ANEXOS

[04]

M
13 min.

